

INSTRUÇÃO PRÁTICA

SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

Allan Kardec



TRADUÇÃO: **Ery Lopes**

LUZ ESPÍRITA

Instrução Prática Sobre as Manifestações Espíritas

Allan Kardec (1804-1869)

Título original em francês:

Instruction Pratique sur les Manifestations Spiritiques

Originalmente publicado em julho de 1858

Paris, França

Tradução: Ery Lopes

Com base da 1ª edição – [ebook](#).

Versão digital 1.0

11 de março, 2024

São Paulo – SP, Brasil

Não nos importamos com os direitos autorais.

Esta tradução pode ser copiada e reproduzida, impressa e até comercializada, sem prévia autorização ou mesmo sem citar a fonte.

Apenas pedimos que seja mantida a fidelidade do texto.

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita



www.luzespirita.org.br

INSTRUÇÃO PRÁTICA SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

Allan Kardec

Tradução:

Ery Lopes



Não nos importamos com os direitos autorais.
Esta tradução pode ser copiada e reproduzida, impressa e até comercializada,
sem prévia autorização ou mesmo sem citar a fonte.
Apenas pedimos que seja mantida a fidelidade do texto.

Nota do tradutor

A necessidade de estudar constantemente a obra de Allan Kardec, para aprender e fortalecer nossos aprendizados doutrinários espíritas — o que, aliás, constitui uma satisfação para nós — serviu de ensejo para cuidarmos desta tradução, que também é motivada pelo desejo de ofertarmos mais uma opção aos nossos confrades e demais estudiosos do Espiritismo, especialmente aqueles que não disponham da fluência na leitura em francês, cumprindo assim o papel essencial do tradutor, qual seja a de ser um facilitador.

Não se ignora a dificuldade natural no trabalho de verter para outro idioma qualquer uma obra de fôlego, tal como esta; acrescente-se aí a gravidade das implicações de uma tradução de *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*, posto que se trata de um livro que contém fundamentos de uma doutrina de cunho científico, filosófico e religioso, doutrina essa tão complexa quanto importante para toda a humanidade. Em face disso, não ousaríamos propor uma tradução perfeita, mas tratamos tanto quanto nos é possível de buscar a máxima fidelidade da mensagem iluminadora e consoladora contida nesta obra monumental.

A revisão desta tradução é contínua, portanto, correções e sugestões de melhorias são bem-vindas. Por conseguinte, solicitamos que o leitor consulte periodicamente a existência de uma edição mais atualizada.

É então ciente desta responsabilidade que este trabalho vem para contribuir com a propagação desta doutrina que abraçamos com amor.

Ery Lopes

Observação: as notas de rodapé de autoria do tradutor estão sinalizadas no final com a inscrição “N. T.”; as demais, sem sinalização, correspondem à tradução das notas de Allan Kardec contidas na obra original.

Apresentação da obra

A publicação de *O Livro dos Espíritos*, em 18 de abril de 1857, atendeu bem ao apelo de uma grande demanda interessada em compreender aquela extraordinária fenomenologia que resultou na moda das Mesas Girantes e deu vida ao chamado Espiritualismo Moderno; ora, repousava naquelas manifestações toda uma filosofia de vida e uma síntese história da essência universal contida numa revelação especial, sublime, que passamos a conhecer pelo nome **Espiritismo**.

Ocorreu, pois, que o autor daquela obra monumental — **Allan Kardec** — então se viu diante de novos apelos, de um público cada vez mais motivado a penetrar no conhecimento da natureza espiritual, especialmente pela oportunidade de ter contato com os Espíritos; de toda a parte do mundo eram-lhe endereças cartas suplicando orientações para uma maneira segura e prática de desenvolvimento das faculdades mediúnicas e as devidas instruções para o exercício das atividades desse gênero.

Foi a propósito dessas súplicas gerais, juntamente com o interesse de propagar a própria Doutrina Espírita, que, enfim, o nosso confrade pioneiro se debruçou sobre este trabalho, que veio a lume em julho de 1858, sob o título *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*.

Nesta composição ficam evidentes a capacidade editorial de Kardec, enriquecidas pela experiência anterior de publicações didáticas, assinadas como Prof. Rivail; ele clássica muito adequadamente os temas principais e tópicos relativos, estruturando a obra de forma a tornar a leitura tão agradável quanto instrutiva, objetivando sem rodeios o desiderato da formação do médium e da útil aplicação das sessões espíritas.

Além das qualidades de escritor, é-nos prazeroso salientar o zelo com a

gravidade do assunto, posto os escolhos que a imprudência enseja na prática mediúnica, pelo que o autor convida os leitores a se atentarem para a questão moral que predomina em todos os aspectos do Espiritismo. E esse cuidado todo carinho também ilustra o amor que o codificador espírita alimentou em favor da causa doutrinária.

O lançamento, obviamente, foi um sucesso; tanto que sua caixa-postal foi reforçada com pedidos de novas reimpressões. Nesse ínterim, porém, novas pesquisas e experimentações a respeito da mediunidade vinham requisitar o autor a novos desenvolvimentos teóricos; estava claro que, embora o volume de *Instrução Prática* já fosse bastante esclarecedor, era preciso pensar num trabalho maior, que viesse contemplar as novas observações acerca não só do campo mediúnico, mas da doutrina em geral.

Por esta razão foi que Allan Kardec abdicou de reeditar aquele pequeno manual e então passou a se dedicar à obra que seria lançada em 1861, sob o título *O Livro dos Médiuns*, da qual hoje se diz comumente que o opúsculo *Instrução Prática* é seu protótipo.

De forma prática, o novo livro substitui o trabalho anterior, até porque ele abrange todos os temas contidos no anterior, inclusive alguns parágrafos inteiros de *Instrução Prática* foram aproveitados na obra subintitulada *Guia dos Médiuns e dos Evocadores*. Não obstante, julgamos ser muito interessante que os estudiosos conheçam este lançamento, com o que aqui nos ocupamos, a fim de observar, por exemplo, o processo de desenvolvimento da bibliografia kardequiana, conferindo, de uma edição para outra, a evolução da pesquisa e da disposição dos conceitos doutrinários, pois, ao contrário do que muitos poderiam pensar, a codificação espírita não caiu do céu nem foi ditada prontinha para a transcrição de Kardec; não, absolutamente! Ela é fruto de uma longa e dedicada elaboração, crescendo paulatinamente, passo a passo com as sequenciais revelações que a espiritualidade foi concedendo dia a dia.

Em face disso, empenhamo-nos com satisfação em produzir e em colocar à disposição de todos esta edição, com os votos para que ela seja útil.

Equipe Luz Espírita



Allan Kardec

(1804-1869)

INSTRUCTION PRATIQUE
SUR LES
MANIFESTATIONS SPIRITES

CONTENANT

L'exposé complet des conditions nécessaires pour communiquer avec les Esprits,
et les moyens de développer la faculté médiatrice chez les médiums,

PAR ALLAN KARDEC

AUTEUR DU LIVRE DES ESPRITS et Directeur
de LA REVUE SPIRITE.



Prix : 2 francs.

PARIS

AU BUREAU DE LA REVUE SPIRITE,
8, rue des Martyrs;

E. DENTU, LIBRAIRE, | **LEDOYEN, LIBRAIRE,**
Palais-Royal, 43, Galerie-d'Orléans. | Palais-Royal, 31, Galerie-d'Orléans.

1858

Folha de rosto da edição original, 1858.

Ebook disponível no [Google Books](https://books.google.com/books)

INSTRUÇÃO PRÁTICA SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

CONTENDO

A exposição completa das condições necessárias para se comunicar com os Espíritos e os meios de desenvolver a faculdade mediatrix nos médiuns,

POR ALLAN KARDEC

**AUTOR DE O LIVRO DOS ESPÍRITOS
E DIRETOR DA REVISTA ESPÍRITA**

PARIS
1858

Índice

INTRODUÇÃO – pág. 12

VOCABULÁRIO ESPÍRITA – pág. 16

QUADRO SINÓTICO DA NOMENCLATURA ESPÍRITA – pág. 49

Capítulo I: ESCALA ESPÍRITA – pág. 50

3ª ordem: ESPÍRITOS IMPERFEITOS

2ª ordem: BONS ESPÍRITOS

1ª ordem: ESPÍRITOS PUROS

Capítulo II: MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS – pág. 58

Ação oculta

Evidentes

Físicas

Inteligentes

Aparentes, vaporosas ou tangíveis

Espontâneas

Capítulo III: COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS – pág. 68

Capítulo IV: DIFERENTES MODOS DE COMUNICAÇÃO – pág. 74

Sematologia e Tipologia

Psicografia

Capítulo V: OS MÉDIUNS – pág. 85

Médiuns de influências físicas – Médiuns naturais e Médiuns facultativos

Médiuns escreventes ou psicógrafos

Capítulo VI: PAPEL E INFLUÊNCIA DOS MÉDIUNS NAS MANIFESTAÇÕES – pág. 96

Capítulo VII: INFLUÊNCIA DO AMBIENTE SOBRE AS MANIFESTAÇÕES – pág. 102

11 – Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas

Capítulo VIII: RELAÇÕES COM OS ESPÍRITOS – pág. 106

As reuniões

O Local

Evocações

Espíritos que podemos evocar

Linguagem a ser usada com os Espíritos

Questões a serem endereçadas aos Espíritos

Médiuns remunerados

Capítulo IX: TEMAS DE ESTUDO – pág. 126

Capítulo X: CONSELHOS AOS NOVATOS – pág. 129

Capítulo XI: INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO – pág. 131

INTRODUÇÃO

Muitas pessoas nos pediram para lhes indicar as condições a cumprir e a maneira de proceder para ser um médium. A solução desta questão é mais complicada do que parece à primeira vista, porque implica em conhecimentos preliminares de uma certa extensão; para fazer experiências de física e de química, é preciso primeiramente conhecer a física e a química. As respostas que temos dado a essas pessoas não poderiam conter desenvolvimentos incompatíveis com os limites de uma correspondência; o tempo material, aliás, não nos tem permitido satisfazer a todas as solicitações; foi isso o que nos motivou a publicar essa instrução, necessariamente mais completa do que tudo o que poderíamos escrever diretamente.

Estaria enganado quem pensasse em encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. Se bem que cada pessoa tenha em si mesma os germes das qualidades necessárias para se tornar um médium, essas qualidades existem em graus muito diferentes, e o seu desenvolvimento se deve a determinadas causas que não depende da vontade da pessoa fazê-las brotar. As regras da poesia, da pintura e da música não fazem nem poetas, nem pintores e nem músicos daqueles que não têm o talento para essas artes: as regras apenas orientam a aplicação das faculdades naturais. É o mesmo caso do nosso trabalho; o seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolver a faculdade mediatrix tanto quanto as disposições de cada pessoa assim o permitirem, e sobretudo dirigir sua aplicação de uma maneira útil — desde que a faculdade exista. Mas este não é o único objetivo ao qual nos propusemos. Ao lado dos médiuns propriamente ditos, há uma multidão que cresce a cada dia de pessoas que se ocupam com as manifestações espíritas; guiá-las nas suas observações, apontar-lhes os obstáculos que elas podem e não de

13 – *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*

necessariamente encontrar numa coisa nova, iniciá-las na maneira de dialogar com os Espíritos, indicar-lhes os meios de conseguirem boas comunicações, tal é o círculo que temos de abranger, para não correremos o risco de fazer um trabalho incompleto. Então, que ninguém fique surpreso ao encontrar no nosso trabalho ensinamentos que à primeira vista possam lhes parecer estranhos: a experiência mostrará a utilidade desses ensinamentos. Quem tiver estudado esta obra cuidadosamente compreenderá melhor os fatos de que serão testemunhas; a linguagem de certos Espíritos parecerá menos estranha. Como instrução prática, a nossa obra então não se destina exclusivamente aos médiuns, mas a todos os que também possam ver e observar os fenômenos espíritas.

A ciência espírita repousa necessariamente sobre a existência dos Espíritos e sua intervenção no mundo corporal. Isso hoje é um fato admitido por tanta gente que seria desnecessário qualquer demonstração. Como o nosso propósito é o de guiar as pessoas que desejam se ocupar com as manifestações, supomos que elas estejam suficientemente esclarecidas sobre esse ponto e sobre as verdades fundamentais que decorrem disso, de modo que seja inútil entrar em qualquer explicação sobre esse assunto. É por isso que não as discutiremos e não procuraremos levantar controvérsias, nem refutaremos objeções. Endereçamo-nos apenas às pessoas convencidas ou — com boa vontade — dispostas a se convencer; quanto àquelas que precisam aprender tudo, elas não encontrarão aqui certas demonstrações que talvez poderiam desejar, porque nós consideramos o ponto de partida como admitido. Aos que contestam esse ponto de partida, nós diremos: Vejam e observem quando surgir a ocasião para isso. Se, apesar dos fatos e dos raciocínios, vocês teimarem na vossa incredulidade, nós consideraríamos como tempo perdido aquele que passaríamos querendo vos tirar de um erro no qual vocês certamente se comprazem. Respeitamos vossa opinião, então queiram respeitar a nossa; isso é tudo o que vos pedimos.

Começaremos essa instrução pela exposição dos princípios gerais da doutrina. Embora possa parecer mais racional começar pela prática, nós cremos que não é o caso aqui; há uma convicção moral que só o raciocínio pode

dar; portanto, aqueles que dela adquiriram as primeiras noções pelo estudo da teoria compreenderão melhor a necessidade de certos preceitos recomendados na prática, e para isso terão disposições mais favoráveis. Ao trazer os indecisos de volta ao terreno da realidade, nós esperamos destruir os preconceitos que possam prejudicar o resultado que buscamos, poupar ensaios inúteis, já que eles são mal direcionados ou direcionados para o impossível, além de, enfim, combater as ideias supersticiosas que sempre têm sua fonte na noção equivocada ou incompleta das coisas.

As manifestações espíritas são a fonte de uma série de ideias novas que não poderiam encontrar sua representação na língua usual; nós as exprimimos por analogia, como ocorre no princípio de qualquer ciência; daí a ambiguidade dos termos — causa de inesgotáveis discussões. Com palavras claramente definidas e uma palavra para cada coisa, então nos entendemos mais facilmente; se discutirmos, nesse caso será sobre a essência e não mais sobre a forma. É em vista de alcançarmos esse objetivo e de ordenar essas ideias novas, e ainda confusas, que em primeiro lugar nós damos a todas as palavras — que, por uma ligação direta ou indireta, se relacionam com a doutrina — explicações bastante completas, conquanto sucintas, para fixar as ideias. A ciência espírita deve ter seu vocabulário, como todas as outras ciências. Para compreender uma ciência, é preciso antes de tudo compreender a linguagem; essa é a primeira coisa que recomendamos àqueles que querem fazer um estudo sério do espiritismo. Qualquer que fosse futuramente a opinião particular deles sobre os diversos pontos da doutrina, eles poderiam discuti-la com conhecimento de causa. A forma alfabética permitirá também recorrer mais facilmente às definições e aos ensinamentos que são como a pedra angular do edifício, e que servirão para refutar em poucas palavras determinadas críticas e a prevenir um monte de questões.

A especialidade do objetivo a que nos propusemos indica os limites naturais desta obra. Como a ciência espírita toca em todos os pontos da metafísica e da moral, e até — podemos dizer — na maior parte dos conhecimentos humanos, não é num quadro tão restrito que poderíamos abordar todas as questões, nem discutir todas as objeções. Para os

15 – *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*

desenvolvimentos complementares, nos remetemos a ***O Livro dos Espíritos*** e à ***Revista Espírita***. No primeiro, encontraremos a exposição completa e metódica da doutrina, tal como ela foi ditada pelos próprios Espíritos; na segunda, além da listagem e apreciação dos fatos, encontraremos uma variedade de temas que só o formato de uma publicação periódico pode conter. A coleção dessa revista constituirá o acervo mais completo sobre o assunto, do triplo ponto de vista: histórico, dogmático e crítico.

VOCABULÁRIO ESPÍRITA

Nota do tradutor: a ordem dos vocábulos aqui segue a sequência alfabética do nosso idioma português e, por conta disso, não corresponde exatamente à sequência original. Além disso, colocamos em colchete os termos originais equivalentes ao vocabulário em francês.

Alma [Âme] (do latim *ánima*; do grego *anemos*, sopro, respiração): Segundo alguns, é o princípio da vida material; segundo outros, é o princípio da inteligência sem individualidade após a morte; segundo as diversas doutrinas religiosas, é um ser imaterial, distinto, cujo corpo é apenas o envoltório, que serve ao corpo e conserva a sua individualidade após a morte.

Essa diversidade de acepções dadas a um mesmo vocábulo é uma fonte perpétua de controvérsias que não existiria se cada ideia tivesse sua representação nitidamente definida. Para evitar toda confusão sobre os significados que damos a essa palavra, nos chamaremos:

Alma espírita, ou simplesmente **alma**, o ser imaterial, distinto e individual, unido ao corpo que lhe serve de envoltório temporário; quer dizer, o espírito no estado da reencarnação, e que pertence exclusivamente à espécie humana;

Princípio intelectual, o princípio geral da inteligência comum aos homens e aos animais; e **alma intelectual** esse mesmo princípio individualizado.

Alma universal [Âme universelle]: nome que certos filósofos dão ao princípio geral da vida e da inteligência. (Veja: **Todo universal**).

Anjo [Ange] (do latim *angelus*; do grego *aggelos*, mensageiro): Segundo a ideia comum, os anjos são seres intermediários entre o homem e a divindade, por sua natureza e sua potência, e podendo se manifestar tanto por aviso ocultos quanto por uma maneira visível. Eles não foram realmente criados perfeitos, pois a perfeição pressupõe infalibilidade, e alguns dentre eles se revoltaram contra Deus. Diz-se: bons e maus anjos, anjos das trevas. Contudo, a ideia mais generalizada relacionada a esta palavra

é a da bondade e da suprema virtude.

De acordo com a doutrina espírita, os anjos não são seres à parte e de uma natureza especial; são os Espíritos de primeira ordem, isto é, aqueles que chegaram à condição de Espíritos puros depois de terem experimentado todas as provações.

Nosso mundo não é de toda a eternidade, e muito tempo antes que ele existisse, os Espíritos já tinham atingido esse grau supremo; então os homens acreditaram que aqueles seres sempre foram dessa maneira.

Alucinação [Hallucination] (do latim *hallucinare*, errar): “Erro, ilusão de uma pessoa que acredita ter percepções que realmente não tem.” (Academia) — Os fenômenos espíritas que provêm da emancipação da alma provam que aquilo que é qualificado como alucinação frequentemente é uma percepção real semelhante àquela da dupla vista do sonambulismo ou do êxtase, provocada por um estado anormal, um efeito das faculdades da alma desprendida dos laços corporais. Sem dúvidas, algumas vezes é uma verdadeira alucinação no sentido relativo a esse termo; mas a ignorância e a pouca atenção que até agora se tem prestado a esses tipos de fenômenos fizeram considerar como ilusão aquilo que muitas vezes é uma visão real. Quando não se sabe explicar um fato psicológico, acha-se mais simples qualificá-lo de alucinação.

Aparição [Apparition]: fenômeno pelo qual os seres do mundo incorpóreo se manifestam à visão.

Aparição vaporosa ou **etérea**: aquela é impalpável e inconsistente, e não oferece nenhuma resistência ao toque.

Aparição tangível ou estereotite:¹ aquela que é palpável e apresenta a consistência de um corpo sólido.

A **aparição** difere da **visão** porque ela ocorre no estado de vigília, através dos órgãos visuais, e porque a pessoa tem plena consciência de suas relações com o mundo exterior. A **visão** ocorre no estado de sono ou de êxtase; ela também ocorre no estado desperto por efeito da segunda vista. A **aparição** nos chega pelos olhos do corpo; ela se produz no mesmo lugar onde nos encontramos; a **visão** tem por objeto as coisas ausentes ou distantes, percebidas pela alma no seu estado de emancipação, e enquanto as faculdades sensitivas estão mais ou menos suspensas. (Veja: **Lucidez**, **Clarividência**.)

Arcanjo [Archangel]: anjo de uma ordem superior (Veja: **Anjo**). A palavra **anjo** é um termo genérico que se aplica a todos os Espíritos puros. Se admitirmos que entre eles haja

¹ Ver **Estereotite**, neste mesmo Vocabulário. — Nota do Tradutor (N. T).

diferentes graus de elevação, poderíamos designá-los pelas palavras arcanjos e serafins, usando os termos conhecidos.

Ateu, ateísmo [*Athée, Athéisme*] (do grego *atheos*, derivado de *a* privativo e de *théos*, Deus: sem Deus; que não crê em Deus): o ateísmo é a negação absoluta da divindade. Quem acredita na existência de um ser supremo — quaisquer que sejam os atributos que lhe suponha e o culto que lhe preste — não é ateu. Toda religião se fundamenta necessariamente na crença em uma divindade; essa crença pode ser mais ou menos esclarecida, mais ou menos conforme à verdade; porém, uma religião atea seria um contrassenso.

O ateísmo absoluto tem poucos prosélitos, pois o sentimento da divindade existe no coração do homem ainda que na ausência de qualquer ensinamento. O ateísmo e o Espiritismo são incompatíveis.

Batedor [*Frappeur*] (Veja: *Espírito*.)

Céu [*Ciel*]: no sentido da morada dos bem-aventurados. (Veja: *Paraíso*.)

Clarividência [*Clairvoyance*]: propriedade inerente à alma e que dá a certas pessoas a faculdade de ver sem o recurso dos órgãos da visão. (Veja: *Lucidez*.)

Classificação dos Espíritos [*Classification des Esprits*]: (Veja: *Escala espírita*.)

Comunicação espírita [*Communication spirite*]: manifestação inteligente dos Espíritos tendo por objetivo uma troca contínua de pensamentos entre eles e os homens. Nós as distinguimos entre:

Comunicações frívolas: aquelas que se referem a assuntos fúteis e sem importância;

Comunicações grosseiras: aquelas que se traduzem por expressões que chocam a decência;

Comunicações sérias: aquelas que excluem a banalidade, qualquer que seja o assunto.

Comunicações instrutivas: aquelas que tem por finalidade principal um ensinamento dado pelos Espíritos sobre as ciências, a moral, a filosofia etc.

(Sobre os modos de comunicações, veja: *Sematologia, Tiptologia, Psicografia, Pneumatografia, Psicofonia, Pneumatofonia, Telegrafia humana*.)

Crisíaco [*Crisiaque*]: aquele que está num estado momentâneo de crise produzida pela ação magnética. Essa qualificação é atribuída mais particularmente àqueles nos quais esse estado é espontâneo e acompanhado de uma certa superexcitação nervosa. Os crisíacos geralmente desfrutam da lucidez sonambúlica ou da segunda vista.

Deísta [Déiste]: aquele que crê em Deus, sem admitir culto exterior. Algumas vezes, o *deísmo* é erradamente confundido com o *ateísmo*. (Veja: *Ateu*.)

Demônio [Démon] (do latim *Dæmo*, derivado do grego *daïmôn*, gênio, sorte, destino, manes.): *Dæmones*, tanto em grego quanto em latim, se diz de todos os seres incorpóreos, bons ou maus, e que supostamente possuam conhecimentos e poder superiores ao homem. Nas línguas modernas, esse termo é geralmente tomado no sentido negativo, e sua acepção está restrita aos gênios malfazejos. Segundo a crença vulgar, os demônios são seres essencialmente maus pela própria natureza deles. Os Espíritos nos ensinam que Deus, sendo soberanamente justo e bom, não poderia ter criado seres devotados ao mal e desgraçados por toda a eternidade. Conforme estes Espíritos, não há *demônios* na acepção absoluta e restrita dessa palavra; o que realmente há são Espíritos imperfeitos, que podem se melhorar pelos próprios esforços e pela vontade pessoal. Os Espíritos da nova classe seriam os verdadeiros demônios, se esse termo não implicasse na ideia de uma natureza perpetuamente má.

Demônio familiar [Démon familier]: (Veja: *Espírito familiar*.)

Demonologia, Demonografia [Démonologie, Démonographie]: tratado sobre a natureza e a influência dos demônios.

Demonomania [Démonomanie] (do grego *daïmôn* e *mantéia*, adivinhação): suposto conhecimento do futuro por inspiração dos demônios.

Demonomania [Démonomanie]: variedade de alucinação mental que consiste em acreditar estar possuído pelo demônio.

Deus [Dieu]: inteligência suprema, causa primária de todas as coisas. Ele é eterno, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, e infinito em todas as suas perfeições.

Diabo [Diable] (do grego *diabolos*, delator, acusador, mentiroso, caluniador): segundo a crença vulgar, é um ser real, um anjo rebelde, chefe de todos os demônios, e que tem um poder bastante extenso para lutar até mesmo contra Deus. Ele conhece nossos pensamentos mais secretos, inspira todas as más paixões e assume todas as formas para nos induzir ao mal. De acordo com a doutrina dos Espíritos sobre os demônios, o diabo é a personificação do mal; é um ser alegórico que resume em si todas as más paixões dos Espíritos imperfeitos. Assim como os antigos davam às suas divindades alegóricas determinados atributos especiais (ao Tempo, uma foice, uma ampulheta, asas e a figura de um velho; à Fortuna, uma bandeira sobre os olhos e uma roda sob um pé, e assim por diante), da mesma forma o diabo teve que ser representado sob os

traços característicos da baixeza das inclinações. Os chifres e a cauda são os emblemas da bestialidade, quer dizer, da brutalidade das paixões animais.

Dríades [Dryades]: (Veja: *Hamadriades*.)

Duendes [Farfadets] ² (do latim *fadus, fadu, fada*): Espíritos brincalhões; espécie de duendes, mais traquinas do que malvados, pertencendo à classe dos Espíritos levianos. (Veja: *Lutin*.)

Emancipação da alma [Émancipation de l'âme]: estado particular da vida humana durante o qual a alma, desprendendo-se parcialmente de seus laços materiais, recupera algumas de suas faculdades do Espírito e entre mais facilmente em comunicação com os seres incorpóreos. Essa situação se manifesta principalmente pelos fenômenos dos sonhos, do sonilóquio, da dupla vista, do sonambulismo natural ou magnético, e do êxtase. (Veja esses vocábulos.)

Encarnação [Incarnation]: estado dos Espíritos que revestem um envoltório corporal. Diz-se: *Espírito encarnado* por oposição ao *Espírito errante*. Os Espíritos são errantes no intervalo de suas diferentes encarnações. A encarnação pode ocorrer na Terra ou em outro mundo.

Erraticidade [Erraticité]: estado dos Espíritos errantes, isto é, não encarnados durante os intervalos de suas diversas existências corporais. A erraticidade não é exatamente um sinal absoluto de inferioridade para os Espíritos. Há Espíritos errantes de todas as classes, salvo da primeira ordem, de Espíritos puros, que, não tendo mais que se submeter à encarnação, não podem ser considerados como errantes. Os Espíritos errantes são felizes ou infelizes conforme o grau de sua depuração. É nesse estado que o Espírito, então despojado do véu material do corpo, reconhece suas existências anteriores e as faltas que o afastam da perfeição e da felicidade infinita; é aí também que ele escolhe novas provações a fim de avançar mais rapidamente.

Escala espírita [Échelle spirite]: quadro das diversas ordens de Espíritos, indicando os graus que eles percorreram para chegar à perfeição. Ela contém três ordens principais: Espíritos imperfeitos, bons Espíritos e Espíritos puros, subdivididas em nove classes características para a progressão dos sentimentos morais e as ideias intelectuais.³

² *Farfadet* às vezes é traduzido como diabrete, também como sinônimo de trasgo e lutin. — N. T.

³ Posteriormente, a partir da segunda edição de *O Livro dos Espíritos* (1860), Allan Kardec acrescentou uma classe a essa subdivisão, totalizando então dez classes características de Espíritos. — N. T.

21 – *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*

Os próprios Espíritos nos ensinam que eles pertencem a diferentes categorias, conforme o grau de sua depuração, mas nos dizem também que essas categorias não constituem espécies distintas, e que todos os Espíritos são chamados a percorrê-las sucessivamente. (Veja: os desenvolvimentos relativos ao caráter de cada classe de Espíritos no capítulo especial.⁴)

Esfera [Sphère]: palavra pela qual alguns Espíritos designam os diferentes graus da escala espírita. Eles dizem que se atingiu a quinta ou sexta esfera, assim como outros dizem no quinto e no sexto céu. Da maneira como eles se expressam, poderíamos crer que a Terra é um ponto central rodeado de esferas concêntricas nas quais se cumprem sucessivamente os diversos níveis de perfeição; há até quem ainda fale da esfera de fogo, da esfera das estrelas etc. Como as mais simples noções de astronomia bastam para mostrar o absurdo de tal teoria, ela só pode vir ou de uma falsa interpretação dos termos ou de Espíritos bastante atrasados ainda imbuídos dos sistemas de Ptolomeu⁵ e de Tycho Brahe⁶. Se um homem que você reputa como sábio afirmar uma coisa evidentemente absurda, então você duvidará do conhecimento dele; a mesma coisa deve ser com os Espíritos; é pela experiência que aprendemos a conhecê-los. Portanto, essas expressões são deturpadas, mesmo tomadas em sentido figurado, porque elas podem induzir ao erro sobre a verdadeira significação pela qual devemos entender a progressão dos Espíritos. (Veja: *Reencarnação*.)

Espírita [Spirite]: o que tem relação com o espiritismo.

Espiritismo [Spiritisme]: doutrina fundada sobre a crença na existência dos Espíritos e suas comunicações com os homens.

Espiritista [Spiritiste]: aquele que segue a doutrina espírita.

Espírito [Esprit] (do latim *spiritus*, derivado de *spirare*, soprar): no sentido especial da doutrina espírita, ***os Espíritos são os seres inteligentes da criação e que povoam o Universo fora do mundo material.***

A natureza íntima dos Espíritos é desconhecida por nós; eles mesmos não a podem definir — seja por ignorância, seja pela insuficiência da nossa linguagem. Quanto a isso, nós somos como cegos de nascença perante a luz. Segundo o que eles nos dizem, o Espírito não é material no sentido comum do termo, nem exatamente

⁴ Capítulo I: *Escala Espírita*, nesta obra. — N. T.

⁵ Cláudio Ptolomeu (90-168) foi um notável filósofo grego que se notabilizou pelos seus estudos no campo da matemática, geografia e astronomia. — N. T.

⁶ Tycho Brahe (1546-1601), célebre astrônomo dinamarquês. — N. T.

imaterial no sentido absoluto, pois o Espírito é alguma coisa e a imaterialidade absoluta seria o nada. O Espírito, portanto, é formado de uma substância, mas da qual a matéria grosseira que afeta nossos sentidos não pode nos dar uma ideia. Pode-se compará-lo a uma chama ou centelha cujo brilho varia conforme o grau de sua depuração. Ele pode assumir todas as formas através do perispírito, do qual ele é revestido. (Veja: *Perispírito*.)

Espírito elementar [*Esprit élémentaire*]: Espírito considerado em si mesmo e sem o seu perispírito, ou seja, seu envoltório semimaterial.

Espírito familiar [*Esprit familier*]: Espírito que se liga a uma pessoa ou a uma família — seja para lhe proteger, se for bom, seja para lhe prejudicar, se for mau. O Espírito familiar não precisa ser evocado, pois ele está sempre presente e responde instantaneamente ao chamado que lhe é feito. Frequentemente ele manifesta sua presença por sinais sensíveis.

Espíritos batedores [*Esprits frappeurs*]: aqueles que revelam sua presença através de batidas. Eles pertencem às classes inferiores.

Espiritualismo [*Spiritualisme*]: crença na existência de uma alma espiritual, imaterial, que conserva sua individualidade após a morte, abstração feita da crença nos Espíritos; é o oposto do materialismo. (Veja: *Materialismo*, *Espiritismo*.) É *espiritualista* qualquer um que creia que em nós não seja tudo matéria, mas isso não quer dizer que ele admita a doutrina dos Espíritos. Todo *espiritista* necessariamente é *espiritualista*, porém é possível ser *espiritualista* sem ser *espiritista*; já o materialista não é num um nem o outro. Como são duas ideias essencialmente distintas, faz-se necessário distingui-los por palavras diferentes, para evitar qualquer equívoco. Até para aqueles que consideram o espiritismo como uma ideia quimérica, é preciso ainda lhe designar um vocábulo especial; isso é necessário tanto para as ideias falsas quanto para as ideias verdadeiras, a fim de nos entendermos.

Estereotite [*Stéréotite*] ⁷ (do grego *stéreos*, sólido): qualidade das aparições que

⁷ O vocábulo *stéréotite* não consta nos dicionários tradicionais e provavelmente é um termo criado por Allan Kardec, como um adjetivo aplicável ao que é físico, materializado, capaz de ser tocado (tangível), em oposição ao que é etéreo, sem uma forma corporal materializada o suficiente para ser tangível. A inspiração para este neologismo pode ter sido a palavra *stéréotypie* (estereotipia), que é o nome dado a um antigo processo de impressão gráfica a partir de uma chapa metálica (também chamada de clichê, estereótipo e até estereotipia mesmo) que servia como uma espécie de carimbo para poder reproduzir cópias daquilo que era moldado nesse chapa e que, portanto, solidificava ou materializava ideias (textos e imagens). Como consequência, vertemos o termo francês para o nosso português igualmente usando uma expressão especial: *estereotite*. — N. T.

23 – *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*

adquirem as propriedades da matéria resistente e tangível; diz-se em oposição às aparições vaporosas e etéreas que são impalpáveis. A aparição estereotite apresenta *temporariamente* à vista e ao toque as propriedades de um corpo vivo.

Evocação [Evocation] (Veja: *Invocação*.)

Expição [Expiation]: castigo que os Espíritos sofrem em punição pelas faltas cometidas durante a vida corporal. A expiação, como sofrimento moral, ocorre no estado errante; como sofrimento físico, ela ocorre no estado corporal. As vicissitudes e as tormentas da vida corporal são ao mesmo tempo provações para o futuro e uma expiação para o passado.

Êxtase [Extase] (do grego *ekstasis*, transbordo do Espírito; derivado de *existêmi*, impressionar pela admiração): intensificação da emancipação da alma durante a vida corporal, de que resulta a suspensão momentânea das faculdades perceptivas e sensitivas dos órgãos. Nesse estado, a alma não se prende mais ao corpo senão por laços frágeis, que ela procura romper; ela pertence mais ao mundo dos Espíritos que ela vislumbra do que ao mundo material.

O êxtase algumas vezes é natural e espontâneo; também pode ser provocado pela ação magnética, e, nesse caso, consiste num grau superior de sonambulismo.

Fadas [Fées] (do latim *fata*): segundo a crença vulgar, as fadas são seres semimateriais dotados de um poder sobre-humano; elas são boas ou más, protetoras ou malvadas; podem intencionalmente se tornar visíveis e invisíveis, e assumem todos os tipos de formas. Na Idade Média e nos povos modernos, as fadas sucederam às divindades subalternas dos antigos. Se extrairmos sua história do maravilhoso que a imaginação dos poetas e a credence popular lhe empresta, nela nós encontraremos todas as manifestações espíritas das quais somos testemunhas e que são produzidas em todas as épocas: é incontestavelmente aos fatos desse gênero que essa crença deve a sua origem. Nas fadas encarregadas de presidir o nascimento de uma criança e lhe seguir no curso da vida, reconhecemos sem esforço os Espíritos ou gênios familiares. Suas inclinações mais ou menos boas, e que são sempre o reflexo das paixões humanas, as colocam naturalmente na categoria de Espíritos inferiores ou pouco avançados. (Veja: *Politeísmo*.)

Fatalidade [Fatalité] (do latim *fatalitas*, derivado de *fatum*, destino): destino inevitável. Doutrina que supõe que todos os eventos da vida — e por extensão todos os nossos atos — sejam previamente determinados e submetidos a uma lei da qual nós não podemos escapar. Existem dois tipos de fatalidade: uma proveniente das causas

exteriores que nos atingem e reagem sobre nós, e que podemos chamar de reativa, externa, fatalidade eventual; a outra, que tem sua fonte em nós mesmos e determina todas as nossas ações: é a fatalidade pessoal. A fatalidade, no sentido absoluto do termo, faz do homem uma máquina, sem iniciativa nem livre-arbítrio, e, por conseguinte, sem responsabilidade: é a negação de toda moral.

Segundo a doutrina espírita, o Espírito, escolhendo sua nova existência e o gênero de provação a que deve se submeter, faz disso um ato de liberdade. Os eventos da vida são a consequência dessa escolha e estão em relacionados com a posição social da existência; se o Espírito deve renascer numa condição servil, o ambiente no qual ele se encontrará acarretará acontecimentos totalmente diferentes do que se ele devesse ser rico e poderoso; contudo, qualquer que seja essa condição, ele conserva seu livre-arbítrio em todos os atos de sua vontade, e ele nunca é fatalmente levado a fazer isto ou aquilo, nem a sofrer esse ou aquele acidente. Pelo tipo de luta que escolheu, ele pode ser levado a determinados atos ou a encontrar determinados obstáculos; mas não se diz que isso acontecerá inevitavelmente e que, aliás, ele não o possa evitar pela sua prudência e pela sua vontade; é para isso que Deus lhe deu o senso crítico. É assim para com um homem que, para alcançar um objetivo, tivesse três caminhos a seguir: pela montanha, pela planície ou pelo mar. Na primeira opção ele tem a chance de encontrar pedras e precipícios; na segunda, pântanos; na terceira, enfrentar tempestades; mas não se diz que ele se chocará com uma pedra, que afundará nos pântanos ou que naufragará num lugar e não no outro. A própria escolha da rota nada tem de fatal no sentido absoluto da palavra; por instinto, o homem toma o caminho pelo qual ele deverá encontrar a provação escolhida; se tiver que lutar contra as ondas, seu instinto não o levará a escolher a rota da montanha.

Dependendo do gênero das provas escolhido pelo Espírito, o homem fica exposto a certas vicissitudes; por causa dessas mesmas vicissitudes, ele é submetido a perigos dos quais cabe a ele escapar. Aquele que comete um crime não foi fatalmente levado a cometê-lo; ele escolheu uma vida de desafios que pode incitá-lo ao crime; caso ceda à tentação, terá sido por fraqueza de sua vontade. Assim, o livre-arbítrio existe para o Espírito no estado errante na escolha que faz quanto às provas a que se submete, e no estado de encarnação nos atos da vida corporal. De fatal só há o instante da morte, pois até o gênero da morte também é uma sequência da natureza das provas escolhidas.

Este é o resumo da doutrina dos Espíritos sobre a fatalidade.

Feiticeiros [Sorcières] (do latim *sors, sortis*, feitiço): refere-se primeiramente a indivíduos encarregados de lançar feitiços, e, por extensão, a todos aqueles a quem se atribui um

poder sobrenatural. Os fenômenos estranhos que se produzem sob a influência de determinados médiuns provam que o poder atribuído aos feiticeiros se baseia numa realidade, mas da qual o charlatanismo abusou, assim como explora tudo. Se no nosso século esclarecido ainda há pessoas que atribuem esses fenômenos ao demônio, com mais forte razão deviam acreditar nisso nos tempos de ignorância; o resultado foi que os indivíduos que possuíam — *mesmo sem saber* — algumas das faculdades dos médiuns atuais eram condenadas ao fogo.

Fluídico [Fluidique]: oposto de sólido; qualificação dada aos Espíritos por alguns escritores para caracterizar sua natureza etérea; diz-se: *Espíritos fluídicos*. Acreditamos que essa expressão seja impropria; além disso, ela representa um tipo de pleonasma quase como se disséssemos *ar gasoso*. A palavra *Espírito* diz tudo; ela contém em si mesma sua própria definição, revelando necessariamente a ideia de uma coisa incorpórea; um Espírito que não fosse fluídico não seria um Espírito. Esse termo tem outro inconveniente, que é de assemelhar a natureza dos Espíritos aos nossos fluidos materiais; lembra muito a ideia de laboratório.

Fogo eterno [Feu éternel]: a ideia do fogo eterno, como castigo, remonta à mais alta antiguidade e vem da crença dos antigos que colocavam os Infernos nas entranhas da Terra, cujo fogo central lhes era revelado pelos fenômenos geológicos. Quando o homem pôde adquirir noções mais elevadas sobre a natureza da alma, ele compreendeu que um ser imaterial não podia ser afetado por um fogo material; mas nem por isso o fogo deixou de ser um emblema do suplício mais cruel, e não encontramos uma figura mais enérgica para retratar os sofrimentos morais da alma; é nesse sentido que a alta teologia o entende hoje, e é nessa concepção que também se diz: arder de amor, ser consumido pelo ciúme, pela ambição etc.

Gênio [Génie] (do latim *genius*, formado do grego *gênô*, engendrar, produzir): é nesse sentido que se diz que o homem capaz de criar ou de inventar coisas extraordinárias que é um homem de gênio. Na linguagem espírita, *gênio* é sinônimo de *Espírito*. Dizemos sem fazer diferença: Espírito familiar e gênio familiar; bom e mau Espírito, bom e mau gênio. A palavra Espírito contém um sentido mais vago e menos circunscrito; o gênio é um tipo de personificação do Espírito; nós o figuramos sob uma forma determinada mais ou menos parecida com a forma humana, mas vaporosa e impalpável, às vezes visível e às vezes invisível. Os gênios são os Espíritos nas suas relações com os homens, agindo sobre eles através de um poder oculto superior.

Gênio familiar (Veja: *Espírito familiar*).

Gnomos [Gnomes] (do grego *gnômon*, conhecedor, hábil, derivado de *gnosko*, conhecer):

gênios inteligentes que supostamente habitam o interior da Terra. Pelas qualidades que lhes são atribuídas, eles pertencem à ordem dos Espíritos imperfeitos e à classe dos Espíritos levianos.

Hamadriade [*Hamadryade*] (do grego *ama*, semelhante, e *drûs*, carvalho): ninfa dos bosques, segundo a mitologia pagã. As dríades eram ninfas imortais que cuidavam das árvores em geral, e que podiam vagar em liberdade ao redor daqueles que lhes eram particularmente consagrados. Já a hamadriade não era imortal; ela nascia e morria com a árvore cuja guarda lhe era confiada e que ela jamais podia deixar. Hoje não há dúvidas de que a ideia das dríades e das hamadriades teve sua origem nas manifestações análogas àquelas que testemunhamos. Os antigos, que poetizavam tudo, divinizaram as inteligências ocultas que se manifestam na própria substância dos corpos; para nós, elas não são mais do que Espíritos batedores.

Ideias inatas [*Idées innées*]: ideias ou conhecimentos não adquiridos e que parece que trazemos ao nascer. Há muito tempo se discute sobre as ideias inatas, das quais muitos filósofos combatem a existência, supondo que todas são adquiridas. Se fosse assim, como explicar certas predisposições naturais que muitas vezes se revelam desde a mais tenra idade e com exclusão de todo ensinamento? Os fenômenos espíritas lançam uma grande luz sobre essa questão. Hoje a experiência não deixa nenhuma dúvida sobre esse tipo de ideias que encontram sua explicação na sucessão das existências. Os conhecimentos adquiridos pelo Espírito nas existências anteriores se refletem nas existências posteriores pelo que nomeamos de **ideias inatas**.

Iluminado [*Illuminé*]: qualificação dada a certos indivíduos que afirmam ser esclarecidos sobre Deus de uma maneira particular e que geralmente são considerados como visionários ou cérebros transtornados; diz-se: Seita dos iluminados. Essa denominação tem sido aplicada a todos aqueles que recebem comunicações inteligentes e espontâneas da parte dos Espíritos. Se dentre eles havia homens superexcitados por uma imaginação exaltada, hoje sabemos a parte que deve ser dada à realidade.

Inferno [*Enfer*] (do latim *inferna*, derivado de *infernus*, inferior, que está abaixo, embaixo; subentendido *locus*, lugar: lugar inferior): assim nomeado porque os antigos acreditavam que ele estivesse localizado nas entranhas da Terra. Raramente é dito no plural, exceto na linguagem poética ou falando dos lugares subterrâneos para onde — segundo os pagãos — as almas iam depois da morte. Os infernos consistiam em duas partes: os **Campos Elísios**, morada encantada dos homens de bem, e o **Tártaro**, lugar onde os ímpios sofriam o castigo de seus crimes pelo fogo e pelas torturas eternas.

27 – *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*

A crença referente à posição subterrânea dos Infernos sobreviveu ao paganismo. Segundo a Igreja católica: ***Jesus desceu aos Infernos onde as almas dos justos esperavam sua vinda nos Limbos***. As almas dos ímpios foram lançadas nos Infernos. A significação dessa palavra atualmente é restrita ao recinto dos réprobos; mas o progresso das ciências geológicas e astronômicas já esclareceu a estrutura do globo terrestre e sua verdadeira posição no espaço; o Inferno foi exilado do seu seio, e hoje nenhum lugar específico lhe é assinalado.

No estado de ignorância, o homem é incapaz de compreender as abstrações e de abranger as generalidades; ele não concebe nada que não esteja localizado e circunscrito; ele materializa as coisas imateriais e rebaixa até mesmo a majestade divina. Todavia, à medida que o progresso da ciência positiva vem lhe esclarecer, ele reconhece seu erro; suas ideias — mesquinhas e estreitas que eram — crescem, e o horizonte do infinito se desenrola diante dos seus olhos. É assim que, conforme a doutrina espírita, os sofrimentos do além-túmulo — que só podem ser morais — são inerentes à natureza impura e imperfeita dos Espíritos inferiores; não há inferno localizado no sentido comum ligado a essa palavra; cada qual o carrega em si mesmo pelos sofrimentos que suporta e que não são menos pungentes por não serem físicos; o Inferno está em toda parte e onde há Espíritos imperfeitos. (Veja: ***Paraíso, Fogo eterno, Penas eternas***.)

Instinto [*Instinct*]: espécie de inteligência rudimentar que dirige os seres vivos nas suas ações, à despeito de sua vontade e no interesse de sua conservação. O instinto se torna inteligência quando há uma deliberação. Por instinto nós agimos sem raciocinar; pela inteligência nós raciocinamos antes de agir. No homem, muitas vezes, confundimos as ideias instintivas com as ideias intuitivas. Estas últimas são aquelas que o homem absorveu, tanto no estado de espírito quanto nas existências anteriores, e das quais ele conserva uma vaga lembrança.⁸

Intuição [*Intuition*] (Veja: ***Instinto, Ideias inatas***).

⁸ Posteriormente, no livro ***A Gênese, os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*** (cap. III, desde o item 11), Allan Kardec irá considerar outras teorias sobre a natureza do instinto, sem fechar a questão; uma dessas hipóteses — a qual ele considerou concordante com o Espiritismo no tocante às relações do mundo espiritual com o mundo corpóreo — traz a ideia de que o instinto não seria um atributo da alma individualizada; ou seja, não pertenceria propriamente ao ser vivo, mas seria um efeito de uma ação externa, outra inteligência (Espíritos protetores) a zelar pelo indivíduo ora incapacitado de se governar. A partir disso, evidencia-se que essa inteligência seja antes de tudo a providência divina cuidando de suas criaturas através do trabalho dos seus ministros, os Espíritos protetores, anjos guardiões e até os familiares e amigos encarnados, pelo que ele vai dizer, por exemplo: “Por intermédio da mãe, o próprio Deus vela pelas suas criaturas que nascem.” — N. T.

Inteligência [Intelligence]: faculdade de conceber, de compreender e de raciocinar. Seria injusto negar aos animais algum tipo de inteligência e de crer que eles apenas sigam maquinalmente o impulso cego do instinto. A observação demonstra que em muitos casos eles agem por conta própria e conforme as circunstâncias; mas essa inteligência — por mais admirável que seja — está sempre limitada à satisfação das necessidades materiais, enquanto a do homem lhe permite elevar-se acima da condição da humanidade. A linha de demarcação entre os animais e o homem é traçada pelo conhecimento que este último tem sobre o Ser Supremo. (Veja: *Instinto*.)

Invisível [Invisible]: nome pelo qual certas pessoas designem os Espíritos nas suas manifestações. Essa denominação não nos parece apropriada, primeiro porque, se a invisibilidade é para nós o estado normal dos Espíritos, sabemos que ela não é absoluta, pois eles podem nos aparecer; em segundo lugar, essa qualificação nada tem que caracterize essencialmente os Espíritos; ela é aplicada igualmente a todos os corpos inertes não alcançados pelo sentido da visão. A palavra *Espírito* tem em si mesma uma significação que revela a ideia de um ser inteligente e incorpóreo. Notemos ainda que, falando de um determinado Espírito — por exemplo, o de Fénelon⁹ — nós costumamos dizer: Foi o Espírito de Fénelon que disse tal coisa, e não o invisível de Fénelon. É sempre prejudicial para a clareza e para a pureza da linguagem desviar as palavras do seu próprio significado.

Invocação [Invocation] (do latim *in*, em, e *vocare*, chamar) — **Evocação [Evocation]** (do latim *vocare*, e ou *ex*, de, de fora): essas duas palavras não são exatamente sinônimos perfeitos, embora tenham a mesma raiz, *vocare*: chamar. É um erro lhes empregar uma no lugar da outra: “*Evocar* significa chamar, fazer vir para si, fazer aparecer por cerimônias mágicas, encantamentos. Evocar almas, Espíritos, sombras. Os necromantes pretendiam evocar as almas dos mortos. (Academia)” Entre os antigos, *evocar* era tirar as almas dos Infernos para trazê-las para si.

Invocar é chamar *em* si, ou para o seu auxílio, uma força superior ou sobrenatural. Nós invocamos Deus através da oração. Na religião católica, invoca-se os Santos. Toda prece é uma invocação. A invocação está no pensamento; a evocação é um ato. Na invocação o ser ao qual nos endereçamos nos ouve; na evocação, ele sai do lugar onde estava para vir nos manifestar a presença dele. A invocação só é endereçada aos seres que supomos bastante elevadas para nos ajudar; podemos evocar tanto os Espíritos inferiores quanto os Espíritos superiores. “Moisés proibiu,

⁹ Menção a François Fénelon (1651-1715), famoso teólogo, poeta e escritor francês que, então desencarnado, foi um dos Espíritos que muito contribuíram com a obra espírita de Allan Kardec. — N. T.

29 – *Instrução Prática sobre as Manifestações Espíritas*

sob pena de morte, a evocação das almas dos mortos — prática sacrílega que era usual entre os cananeus. O capítulo 22 do livro II Reis fala da evocação da sombra de Samuel pela pitonisa.”

Como podemos ver, a arte das evocações remonta à mais alta antiguidade; nós a encontramos em todas as épocas e em todos os povos. Outrora a evocação era acompanhada de práticas místicas, seja porque eram consideradas necessárias, seja para se dar o prestígio de um poder superior — o que era mais provável. Hoje sabemos que o poder de evocar não é um privilégio, que pertence a todo mundo e que todas as cerimônias mágicas e cabalísticas não passavam de vão aparato.

Segundo os antigos, todas as almas evocadas ou eram errantes ou vinham dos Infernos, que incluíam — como nós sabemos — os Campos Elísios assim também como o Tártaro; não lhe havia nenhuma má interpretação. Na linguagem moderna, o significado do termo *inferno* tendo sido restrita à morada dos réprobos, ocorreu que, para certas pessoas, a ideia de evocação estava associada à de maus Espíritos, ou demônios; mas essa crença cai à medida que se adquire um conhecimento mais aprofundado dos fatos; com isso, ela é a menos difundida entre todos aqueles que creem na realidade das manifestações espíritas; ela não pode prevalecer diante da experiência e de um raciocínio isento de preconceitos.

Lares [Lares] (Veja: *Manes, Penates*.)

Livre-arbítrio [Libre arbitre]: liberdade moral do homem; faculdade que ele tem de se guiar conforme sua vontade na realização dos seus atos. Os Espíritos nos ensinam que a alteração das faculdades mentais, por uma causa acidental ou natural, é o único caso em que o homem seja privado de seu livre-arbítrio; fora isso ele é o senhor de si mesmo para agir ou não agir. Ele desfruta dessa liberdade no estado de Espírito, e é em virtude dessa faculdade que ele escolhe livremente a existência e as provas que ele acredita que sejam apropriadas para o seu desenvolvimento; conserva essa liberdade no estado corporal a fim de poder lutar contra essas mesmas provas. Os Espíritos que ensinam essa doutrina não podem ser maus Espíritos. (Veja: **Fatalidade**.)

Lucidez [Lucidité]: *clarividência*, faculdade de ver sem o auxílio dos órgãos da vista. É uma faculdade inerente à própria natureza da alma ou do Espírito, e que reside em todo o seu ser; eis por que, em todos os casos em que haja emancipação da alma, o homem tem percepções independentes dos sentidos. No estado corporal normal, a faculdade de ver é limitada pelos órgãos materiais; livre deste obstáculo, ela não fica circunscrita; ela se estende por toda parte onde a alma exerce sua ação; tal é a causa

da visão à distância de que alguns sonâmbulos dispõem. Elas se veem do mesmo local que observam, mesmo que seja a milhares de quilômetros, porque, se o corpo não está lá, a alma de fato está. Pode-se dizer então que o sonâmbulo vê pela luz da alma.

A palavra **clarividência** é mais popular; diz-se lucidez mais particularmente da clarividência sonambúlica. Um sonâmbulo é mais ou menos lúcido, conforme a emancipação da alma seja mais ou menos completa.

Lutin [Lutin]: da antiga palavra *luicter*, lutar, segundo alguns, da qual derivam sucessivamente *luicton*, *luiton*, *luits*, e finalmente *lutin*. Conforme outros, *luicton* seria substituído por *nuicton*, derivado de *nuict*, noite, pois segundo a crença popular os lutins vêm principalmente à noite para atormentar os vivos.

Podemos entender por essa mesma denominação alguns Espíritos ligeiros, mais travessos e traquinos do que malvados; eles se comprazem em provocar pequenos aborrecimentos e pequenas contrariedades; são ignorantes, mentirosos e zombadores; são as crianças malinas do mundo espírita. Sua linguagem muitas vezes é gozadora, mordaz e satírica, mas raramente grosseira; eles se divertem com brincadeiras e simpatizam com as pessoas de um caráter brincalhão; seria perder tempo e se expor a ridículos enganos dirigir questões sérias a eles.¹⁰

Magia, Mago [Magie, Magicien] (do grego *magos*, sábio, instruído, formado em *mageia*, conhecimento profundo da natureza, de que derivou *mage*, mago, sacerdote, erudito e filósofo entre os antigos persas): A **magia**, no original, era a ciência dos sábios; todos aqueles que conheciam a astrologia, que se orgulhavam de predizer o futuro, que faziam coisas extraordinárias e incompreensíveis para as pessoas comuns eram magos ou sábios que, mais tarde, chamaríamos de **magos**; mas todos os fenômenos que nós reproduzimos hoje pelo magnetismo, pelo sonambulismo e pelo espiritismo provam que a magia não era uma arte puramente quimérica, e que entre muitos absurdos certamente havia coisas reais. A popularização desses fenômenos tem por efeito destruir o prestígio daqueles que outrora os operavam sob o véu do segredo, e abusavam da credulidade ao atribuir para si mesmo um pretense poder sobrenatural. Graças a essa popularização, hoje nós sabemos que não há nada de sobrenatural neste mundo, e que determinadas coisas só parecem derrogar as leis da natureza porque não conhecemos a sua causa.

¹⁰ Segundo a crença popular da cultura de vários povos da Europa, o lutin é um tipo de demônio caseiro que supostamente provoca fenômenos físicos (derruba objetos, móveis, louças, vidros, faz ruídos e outras diabruras) para se divertir com o pavor que causam nas pessoas. No nosso português, eles são chamados também de trasgos, duende, diabretes, fradinho da mão furada etc. — N. T.

Magnetismo animal [Magnétisme animal] (do grego e do latim *magnes*, ímã): assim nomeado por analogia com o magnetismo mineral. Tendo a experiência demonstrado que essa analogia não existe, ou que é apenas aparente, essa denominação não é exata, mas como ela está consagrada pelo uso universal, e que inclusive o epíteto que lhe foi acrescentado não permite o equívoco, mudar esse nome seria mais inconveniente do que útil. Algumas pessoas o substituem pela palavra *mesmerismo*,¹¹ mas até agora essa troca ainda não prevaleceu.

O magnetismo animal pode ser assim definido: ação recíproca de dois seres vivos pelo intermédio de um agente especial chamado *fluido magnético*.

Magnetizador, Magnetista [Magnétiseur, Magnétiste]: esta última palavra é empregada por algumas pessoas para designar os adeptos do magnetismo, aqueles que acreditam em tais efeitos. O magnetizador é o praticante, aquele que exerce; o magnetista é o teórico. É possível ser magnetista sem ser magnetizador, mas não se pode ser magnetizador sem ser magnetista. Essa distinção nos parece útil e lógica.

Manes [Mânes] (do latim *manere*, permanecer, segundo uns; de *manes*, *manium*, derivado de *manus*, bom, segundo outros): na mitologia romana e etrusca, os manes eram as almas ou as sombras dos mortos. Os antigos tinham um grande respeito pelos manes de seus ancestrais, a quem eles acreditavam agradar através de sacrifícios. Eles os imaginam sob sua forma humana, porém vaporosa e invisível, vagando ao redor de seus túmulos ou de suas residências, visitando seus familiares. Quem não reconheceria nesses manes os Espíritos sob o envoltório semimaterial do perispírito e que eles próprios nos dizem que estão entre nós sob a forma que eles tinham quando vivos? (Veja: *Penates*.)

Manifestação [Manifestation]: ato pelo qual um Espírito revela sua presença. As manifestações são:

Ocultas: quando elas não têm nada de ostensividade e que o Espírito se limite a agir sobre o pensamento;

Patentes: quando elas são captadas pelos sentidos;

Físicas: quando elas se traduzem por fenômenos materiais, tais como barulhos, movimento e deslocamento de objetos;

Inteligentes: quando elas revelam uma ideia (Veja: *Comunicação*.);

Espontâneas: quando elas são independentes da vontade e ocorrem sem que nenhum Espírito tenha sido chamado;

¹¹ Mesmerismo: referência a Franz Anton Mesmer (1734-1815), célebre médico suábio que desenvolveu a teoria do Magnetismo Animal. — N. T.

Provocadas: quando elas são o efeito da vontade, do desejo ou de uma evocação específica;

Aparentes: quando o Espírito se apresenta à visão (Veja: **Aparição.**)

Materialismo [Matérialisme]: teoria daqueles que pensam que tudo seja matéria no homem, e que por isso nada sobreviva nele após a destruição do corpo. Parece-nos útil refutar essa opinião, que aliás é particular a alguns indivíduos e em parte alguma é estabelecida como uma doutrina. Se é possível demonstrar a existência da alma pelo raciocínio, as manifestações espíritas são a prova patente disso; por elas nós vemos de alguma forma todas as peripécias da vida do além-túmulo. O materialismo — que só se baseia pela negação — não pode resistir contra a evidência dos fatos; é por isso que a doutrina espírita muitas vezes triunfou até mesmo entre aqueles que tinham teimado contra todos os outros argumentos. A popularização do espiritismo é o meio mais eficaz para extirpar essa chaga das sociedades civilizadas.

Médiuns [Médiuns] (do latim *medium*, meio, intermediário): pessoas acessíveis à influência dos Espíritos, e mais ou menos dotadas da faculdade de receber e de transmitir suas comunicações. Para os Espíritos, o médium é um intermediário; é um agente, um instrumento relativamente cômodo, conforme a natureza ou o grau da faculdade mediatriz. Esta faculdade depende de uma disposição orgânica especial suscetível de desenvolvimento. Existem muitas variedades de médiuns. De acordo com sua aptidão particular para esse ou aquele modo de transmissão, ou esse ou aquele gênero de comunicação.

Médiuns de influência física [Médiuns à influence physique]: aqueles que tem o poder de provocar manifestações ostensivas. Eles compreendem as seguintes variedades:

Médiuns motores: aqueles que provocam o movimento e o deslocamento dos objetos;

Médiuns tiptólogos: aqueles que provocam barulhos e batidas;

Médiuns de aparição:¹² aqueles que provocam aparições (Veja: **Aparição.**);

Entre os médiuns de influência física, distinguimos:

Médiuns naturais: aqueles que produzem fenômenos espontâneos e sem

¹² A forma literal do texto original (*Médiuns appariteurs*) sugere como tradução algo semelhante a “Médiuns aparecedores” ou “Médiuns aparecentes”, no sentido de que os médiuns fazem aparecer Espíritos. Entretanto, preferimos traduzir esta especificação mediúnica pela locução “Médiuns de aparição”, por nos parecer uma forma mais prática, e que condiz perfeitamente com a definição que Allan Kardec iria adotar posteriormente, em **O Livro dos Médiuns: Médiuns à apparitions**, ou seja, “Médiuns de aparições”. — N. T.

nenhuma participação de sua vontade;

Médiuns facultativos: aqueles que tem o poder de provocar os fenômenos pelo ato da vontade.

Médiuns de influências morais [*Médiuns à influences morales*]: aqueles que são principalmente mais propensos a receber e a transmitir comunicações inteligentes; nós os distinguimos conforme sua aptidão especial:

Médiuns escreventes ou psicógrafos: aqueles que têm a faculdade de escrever propriamente pela influência dos Espíritos (Veja: *Psicografia*);

Médiuns pneumatógrafos: aqueles que tem a faculdade de obter a escrita direta dos Espíritos (Veja: *Pneumatografia*);

Médiuns desenhistas: os que desenharam sob a influência dos Espíritos;

Médiuns musicistas: aqueles que executam, compõem ou escrevem música sob a influência dos Espíritos;

Médiuns falantes: eles transmitem pela palavra o que os médiuns escreventes transmitem pela escrita;

Médiuns comunicantes:¹³ pessoas que tem o poder de desenvolver nos outros, por sua vontade, a faculdade da escrita, que elas mesmas sejam ou não médiuns escreventes;

Médiuns inspirados: aqueles que, tanto no estado normal quanto no estado de êxtase, recebem pelo pensamento comunicações ocultas, diferentes das suas ideias originais;

Médiuns de pressentimentos: pessoas que, em certas circunstâncias, têm uma vaga intuição das coisas futuras;

Médiuns videntes: pessoas que dispõem da faculdade da segunda vista, ou a de ver os Espíritos (Veja: *Vista*);

Médiuns sensitivos ou **impressiáveis:** pessoas capazes de sentir a presença dos Espíritos por uma vaga impressão, da qual elas não podem dar conta. Essa variedade não tem uma característica bem traçada; todos os médiuns são necessariamente impressiáveis; a impressiabilidade é, portanto, uma qualidade mais geral do que específica; é a faculdade rudimentar indispensável para o desenvolvimento de todas as outras; ela difere da impressiabilidade puramente física e nervosa com a qual não pode ser confundida.

¹³ Ainda nesta obra, tanto no *Quadro Sinóptico* quanto no capítulo V (ao discorrer sobre os *Médiuns escreventes ou psicógrafos*) o autor vai se referir a esta categoria como “médiuns formadores”. Ao revisar a classificação dos tipos de mediunidade em *O Livro dos Médiuns*, o autor vai renomear esta especialidade para “Médiuns excitadores” (*Médiuns excitateurs*). — N. T.

Nota — Algumas pessoas dizem no plural *mídia*, como dizem *errata*. Não vemos nenhuma vantagem em multiplicar sem necessidade as exceções já tão numerosas da nossa língua. Todos os gramáticos hoje estão de acordo em dar à maioria das palavras estrangeiras usadas na língua atual o sinal francês do plural. Aliás, vários vocábulos com a terminação latina estão nesse caso; diz-se: *muséums*, *factums*, *pensums*, *mémorandums* etc.; então por que não diríamos *médiuns*? Dizer *mídia* seria um tipo de artificialidade pedante.

Metempsicose [*Métempsychose*] (do grego *meta*, mudança; *en*, em; e *psukê*, alma): transmigração da alma de um corpo para outro. “O dogma da metempsicose é de origem indiana. Da Índia, essa crença passou para o Egito, de onde mais tarde Pitágoras importa para a Grécia. Os discípulos desse filósofo ensinam que o Espírito, quando liberto das amarras do corpo, vai ao império dos mortos para esperar, num estado intermediário de uma duração mais ou menos longa, para depois animar outros corpos — de homens ou de *animais* — até que se complete o tempo de sua purificação e do seu retorno à fonte da vida.” — O dogma da metempsicose, como se vê, é baseado na individualidade e imortalidade da alma; nele encontramos a doutrina dos Espíritos quanto à reencarnação; esse estado intermediário de uma duração mais ou menos longa entre as diversas existências não é outra coisa senão o estado errante no qual se encontram os Espíritos entre duas encarnações. Porém, entre a metempsicose indiana e a doutrina da reencarnação, tal como ela nos é ensinada hoje, há uma diferença capital: primeiro que a metempsicose admite a transmigração da alma para o corpo dos animais — o que seria uma degradação; em segundo lugar, que essa transmigração só se opera na Terra. Os Espíritos, ao contrário, dizem que a reencarnação é um progresso incessante, que o homem é uma criação à parte da qual a alma não tem nada em comum com o princípio vital dos animais, que as várias existências podem se realizar tanto na Terra como — por uma lei progressiva — num mundo de uma ordem superior, e isso, como disse Pitágoras, “até que se complete o tempo da purificação”.

Mitologia [*Mythologie*] (do grego *muthos*, fábula, e *logos*, discurso): história fabulosa das divindades pagãs. Entende-se também sob esse nome a história de todos os seres extra-humanos que, sob diversas denominações, sucederam aos deuses pagãos na Idade Média; é assim que temos mitologia escandinava, teutônica, céltica, escocesa, irlandesa etc.

Morte [*Mort*]: aniquilamento das forças vitais do corpo pelo esgotamento dos órgãos. O corpo sendo privado do princípio da vida orgânica, a alma se desprende dele e entra

no mundo dos Espíritos.

Mundo corporal [*Monde corporel*]: conjunto de seres inteligentes que têm um corpo material.

Mundo espírita ou **Mundo dos Espíritos** [*Monde spirite* ou *Monde des Esprits*]: conjunto de seres inteligentes despidos de seu envoltório corporal. O mundo espírita é o mundo normal, primordial, preexistente e sobrevivente a tudo. O estado corporal não é — para os Espíritos — mais do que transitório e passageiro. Eles mudam de envoltório como nós mudamos de roupa; eles largam o envoltório que está gasto, como nós largamos uma roupa velha.

Necromancia [*Nécromancie*] (do grego *nekros*, morto, e *mantéia*, adivinhação): arte de evocar as almas dos mortos para se obter revelação através delas. Por extensão, essa palavra foi aplicada a todos os meios de adivinhação, e é qualificado de **necromante** qualquer um que siga a profissão de dizer o futuro. Sem dúvidas isso se deve ao fato da necromancia — na verdadeira acepção do termo — deve ter sido um dos primeiros meios empregados nesse sentido; em segunda lugar que, conforme a crença comum, as almas dos mortos deveriam ser os principais agentes nos outros meios de adivinhação, tal como a **quiromancia**, adivinhação pela leitura da mão, a **cartomancia** etc. O abuso e o charlatanismo desacreditaram a necromancia, assim como a magia.

Noctâmbulo, Noctambulismo [*Noctambule, Noctambulisme*] (do latim *nox*, *noctis*, noite, e *ambulare*, caminhar, passear): aquele que anda ou vaga durante a noite enquanto dorme; sinônimo de **sonambulismo**. Este último termo é preferível, já que **noctâmbulo, noctambulismo** não implicam de forma alguma a ideia de sono.

Oráculo [*Oracle*] (do latim *os*, *oris*, boca): conforme as crenças pagãs, resposta dos deuses às questões dirigidas a eles; assim nomeado porque as respostas geralmente eram transmitidas pela **boca** das Pitonisas (Vejas: **Pitonisas**). Por extensão, dizia-se **oráculo** ao mesmo tempo para a resposta, para a pessoa que o pronunciava, assim como para os diversos meios empregados para conhecer o futuro. Todo fenômeno extraordinário, próprio a impressionar a imaginação, era considerado a expressão da vontade dos deuses e se tornava um oráculo. Os sacerdotes pagãos — que não perdiam a oportunidade de explorar a credulidade — se faziam de intérpretes dos deuses e solenemente dedicavam a esse ofício os templos para onde os fiéis vinham trazer suas oferendas, na quimérica esperança de conhecer o futuro. A crença nos oráculos evidentemente tem a sua origem nas comunicações espíritas, que o

charlatanismo, a ganância e o amor pela dominação cercaram de prestígio, e que hoje nós vemos em toda a sua simplicidade.

Paraíso [Paradis]: morada dos bem-aventurados. Os antigos o colocaram na parte dos Infernos chamada Campos Elíseos (Veja: *Inferno*); já os povos modernos o colocaram nas regiões elevadas do espaço. Esta palavra é sinônimo de *céu*, tomado no mesmo sentido, com a diferença que o vocábulo *céu* se refere a uma ideia de beatitude infinita, enquanto a de *paraíso* é mais circunscrita e lembra um pouco mais os gozos materiais. Diz-se também subir ao céu, descer ao inferno. Essas opiniões são baseadas nessa crença primitiva, fruto da ignorância, de que o Universo fosse formado de esferas concêntricas das quais a Terra ocupasse o centro; foi nessas esferas chamadas de *céus* que colocaram a morada dos justos; daí a expressão quinto e sexto céu, para designar os diversos graus de beatitude. Mas desde então a ciência tem colocado seu olhar investigador até as profundezas etéreas; ela nos mostra o espaço universal sem limites, pontilhado de um número infinito de globos, entres os quais circula o nosso, o qual não está assinalada nenhum lugar de destaque, e sem que haja para ele nem alto nem baixo. O erudito — vendo em toda parte a infinidade do espaço e os mundos incontáveis, lá onde lhe haviam indicado o céu, e só encontrando nas entranhas da Terra, em vez do lugar do Inferno, as camadas geológicas sobre as quais sua formação está escrita em caracteres irrecusáveis — então se pôs a duvidar do Céu e do Inferno, e a partir daí até a dúvida absoluta não houve mais do que um passo.

A doutrina ensinada pelos Espíritos superiores está de acordo com a ciência; ela não tem nada que fira a razão e que esteja em contradição com os conhecimentos exatos. Ela nos mostra a morada dos Bons, não num lugar recluso ou nas supostas esferas de que a ignorância tinha rodeado nosso planeta, mas em toda parte onde haja bons Espíritos, no espaço para aqueles que são errantes e nos mundos mais perfeitos para os que estão encarnados: aí está o Paraíso Terrestre, aí estão os Campos Elíseos, cuja ideia primordial vem do conhecimento intuitivo que tinha sido dado ao homem nesse estado de coisas, e que a ignorância e os preconceitos reduziram às mesquinhas proporções. Essa doutrina nos mostra que os ímpios encontram o castigo de suas faltas na sua própria imperfeição, nos seus sofrimentos morais, na presença inevitável de suas vítimas — castigos mais terríveis que as torturas físicas incompatíveis com a doutrina da imaterialidade da alma; mostra-nos esses ímpios expiando seus erros pelas tribulações de novas existências corporais que eles cumprem nos mundos imperfeitos, e não num lugar de eternos suplícios de onde a esperança está banida para sempre. Aí está o Inferno. Quantas pessoas nos dizem: Se nos tivessem ensinado isso desde a nossa infância, nós jamais teríamos duvidado!

A experiência nos ensina que os Espíritos não suficientemente desmaterializados ainda estão sob o império das ideias e dos preconceitos da existência corporal; aqueles que utilizam em suas comunicações uma linguagem coerente com as ideias cujo erro matéria está demonstrado provam por isso mesmo sua ignorância e sua inferioridade. (*Paraíso*, do grego *paradeizos*, jardim, pomar.)

Penas eternas [*Peines éternelles*]: os Espíritos superiores nos ensinam que só o bem é eterno, porque ele é a essência de Deus, e que o mal terá um fim. Por consequência desse princípio, eles combatem a doutrina da eternidade das penas, como sendo contrária à ideia de que Deus nos dá de sua justiça e de sua bondade. Mas a luz não chega para os Espíritos senão em razão da elevação deles; nas faixas inferiores, suas ideias ainda são obscurecidas pela matéria; o futuro para eles é coberto por um véu; eles não veem além do presente. Eles estão na situação de um homem que sobe uma montanha; no fundo do vale a neblina e as curvas da estrada limitam sua vista; ele precisa chegar ao cume para descobrir todo o horizonte, para julgar o caminho que percorreu e aquele que lhe resta a fazer. Não percebendo o término de seus sofrimentos, os Espíritos imperfeitos acreditam sofrer para sempre, e até mesmo esse pensamento é um castigo para eles. Então, se alguns Espíritos nos falam das penas eternas, é que eles mesmos acreditam nisso, por causa de sua inferioridade.

Penates [*Pénates*] (do latim *penitus*, interior, que está dentro; formado por *penus*, lugar reservado, escondido): deuses domésticos dos antigos, assim denominados porque eram colocados nos lugares mais reservados da casa. — **Lares** [*Lares*] (do nome da ninfa *Lara*, porque se acreditava que eles fossem filhos dessa ninfa e do deus Mercúrio): assim como os penates, eram deuses ou gênios domésticos, com a diferença que, em sua origem, os *penates* eram os *manes* [*sombras*] dos ancestrais, cujas imagens eram guardadas em um lugar secreto, protegidos da profanação. Os *lares* — gênios benfazejos, protetores das famílias e das casas — eram considerados hereditários, pois, uma vez ligados a uma família, eles continuavam a proteger os seus descendentes. Não somente cada indivíduo, cada família e cada casa tinha seus lares particulares, mas também havia alguns deles para as cidades, para as vilas, para as ruas, para os edifícios públicos etc., que eram colocados sob a invocação desses ou daqueles lares, como há cristãos aos cuidados deste ou daquele santo padroeiro.

Os lares e os penates — cujo culto podemos dizer que era universal, conquanto sob variados nomes — não eram outros senão os Espíritos familiares cuja existência hoje nos é revelada; mas os antigos fizeram deles deuses, para quem a superstição levantou altares, ao passo que para nós eles são simplesmente Espíritos que animaram homens como nós, algumas vezes nossos parentes e amigos, e que se

apegam a nós por simpatia. (Veja: **Politeísmo**.)

Perispírito [Périsprit] (de *peri*, ao redor, e *spiritus*, espírito): envoltório semimaterial do Espírito após sua separação do corpo. O Espírito o extrai no mundo onde se encontra e o modifica ao passar de um para outro mundo; ele é mais ou menos sutil ou grosseiro conforme a natureza de cada globo. O perispírito pode assumir todas as formas ao gosto do Espírito; normalmente ele apresenta a imagem que o Espírito tinha na sua última existência corporal.

Embora seja de uma natureza etérea, a substância do perispírito é capaz de algumas modificações que o tornam perceptível pela nossa visão; é o que ocorre nas aparições. Por sua união com o fluido de certas pessoas, ele pode ser tornar tangível temporariamente, isto, oferecer resistência ao toque de um corpo sólido, assim como o vemos nas aparições estereotites¹⁴ ou palpáveis.

A natureza íntima do perispírito ainda nos é desconhecida; porém, poderíamos supor que a matéria dos corpos é composta de uma parte sólida e grosseira, e de uma parte sutil e etérea; que somente a primeira sofre a decomposição produzida pela morte, enquanto a segunda persiste e segue o Espírito. Dessa forma, o Espírito teria um duplo envoltório; a morte só o despojaria do mais grosseiro; o segundo, que constitui o perispírito, conservaria a marca e a forma do primeiro envoltório, do qual ele é como a sombra; mas sua natureza essencialmente vaporosa permitiria ao Espírito modificar essa forma conforme sua vontade, e torná-lo visível ou invisível, palpável ou impalpável.

O perispírito está para o Espírito aquilo que o perisperma está para o germe do fruto. A amêndoa despojada do seu envoltório lenhoso, contém o germe sob o delicado invólucro do perisperma.

Pítia, Pitonisa [Pythie, Pythonisse]: sacerdotisa de Apolo Pítia, em Delfos, assim nomeada em referência à serpente Píton, que Apolo havia matado. A Pítia pronunciava os oráculos, mas como eles nem sempre eram inteligíveis, os sacerdotes se encarregavam de interpretá-los de acordo com as circunstâncias. (Veja: **Sibila**.)

Pneumatofonia [Pneumatophonie] (do grego *pneuma*, ar, sopro, vento, espírito; e de *phoné*, som ou voz): comunicação verbal e direta dos Espíritos sem o auxílio dos órgãos da voz. Som ou voz que eles fazem ouvir no vazio do ar e que parece ressoar nos nossos ouvidos. (Veja: **Psicofonia**.)

Nota — Nós não empregamos a palavra *pneumatologia*, porque ela já tem uma

¹⁴ Ver **Estereotite**, neste mesmo Vocabulário. — N. T.

acepção científica determinada, e, em segundo lugar, porque esse termo seria improprio quando se referisse somente a sons vagos e não articulados.

Pneumatografia [Pneumatographie] (do grego *pneuma*, ar, sopro, vento, espírito; e *grafo*, escrevo): escrita direta dos Espíritos sem o auxílio da mão do médium. (Veja: **Psicografia**.)

Politeísmo [Polythéisme] (do grego *polus*, vários; e *théos*, Deus): religião que admite vários deuses. Nos povos antigos a palavra deus revelava a ideia de poder; para eles, todo poder superior ou vulgar era um deus; os próprios homens que tinham feito grandes coisas se tornavam deuses para eles. Manifestando-se por efeitos que lhes pareciam sobrenaturais, os Espíritos eram a seus olhos também divindades, entre as quais é impossível não reconhecermos nossos Espíritos, de todos os graus, desde Espíritos batedores até os Espíritos superiores. Nos deuses de forma humana, transportando-se através do espaço e mudando de forma para se tornarem visíveis e invisíveis conforme sua vontade, nós reconhecemos todas as propriedades do perispírito. Nas paixões que lhes eram emprestadas, reconhecemos os Espíritos ainda não desmaterializados. Nos manes, lares e penates, reconhecemos nossos Espíritos familiares, nossos gênios tutelares. O conhecimento das manifestações espíritas é, portanto, a fonte do politeísmo; desde a mais alta Antiguidade, os homens esclarecidos julgaram esses pretensos deuses pelo seu devido valor e reconheceram neles criaturas de um Deus supremo, soberano mestre do mundo. Confirmando a doutrina da unicidade de Deus e esclarecendo os homens pela sublime moral do Evangelho, o cristianismo marcou uma nova era na marcha do progresso da humanidade. Entretanto, como os Espíritos não cessaram de se manifestar, ao invés de deuses, os homens os transformaram em gênios e fadas.

Possesso [Possédé]: segundo a ideia ligada a essa palavra, o **posse** é aquele em quem o demônio veio se alojar. **O demônio o possui** significa **o demônio assumiu o controle do seu corpo** (Veja: **Demônio**). Ao pegar o **demônio** — não no seu sentido vulgar, mas no sentido de Espíritos maus, Espírito impuro, Espírito malvado, Espírito imperfeito —, seria o caso de sabermos se um Espírito dessa natureza ou de qualquer outra pode fixar moradia no corpo de um homem conjuntamente com aquele que ali está encarnado, ou se este poderia ser substituído por aquele. Neste último caso, poderíamos perguntar o que acontece com a alma assim expulsa. A doutrina espírita diz que o Espírito unido ao corpo não pode ser definitivamente separado deste a não ser pela morte; que nenhum outro Espírito poderia tomar o seu lugar nem se unir ao corpo simultaneamente com ele; mas ela diz também que um Espírito imperfeito pode

se ligar ao Espírito encarnado, comandá-lo, dominar seu pensamento, e — se ele não tiver forças para lhe resistir — obrigá-lo a fazer isso ou aquilo, a agir nesse ou naquele sentido; ele o envolve, por assim dizer, com sua influência. Desta forma, não há **possessão** no sentido absoluto do termo; o que há é uma **subjugação**. Não se trata de desalojar um Espírito mau, mas — para usarmos uma comparação material — de fazê-lo largar a presa, o que sempre é possível quando o queremos seriamente. Contudo, tem gente que se contenta com um vício que satisfaz seus gostos e seus desejos.

A superstição vulgar atribuiu à possessão do demônio certas doenças que não têm outra causa senão uma alteração dos órgãos. Essa crença era bastante difundida entre os judeus; para eles, curar essas enfermidades significava expulsar demônios. Qualquer que fosse a causa da doença, desde que a cura ocorresse, isso não tira o poder daquele que a opera. Portanto, Jesus e seus discípulos poderiam dizer que expulsavam demônios para usar a linguagem atual. Se eles falassem de outra forma, não teriam sido compreendidos, e talvez nem mesmo acreditados. Uma coisa pode ser verdadeira ou falsa dependendo do sentido que se dê às palavras. As maiores verdades podem parecer absurdas quando consideramos apenas a forma.

Prece [*Prière*]: a prece é uma invocação e, em alguns casos, uma evocação pela qual chamamos este ou aquele Espírito. Quando ela é endereçada a Deus, ele nos envia seus mensageiros — os Bons Espíritos. A oração não pode derogar os decretos da Providência; mas, por ela, os Bons Espíritos podem vir nos ajudar — seja nos dando a força moral que nos falte, seja nos sugerindo ideias necessárias: daí vem o alívio que sentimos quando oramos com fervor. Daí também vem o alívio que experimentam os Espíritos sofredores quando oramos por eles; estes mesmos pedem essas preces sob a forma que lhes for mais familiar e que estiver mais em acordo com as ideias que eles conservam de sua existência corporal; mas a razão — conforme a dos Espíritos — nos diz que a prece dos lábios é uma fórmula vã quando o coração não participa dela.

Provações [*Épreuves*]: vicissitudes da vida corporal pelas quais os Espíritos se depuram segundo a maneira pela qual eles as suportam. De acordo com a doutrina espírita, o próprio Espírito desprendido do corpo, reconhecendo sua imperfeição, por um ato do seu livre-arbítrio, escolhe o gênero das provas que ele imagina ser o mais apropriado para o seu avanço, e que ele experimentará numa nova existência. Se tiver escolhido uma provação acima de suas forças, ele sucumbirá, e seu avanço ficará atrasado.

Psicofonia [*Psychophonie*] (do grego *psuké*, alma; e *phonê*, som ou voz): transmissão do pensamento dos Espíritos através da voz de um médium falante.

Psicografia [Psychographie] (do grego *psuké*, borboleta, alma; e *graphô*, escrevo): transmissão do pensamento dos Espíritos por meio da escrita através das mãos de um médium. No médium escrevente a mão é o instrumento, mas sua alma (ou seja, o Espírito encarnado nele) é o intermediário ou o intérprete do outro Espírito que se comunica; na **pneumatografia**, é o outro Espírito quem escreve sem intermediário. (Veja: **Pneumatografia**.)

Psicografia imediata ou **direta**: quando o próprio médium escreve, segurando a caneta como na escrita comum.

Psicografia mediata ou **indireta**: quando a caneta é adaptada a um objeto qualquer que lhe serve de alguma maneira como uma extensão da mão, tal como uma cesta, uma prancheta etc.

Psicologia [Psychologie]: dissertação sobre a alma; ciência que trata da natureza da alma. Essa palavra seria para um médium falante o que a psicografia é para um médium escrevente, isto é, a transmissão do pensamento dos Espíritos pela voz do médium; mas como já existe uma concepção consagrada e bem definida, convém não lhe dar outra. (Veja: **Psicofonia**.)

Pureza absoluta [Preté absolue]: estado dos Espíritos da primeira ordem, ou Espíritos puros; aqueles que já percorreram todos os graus da escala e que não precisam mais que se submeter à encarnação.

Purgatório [Purgatoire] (do latim *purgatorium*, composto de *purgare*, purgar; da raiz *purus*, puro, que deriva do grego *pyr*, *pyros*, fogo, antigo emblema da purificação): conforme a Igreja católica, lugar de expiação temporária para as almas que ainda têm que se purificar de algumas impurezas. A Igreja não define de uma maneira precisa o local onde se encontra o Purgatório; ela o coloca em toda a parte, no espaço, talvez ao nosso lado. Muito menos ela explica claramente a natureza das penas sofridas ali; são sofrimentos mais morais do que físicos; entretanto existe fogo, embora a alta teologia reconheça que essa palavra deva ser tomada no sentido figurado e como símbolo da purificação. O ensinamento dos Espíritos é muito mais explícito a esse respeito; eles rejeitam — é verdade — o dogma da eternidade das penas (Veja: **Inferno, Penas eternas**), eles admitem uma expiação temporária, mais ou menos longa, que, exceto pelo nome, não é outra coisa senão o purgatório. Essa expiação se dá pelos sofrimentos morais da alma no estado errante; os Espíritos errantes estão em todo lugar: no espaço, ao nosso redor, assim como a Igreja afirma. Ela admite certas penas físicas no purgatório; a doutrina espírita diz que o Espírito se depura e se purga de suas impurezas nas existências corporais; os sofrimentos e as tribulações da vida

são as expiações e as provações pelas quais ele se eleva; disso resulta que aqui na Terra nós estamos em pleno purgatório. O que a doutrina católica deixa vago os Espíritos esclarecem precisamente e tornam perceptível ao dedo e ao olho. Os Espíritos que sofrem podem dizer então que — para usarmos nossa linguagem — eles estão no purgatório. Se, devido sua inferioridade moral, não lhes for permitido ver o fim de seus sofrimentos, eles dirão que estão no Inferno. (Veja: *Inferno*.)

A igreja admite a eficácia das preces em favor das almas do purgatório; os Espíritos nos dizem que pela oração nós chamamos os bons Espíritos que dão aos fracos a força moral que lhes falta para suportar as provas. Portanto, os Espíritos sofredores podem pedir preces, sem que nisso haja qualquer contradição com a doutrina espírita; ora, pelo que sabemos dos diferentes graus dos Espíritos, nós compreendemos que eles possam pedi-las conforme a forma que lhes era familiar quando estavam vivos. (Veja: *Prece*.)

A igreja não admite mais do que uma existência corporal, após a qual a sorte do homem é irrevogavelmente determinada para a eternidade. Os Espíritos nos dizem que uma única existência — cuja duração, frequentemente abreviada por acidentes, não é mais passa de um ponto na eternidade — não basta para a alma se purificar completamente, e que Deus, na sua justiça, não condena sem remissão aquele de quem muitas vezes não dependeu ser suficientemente esclarecido sobre o bem a ser praticado; a doutrina dos Espíritos reserva à alma a faculdade de cumprir numa série de existências aquilo que ela não poderia realizar em apenas uma: eis aqui a principal diferença; mas se examinássemos cuidadosamente todos os princípios dogmáticos, e se sempre colocássemos à parte aquilo que deve ser tomado no sentido figurado, muitas das aparentes contradições desapareceriam sem dúvidas.

Reencarnação [Réincarnation]: retorno do Espírito à vida corporal.

A reencarnação pode acontecer imediatamente após a morte ou depois de um lapso de tempo mais ou menos longo durante o qual o Espírito é errante. Pode ocorrer nesta Terra ou em outras esferas, mas sempre em corpos humanos, e jamais no de um animal. A reencarnação é progressiva ou estacionária; jamais é retrógrada. Nas suas novas existências corporais o Espírito pode decair como posição social, mas não como Espírito; quer dizer, o mestre pode ser rebaixado a serviçal, o príncipe a artesão, o rico a miserável, enquanto sempre progredindo em ciência e moralidade; assim, o criminoso pode se tornar um homem de bem, mas o homem de bem não pode se tornar um criminoso.

Os Espíritos imperfeitos, que ainda estão sob a influência da matéria, nem sempre têm uma ideia perfeita sobre a reencarnação; a maneira como eles a explicam refletem sua ignorância e seus preconceitos terrestres, como talvez faria um

camponês a quem fosse perguntado se é a Terra ou o Sol que gira. De suas existências anteriores eles só têm uma lembrança confusa, e o futuro para eles é vago (Sabe-se que a recordação das existências passadas é elucidada à medida que o Espírito se depura). Alguns deles ainda falam das esferas concêntricas que circundam a Terra e nas quais, elevando-se gradualmente, o Espírito chega ao sétimo céu — que para eles é o apogeu da perfeição. Todavia, mesmo em meio à diversidade de expressões e à bizarrice da simbologia, uma observação atenta revela facilmente um pensamento dominante: as provas sucessivas que o Espírito deve cumprir, e os diversos níveis que ele deve percorrer para chegar à perfeição e à suprema felicidade. Com frequência as coisas só nos parecem contraditórias porque não sondamos seu significado interior.

Satanás [**Satan**] (do hebreu *chaitân*, adversário, inimigo de Deus): chefe dos demônios. Esse vocábulo é sinônimo de diabo, com a diferença que esta última palavra, mais do que a primeira, pertence à linguagem popular. Em segundo lugar, conforme a ideia relacionada a essa palavra, Satanás é um ser único: o gênio do mal, o rival de Deus; diabo é um termo mais genérico, que se aplica a todos os demônios; só há um Satanás, mas há vários diabos. De acordo com a doutrina espírita, Satanás não é um ser distinto, pois Deus não tem um rival que possa competir com ele de poder em poder; é a personificação alegórica do mal e de todos os Espíritos maus. (Veja: **Diabo**, **Demônio**.)

Sematologia [**Sématologie**] (do grego *sema*, *semato*, sinal; e *logos*, discurso): transmissão do pensamento dos Espíritos por meio de sinais, tais como batidas, movimentos de objetos etc. (Veja: **Tiptologia**.)

Sefatim [**Séraphin**] (Veja: **Anjos**.)

Sibila [**Sibylles**] (do grego eólico *sios*, usado para *théos*, Deus; e de *léouli*, conselho; conselho divino): profetisas que pronunciavam oráculos e que os antigos acreditavam serem inspiradas pela Divindade. Deixando de lado o charlatanismo e o prestígio de com que eram envolvidas por aqueles que as exploravam, reconhecemos nas sibilas e nas pitonisas todas as faculdades dos sonâmbulos, dos extáticos e de certos médiuns.

Silfos, **Sílfides** [**Sylphes**, **Sylphides**]: segundo a mitologia da Idade Média, os **silfos** eram os gênios do ar, assim como os gnomos eram os da terra e as ondinas eram das águas. Eram representados sob uma forma humana semivaporosa, com traços graciosos; as asas transparentes eram o emblema da rapidez com a qual eles percorriam o espaço; foi-lhes atribuído o poder de se tornarem visíveis e invisíveis à vontade; seu caráter era gentil e benevolente. “Vocês não imaginam a multidão de silfos ágeis que vocês

têm às vossas ordens; continuamente ocupados em recolher vossos pensamentos, tão logo pronunciem uma palavra eles a pegam e vão repeti-la em torno de vocês. A rapidez deles é tão grande que eles percorrem mil passos em um segundo; são os silfos de Paracelso¹⁵ e de Gabalis¹⁶.” (A. Martin¹⁷)

A crença nos silfos tem sua origem evidente nas manifestações espíritas. Eles são os Espíritos de uma ordem inferior, brincalhões, mas benévolos.

Sonambulismo [Somnambulisme] (do latim *somnus*, sono; e *ambulare*, andar, passear): estado de emancipação da alma mais completo que o sonho. (Veja: **Sonho**.)

O sonho é um sonambulismo imperfeito. No sonambulismo, a lucidez da alma — quer dizer, a faculdade de ver, que é um dos atributos da sua natureza — é mais desenvolvido; a alma pode ver as coisas com mais precisão e nitidez, e o corpo pode agir sob o impulso da vontade da alma.

O total esquecimento ao acordar é um dos sinais característicos do verdadeiro sonambulismo, porque então a independência da alma e do corpo é mais completa do que no sonho.

Sonambulismo natural [Somnambulisme naturel]: aquele que é espontâneo e se produz sem ser provocado e sem a influência de nenhum agente externo.

Sonambulismo magnético ou artificial [Somnambulisme magnétique ou artificiel]: aquele que é provocado pela ação que uma pessoa exerce sobre outra através do fluido magnético que ela derrama sobre a outra.

Sonhos [Rêves]: afeito da emancipação da alma durante o sono. Quando os sentidos estão enfraquecidos, os laços que unem o corpo e a alma se afrouxam; tornando-se mais livre, a alma recupera parcialmente suas faculdades de Espírito e entra mais facilmente em comunicação com os seres do mundo incorpóreo. Ao acordar, a lembrança que ela conserva do que viu em outros lugares e em outros mundos, ou nas suas existências passadas, constitui o sonho propriamente dito. Sendo essa lembrança

¹⁵ Philippus Aureolus Theophrastus Bombastus von Hohenheim (1493-1541): médico suíço, alquimista e teólogo de grande influência para a Renascença alemã. — N. T.

¹⁶ Referência à obra *Conde de Gabalis*, um clássico da literatura francesa do século XVII, cujo teor é um romance ocultista; foi publicada anonimamente em 1670 e depois atribuída ao abade Montfaucon de Villars (1635-1673). — N. T.

¹⁷ André Martin (1621-1679) foi um padre e filósofo francês, membro da Congregação do Oratório, da qual foi expulso por ter adotado ideias de Descartes. Ganhou notoriedade principalmente ao publicar a obra *Philosophia moralis Christiana [Filosofia Moral Cristã]*, pela qual sintetiza o pensamento de Santo Agostinho sobre diversas questões filosóficas, sendo então censura pela igreja católica. — N. T.

apenas parcial, quase sempre incompleta e misturada com as memórias de quando estava acordado, disso resulta em situações de continuidade que quebram a ligação na sequência dos acontecimentos e produzem esses quadros bizarros que parecem não ter sentido, semelhante a uma história na qual aqui e ali tivéssemos fragmentos truncados de linhas e frases.

Sonilóquio [Somniloquie] (do latim *somnus*, sono; e *loqui*, falar): estado de emancipação da alma intermediário entre o sonho e o sonambulismo natural. Aqueles que falam enquanto sonham são soníloquos.

Sono magnético [Sommeil magnétique]: agindo sobre o sistema nervoso, o fluido magnético produz em determinadas pessoas um efeito que foi comparado com o sono natural, mas que difere deste essencialmente em vários aspectos. A principal diferença consiste em que, nesse estado, o pensamento é inteiramente livre, que o indivíduo tem uma perfeita consciência de si mesmo, e que o corpo pode agir como no estado normal, e isso porque a causa fisiológica do sono magnético não é a mesma da causa do sono natural; mas o sono natural é um estado transitório que sempre precede o sono magnético; a passagem de um para o outro estado é um verdadeiro despertar da alma. É por isso que aqueles são submetidos pela primeira vez ao sonambulismo quase sempre respondem *não* à pergunta: *Você está dormindo?* E, de fato, como eles veem e pensam livremente, para eles isso não é dormir no sentido comum da palavra.

Sono natural [Sommeil naturel]: suspensão momentânea da vida comum; entorpecimento dos sentidos durante o qual ficam interrompidas as relações da alma com o mundo exterior através dos órgãos.

Superstição [Superstition]: por mais absurda que seja uma ideia supersticiosa, quase sempre ela se baseia num fato, mas que a ignorância a desnaturou, exagerou ou interpretou falsamente. Seria um erro acreditar que popularizar o conhecimento das manifestações espíritas significa propagar as superstições. De duas coisas, uma: ou esses fenômenos são uma quimera ou são reais; no primeiro caso, teríamos razão em combatê-los; mas se eles existirem — tal como a experiência demonstra —, nada os impedirá de se reproduzirem. Já que seria uma infantilidade atacar fatos positivos, o que precisa ser combatido não são os fatos, mas sim a falsa interpretação que a ignorância lhes pode dar. Sem dúvidas, nos séculos longínquos, eles foram a fonte de uma série de superstição, como todos os fenômenos naturais cuja causa era desconhecida; o progresso das ciências positivas fez pouco a pouco desaparecer alguns deles; a ciência espírita, mais bem conhecida, fará desaparecer os demais.

Os adversários do espiritismo se apoiam no perigo para a razão que esses fenômenos apresentam. Todas as causas que podem assustar as imaginações frágeis podem produzir a loucura; o que é preciso, antes de tudo, é curar o mal do medo. Agora, a maneira de alcançar isso não exagerar o perigo, fazendo crer que todas essas manifestações sejam obra do diabo. Aqueles que propagam essa crença com o objetivo de desacreditar a coisa estão errando completamente o alvo, primeiro porque atribuir qualquer coisa aos fenômenos espíritas é reconhecer a existência destes fenômenos; segundo, ao pretender convencer que o diabo seja o seu único agente, afronta-se perigosamente a moral de certos indivíduos. Como não poderemos impedir que as manifestações se produzam, mesmo com aqueles que não querem lidar com isso, eles só verão diabos e demônios ao seu redor, até nos efeitos mais simples, que tomarão como manifestações; realmente há algo aí que pode perturbar o cérebro. Acreditar nesse medo é propagar o mal do medo, ao invés de curá-lo; aí está o verdadeiro perigo; aí está a superstição.

Taumaturgo [*Thaumaturge*] (do grego *thauma*, *thaumatos*, maravilha; e *ergon*, obra): fazedor de milagres: são Gregório Taumaturgo¹⁸. Diz-se às vezes (numa conotação pejorativa) daqueles que à torto e a direito se gaba de ter o poder de produzir fenômenos fora das leis da natureza; é nesse sentido que algumas pessoas qualificam Swedenborg¹⁹ de taumaturgo.

Telegrafia humana [*Télégraphie humaine*]: comunicação à distância entre duas pessoas vivas que se evocam reciprocamente. Essa evocação provoca a emancipação da alma (ou, Espírito encarnado) que vem se manifestar e pode comunicar seu pensamento pela escrita ou por outro meio. Os Espíritos nos dizem que a telegrafia humana um dia será uma forma comum de comunicação — isso quando os homens forem mais moralizados, menos egoístas e menos apegados às coisas materiais; até lá, trata-se de um privilégio das almas de elite.²⁰

Tiptologia [*Typtologie*] (do grego *typto*, golpe; e *logos*, discurso): comunicação inteligente dos Espíritos por meio de batidas.

¹⁸ Gregório de Neocesareia (213-270), bispo cristão do século III, na Anatólia (atual Turquia), conhecido como o fazedor de milagres. — N. T.

¹⁹ Menção a Emanuel Swedenborg (1688-1772), reputado polímata sueco que, depois de se destacar devido importantes invenções e trabalhos científicos, notabilizou-se pelos seus dons mediúnicos. — N. T.

²⁰ Para a denominação de *telegrafia humana*, Allan Kardec tomou como analogia a telegrafia elétrica, o processo de telecomunicações que transmite textos escritos (telegramas) por meio de um código de sinais (código Morse) através de fios. Posteriormente, os parapsicólogos passariam a chamar essa faculdade psíquica de telepatia. — N. T.

Tiptologia alfabética: quando os golpes designam as letras do alfabeto cuja união forma as palavras e as frases. Ela pode ser produzida pelos dois processos descritos logo a seguir:

Tiptologia por movimento: quando os golpes são desferidos por um objeto qualquer que se move, por exemplo, uma mesa que bate com seus pés por um movimento bascular.

Tiptologia interna ou **passiva:** quando os golpes são ouvidos na própria substância do objeto completamente imóvel.

A tiptologia é um processo de comunicação muito imperfeito em razão de sua lentidão, que não permite desenvolvimentos tão extensos quanto aqueles que podem ser obtidos pela psicografia ou pela psicofonia. (Veja: **Psicografia, Psicofonia.**)

Todo universal, o [Tout universel, le]: o grande conjunto. Segundo a opinião de alguns filósofos, há uma alma universal da qual cada um de nós possui uma parcela; com a morte, todas essas almas particulares retornariam à fonte geral sem conservar sua individualidade, como os pingos de chuva se confundem nas águas do Oceano. Essa fonte comum é para eles **o grande conjunto, o todo universal**. Essa doutrina seria tão desesperadora quanto o materialismo, pois, sem individualidade após a morte, seria absolutamente como se não existisse. O espiritismo é a prova patente do contrário. Mas a ideia do grande todo não implica necessariamente na da fusão dos seres em um só. Um soldado que retorna ao seu regimento faz parte de um todo coletivo e não deixa de conservar sua individualidade. É o mesmo caso das almas que retornam ao mundo dos Espíritos, que para eles também é um todo coletivo: o conjunto universal. É nesse sentido que deve ser entendido essa expressão na linguagem de certos Espíritos.

Transmigração [Transmigration] (Veja: **Reencarnação, Metempsicose.**)

Vidente [Voyant, Voyante]: aquele ou aquela é dotado da segunda vista. Algumas pessoas designam sob esse nome os sonâmbulos magnéticos para melhor caracterizar a sua lucidez. Essa palavra, nesta última acepção, não é muito melhor do que o termo **invisível** aplicado aos Espíritos; ela tem o inconveniente de não ser específica para o estado sonambúlico. Quando já temos um vocábulo para representar uma ideia, é supérfluo criar outro. É preciso evitar principalmente deturpar as palavras do significado habitual.

Visão [Vision] (Veja: **Aparição.**)

Visionário [Visionnaire]: quem erroneamente acredita ter visões, revelações; no sentido figurado: quem tem ideias loucas e quiméricas (Academia). Essa palavra serviria perfeitamente para designar as pessoas dotadas da segunda vista, e que têm visões

verdadeiras, se ela não fosse consagrada a tomar numa conotação pejorativa. Entretanto, a necessidade de uma palavra especial para definir tais pessoas é evidente. (Veja: *Vidente*.)

Vista, segunda [*Vue, segunda*]: efeito da emancipação da alma que se manifesta em estado desperto; faculdade de ver as coisas ausentes como se elas estivessem presentes. Aqueles que são dotados dessa capacidade não veem pelos olhos, mas sim pela alma, que capta a imagem dos objetos de qualquer lugar para onde a alma se transporta, e como por um tipo de miragem. Essa aptidão não é permanente; certas pessoas a possuem sem saber; para estas, parece um efeito natural, e produz aquilo que chamamos de visões.

QUADRO SINÓPTICO DA NOMENCLATURA ESPECIAL ESPÍRITA

DOCTRINA

Espiritismo
Espiritista
Espírita
Espiritualismo
Espiritualista

ESPÍRITOS

Natureza íntima dos Espíritos

Espírito elementar
Perispírito

Estado dos Espíritos

Encarnação
Erraticidade
Pureza absoluta

Escala espírita, ou diferentes ordens dos Espíritos

1ª ordem: = 1ª classe: Espíritos puros

2ª ordem:

Bons Espíritos	[2ª classe: Espíritos superiores
		3ª classe: Espíritos sábios
		4ª classe: Espíritos instruídos
		5ª classe: Espíritos benevolentes

3ª ordem:

Espíritos imperfeitos	[6ª classe: Espíritos neutros
		7ª classe: Espíritos pseudossábios
		8ª classe: Espíritos levianos
9ª classe: Espíritos impuros		

EMANCIPAÇÃO DA ALMA

Ou do Espírito encarnado

Sonho
Sonambulismo natural
Sonambulismo artificial ou magnético
Êxtase
Visão ou segunda vista

MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

Ocultas
Patentes
Físicas
Inteligentes

Aparentes { Vaporosas ou etéreas
Tangíveis ou estereotites

Espontâneas
Provocadas

COMUNICAÇÕES

Comunicações frívolas
Comunicações grosseiras
Comunicações sérias
Comunicações instrutivas

Modos de comunicações

Sematologia

Tiptologia { Por movimento
Interna
Alfabética

Psicografia { Direta
Indireta

Pneumatografia
Pneumatofonia
Psicofonia
Telegrafia humana

MÉDIUNS

Ou agentes das manifestações

Médiuns { Naturais
Facultativos

Médiuns de influências físicas { motores
tiptólogos
de aparições

Médiuns de Influências Morais { escreventes ou psicógrafos
pneumatógrafos
desenhistas
musicistas
falantes
videntes
formadores
Inspirados
de pressentimentos
sensitivos ou impressionáveis

CAPÍTULO PRIMEIRO

ESCALA ESPÍRITA

De todos os princípios fundamentais da doutrina espírita, um dos mais importantes é sem dúvidas o que estabelece as diferentes ordens de Espíritos. No começo das manifestações, imaginava-se que um ser — pelo próprio fato de ser um Espírito — devia ter a ciência infusa e a suprema sabedoria, e muita gente acreditava ter um meio infalível de adivinhação; esse erro deu origem a vários equívocos. A experiência logo revelou que o mundo invisível está longe de ter só Espíritos superiores; eles mesmos nos ensinaram que não são todos iguais nem em conhecimento nem em moralidade, e que sua elevação depende do grau de perfeição ao qual chegaram; eles traçaram as características distintivas desses diferentes níveis que constituem no que nós chamamos de *Escala espírita*. Desde então, a diversidade e as contradições de sua linguagem foram esclarecidas, e compreendemos que, tanto entre os Espíritos como entre os homens, para se saber algo não basta se dirigir ao primeiro que apareça.

Esta escala nos dá então a chave de uma série de fenômenos e de anomalias aparentes que seria difícil — senão impossível — entendermos sem ela. Esta escala também nos interessa pessoalmente porque, por nossa alma, nós pertencemos ao mundo espírita, ao qual retornaremos ao deixar a vida corporal, e porque assim ela nos mostra o caminho a seguir para chegarmos à perfeição e ao bem supremo.

Do ponto de vista da ciência prática, ela nos dá um meio de julgar os Espíritos que se apresentam nas manifestações, e de apreciar o grau de confiança que a sua linguagem deve nos inspirar. Esse estudo requer uma observação atenta e continuada; se é preciso tempo e experiência para aprendermos e conhecer os homens, não é preciso menos para aprendermos a

conhecer os Espíritos.

A escala espírita contém três ordens principais indicadas pelos Espíritos e perfeitamente caracterizadas. Como cada uma dessas ordens apresenta diversas nuances, nós as subdividimos em várias classes designadas pela peculiaridade dominante dos Espíritos que delas fazem parte. A propósito, essa classificação não tem nada de absoluta; cada categoria não oferece mais do que um traço marcante no seu conjunto, mas de um nível para outro a gradação vai se esmaecendo como nos reinos da natureza, como nas cores do arco-íris, ou ainda como nos diferentes períodos da vida. De vinte a quarenta anos o homem experimenta uma mudança notável; aos vinte anos, ele é um jovem; aos quarenta, é um adulto feito; mas entre essas duas fases da vida, seria impossível estabelecer uma linha de demarcação, e dizer onde acaba um e onde começa a outra. Acontece o mesmo com os graus da escala espírita. Destacaremos também que os Espíritos não pertencem sempre exclusivamente a esta ou àquela classe; o progresso deles só se realiza gradualmente e muitas vezes mais num aspecto do que noutro. Eles podem reunir características de várias categorias, o que é fácil de reconhecer pela sua linguagem e pelos seus atos.

Iniciaremos a escala pelas ordens inferiores, porque esse é o ponto de partida dos Espíritos que se elevam paulatinamente das últimas faixas até as primeiras.

TERCEIRA ORDEM – **ESPÍRITOS IMPERFEITOS**

Características gerais — Predominância da matéria sobre o Espírito. Propensão ao mal. Ignorância, orgulho, egoísmo e todas as más paixões que daí resultam.

Eles têm a intuição de Deus, mas não o compreendem.

Nem todos são essencialmente maus; alguns dentre eles têm mais de leviandade, de inconsequência e de malícia do que de verdadeira maldade. Alguns não fazem nem o bem nem o mal; mas só em não fazendo o bem, eles já denotam sua inferioridade. Outros, ao contrário, se comprazem com o mal e ficam satisfeitos quando encontram a oportunidade de praticar a maldade. Eles

podem aliar inteligência com a malvadeza ou com a malícia; porém, qualquer que seja seu desenvolvimento intelectual, suas ideias são pouco elevadas e seus sentimentos são mais ou menos desprezíveis.

Seus conhecimentos sobre as coisas do mundo espírita são limitados, e o pouco que eles sabem se confunde com as ideias e os preconceitos da vida corporal. Eles não podem nos dar senão noções errôneas e incompletas sobre essas coisas; mas o observador atento frequentemente encontra nas comunicações desses Espíritos — mesmo que sejam imperfeitas — a confirmação das grandes verdades ensinadas pelos Espíritos superiores.

O caráter deles se revela pela sua linguagem. Todo Espírito que nas suas comunicações trai um mau pensamento, pode ser colocado na terceira ordem; como consequência, todo mau pensamento que nos é sugerido vem de um Espírito dessa ordem.

Eles guardam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corporal, e essa impressão muitas vezes é mais dolorosa que a realidade. Portanto, eles sofrem verdadeiramente, tanto pelos males que sofreram quanto pelos males que fizeram outros sofrerem; e como sofrem por um longo tempo, eles acreditam que vão sofrer para sempre. Deus, para puni-los, quer que eles pensem assim.

Podemos dividi-los em quatro grupos principais:²¹

Nona classe: ESPÍRITOS IMPUROS — São inclinados ao mal, de que fazem o objeto de suas preocupações. Como Espíritos, eles dão conselhos traiçoeiros, sopram a discórdia e a desconfiança, e se mascaram de todas as maneiras para melhor enganar. Ligam-se aos homens de caráter bastante fraco para cederem às suas sugestões a fim de levá-los à perdição, satisfeitos de poderem retardar o seu adiantamento, fazendo-os cair nas provas a que se submetem.

Nas manifestações, nós os reconhecemos pela sua linguagem; a

²¹ Posteriormente, o autor editou essa divisão acrescentando uma classe à terceira ordem dos Espíritos e, com isso, renumerando as classes desta versão anterior: a nona passaria a ser a décima, a oitava classe passou a ser a nona, a sétima ficou sendo a oitava e a sexta passou a ser a sétima; para a sexta posição (a nova classe) Allan Kardec colocou os “Espíritos batedores e perturbadores”. As classes seguintes permanecerem sem alteração, e desta forma concretizou-se a versão definitiva da Escala Espírita, que aparece a partir da segunda edição de *O Livro dos Espíritos* (1860). — N. T.

banalidade e a grosseria das expressões — tanto nos Espíritos quanto nos homens — é sempre um indício de inferioridade moral, quando não intelectual. Suas comunicações denotam a baixeza de suas inclinações e, se tentam iludir, falando de uma maneira sensata, não conseguem sustentar por muito tempo o seu papel e acabam sempre traindo sua origem.

Alguns povos fizeram deles divindades maléficas, outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios e Espíritos do mal.

Quando estão encarnados, os seres vivos que eles animam são propensos a todos os vícios que geram as paixões vis e degradantes: sensualidade, crueldade, falsidade, hipocrisia, ganância, avareza desprezível. Eles fazem o mal por prazer, muitas das vezes sem motivo, e por ódio ao bem quase sempre escolhem suas vítimas entre as pessoas honestas. São flagelos para a humanidade, qualquer que seja a faixa social a que pertençam, e o verniz da civilização não os livra da vergonha e da desonra.

Oitava classe: ESPÍRITOS LEVIANOS — São ignorantes, maliciosos, inconsequentes e zombeteiros. Metem-se em tudo e respondem a tudo sem se importarem com a verdade. Deleitam-se em causar pequenos males e pequenos gozos, em causar aborrecimentos, em induzir maliciosamente ao erro por meio de mistificações e de travessuras. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente designados pelos nomes de **diabretes, lutins, gnomos, duendes**. Eles estão sob a dependência de Espíritos superiores, que muitas vezes se servem deles, como fazemos com os nossos empregados.

Eles parecem, mais do que os outros, apegados à matéria, e parecem ser os principais causadores das transformações dos elementos do globo — quer habitem o ar, a água, o fogo, os corpos sólidos ou as entranhas da Terra. Manifestam sua presença pelos efeitos sensíveis, tais como batidas, movimento e deslocamento anormal de objetos sólidos, agitação do ar etc. — o que deu a eles o nome de Espíritos batedores ou perturbadores. Reconhecemos que esses fenômenos não se devem a uma causa fortuita e natural, quando eles têm um caráter intencional e inteligente. Todos os Espíritos podem produzir esses fenômenos, mas os Espíritos elevados geralmente os entregam aos cuidados dos Espíritos inferiores, mais aptos às coisas materiais do que às coisas

intelectuais.²²

Em suas comunicações com os homens, a linguagem deles é muitas vezes espirituosa e jocosa, mas quase sempre sem profundidade; aproveitam-se das esquisitices e das tolices que eles expressam em traços mordazes e satíricos. Quando usam supostos nomes, é mais por malícia do que por maldade.

Sétima classe: ESPÍRITOS PSEUDOSSÁBIOS — Seus conhecimentos são bastante amplos, porém creem saber mais do que realmente sabem. Tendo realizado alguns progressos sob diversos pontos de vista, a linguagem deles aparenta um caráter sério que pode iludir quanto às suas capacidades e luzes; mas na maioria das vezes isso não passa de um reflexo dos preconceitos e ideias sistemáticas da vida terrestre; é uma mistura de algumas verdades com os erros mais absurdos, no meio dos quais penetram a presunção, o orgulho, o ciúme e a obstinação de que ainda não puderam se livrara.

Sexta classe: ESPÍRITOS NEUTROS — Estes não são nem bastante bons para fazer o bem, nem bastante maus para fazer o mal; pendem tanto para um como para o outro e não ultrapassam a condição comum da humanidade, seja para a moral, seja para a inteligência. Apegam-se às coisas deste mundo, dentre as quais eles sentem falta das grosseiras alegrias.

SEGUNDA ORDEM – BONS ESPÍRITOS

Características gerais — Predominância do Espírito sobre a matéria; desejo do bem. Suas qualidades e seu poder de fazer o bem são proporcionais ao grau que tenham alcançado: uns têm a ciência, outros a sabedoria e a bondade; os mais avançados reúnem o saber às qualidades morais. Não estando ainda completamente desmaterializados, conforme sua categoria, eles conservam mais ou menos os traços da existência corporal, assim na forma da linguagem como nos seus hábitos, entre os quais se encontram mesmo algumas

²² Justamente as características definidas neste parágrafo acabaram compondo o aspecto geral da categoria de “Espíritos batedores e perturbadores” que futuramente, na versão definitiva da Escala Espírita, iria figurar a sexta classe, dentro da Terceira Ordem de Espíritos. — N. T.

de suas manias; de outro modo, eles seriam Espíritos perfeitos.

Compreendem Deus e o infinito e já gozam da felicidade dos bons. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. O amor que os une é para eles a fonte de uma indescritível felicidade que não é alterada nem pela inveja, nem pelos remorsos, nem por nenhuma das más paixões que são o tormento dos Espíritos imperfeitos; mas todos ainda têm que passar por provas, até que atinjam a perfeição absoluta.

Como Espíritos, eles inspiram bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida aqueles que se mostram dignos dessa proteção e neutralizam a influência dos Espíritos imperfeitos naqueles que não se comprazem em se submeterem a ela.

Dentre estes, os que estão encarnados são bondosos e benevolentes para com os seus semelhantes; não são movidos nem pelo orgulho, nem pelo egoísmo, nem pela ambição; não experimentam nem o ódio, nem o rancor, nem a inveja e nem o ciúme; eles fazem o bem pelo bem.

A esta ordem pertencem os Espíritos designados nas crenças comuns pelos nomes de *bons gênios, gênios protetores, Espíritos do bem*. Em épocas de superstições e de ignorância, eles são tomados como divindades benfeitoras.

Podemos dividi-los em quatro grupos principais:

Quinta classe: ESPÍRITOS BENEVOLENTES — Sua qualidade dominante é a bondade; eles se alegram em prestar serviço aos homens e lhes proteger, porém seu saber é limitado: seu progresso é mais desenvolvido no sentido moral do que no sentido intelectual.

Quarta classe: ESPÍRITOS INSTRUÍDOS — O que principalmente os distingue é a amplitude de seus conhecimentos. Estes se preocupam menos com as questões morais do que com as questões científicas, para as quais eles têm maior aptidão; entretanto, só encaram a ciência do ponto de vista da sua utilidade e jamais dominados por quaisquer paixões que são próprias dos Espíritos imperfeitos.

Terceira classe: ESPÍRITOS SÁBIOS — As qualidades morais da ordem mais elevada formam seu caráter distintivo. Sem possuírem conhecimentos

ilimitados, eles são dotados de uma capacidade intelectual que lhes permite um julgamento correto a respeito dos homens e das coisas.

Segunda classe: ESPÍRITOS SUPERIORES — Eles reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade. Sua linguagem só exala benevolência; é uma linguagem constantemente digna, elevada e por vezes sublime. Sua superioridade lhes torna mais aptos do que os outros a nos dar noções mais justas sobre as coisas do mundo incorpóreo, dentro dos limites do que é permitido ao homem saber. Comunicam-se voluntariamente com aqueles que procuram a verdade de boa-fé e cuja alma já está bastante desprendida das ligações terrenas para compreendê-la; porém, afastam-se daqueles que são animados apenas pela curiosidade ou que, por influência da matéria, transviam-se da prática do bem.

Quando excepcionalmente se encarnam na Terra, é para nela cumprir uma missão de progresso e então nos oferecem o tipo da perfeição a qual a humanidade pode aspirar neste mundo.

PRIMEIRA ORDEM – ESPÍRITOS PUROS

Características gerais — Nenhuma influência da matéria. Absoluta superioridade intelectual e moral em relação aos Espíritos das outras ordens.

Primeira classe: Classe única — Eles já percorreram todos os graus da escala e se depuraram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que a criatura é capaz, estes não têm mais que sofrer nem provas nem expiações. Não estando mais sujeitos à reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

Desfrutam de uma felicidade inalterável, porque não estão sujeitos nem às necessidades nem às vicissitudes da vida material; contudo, essa felicidade não é aquela de uma **ociosidade monótona passada em uma perpétua contemplação**. Eles são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens eles executam para manutenção da harmonia universal. Comandam a todos os Espíritos que lhes são inferiores, ajudam-lhes a se aperfeiçoarem e lhes designam suas missões. Auxiliar os homens nas suas aflições, incentivá-los ao

bem ou à expiação das faltas que os distanciam da suprema felicidade: eis para eles uma grata ocupação. São chamados às vezes pelos nomes de anjos, arcanjos ou serafins.

Os homens podem entrar em comunicação com eles, mas seria muito presunçoso aquele que pretendesse tê-los constantemente às suas ordens.

Algumas pessoas erroneamente os designam pela expressão Espíritos **incriados**. Os Espíritos incriados seriam desde toda a eternidade, como Deus; ora, se os seres pudessem existir no universo sem a vontade de Deus, então Deus não teria a onipotência. Os Espíritos usaram essa expressão, mas não neste sentido; com isso, eles queriam dizer Espíritos que não mais encarnarão e que, desse ponto de vista, não mais serão criados como homens. O termo é impróprio, porque dá origem a uma interpretação falsa; esta é a desvantagem de se apegar à letra sem examinar o conceito. (Veja. **Anjo**.)

CAPÍTULO II

MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

Ação oculta

Os Espíritos normalmente agem sobre o nosso pensamento sem sabermos disso; eles nos induzem a fazer isto ou aquilo; nós achamos que estamos agindo por nossa própria vontade, mas não fazemos mais do que ceder a uma sugestão estranha.

Não devemos inferir daí que nós não temos iniciativa, longe disso: o Espírito encarnado sempre tem o seu livre-arbítrio; no final das contas cada um faz o que bem quer e frequentemente segue o seu impulso pessoal. Para entendermos como as coisas se passam, precisamos imaginar nossa alma desprendida dos laços pela emancipação, o que sempre ocorre durante o sono, que haja sonhos ou não; todas as vezes que aconteça um afrouxamento dos sentidos, e algumas vezes até mesmo enquanto acordados. Então a alma entre em comunicação com os outros Espíritos, como qualquer que saísse de casa para ir visitar os vizinhos (queiram nos permitir essa comparação comum). Assim se estabelece entre eles um tipo de conversa, ou, falando mais precisamente, uma troca de pensamentos. A influência do outro Espírito não é exatamente uma coação, mas uma espécie de conselho que ele dá à nossa alma, conselho esse que pode ser mais ou menos sábio conforme a natureza do Espírito, e o qual a alma é livre para seguir ou rejeitar, mas que ela pode melhor avaliar quando não está mais sob o império das ideias que a vida de relacionamentos suscita; é por isso que — dizem — a noite é uma boa conselheira.

Nem sempre é fácil distinguir o pensamento sugerido do pensamento pessoal, porque com frequência eles se confundem; no entanto, acredita-se que ele nos vem de uma fonte externa quando é espontâneo, quando surge em nós como inspiração e quando está em oposição ao nosso modo de ver. Nosso senso crítico e a nossa consciência nos permitem saber se ele é bom ou ruim.

Manifestações patentes

As manifestações patentes diferem-se das manifestações ocultas porque elas são captadas pelos nossos sentidos; constituem, propriamente falando, todos os fenômenos espíritas que se apresentam a nós sob variadas formas.

Manifestações físicas

Nomeamos desta maneira as manifestações que se limitam aos fenômenos materiais, tais como os ruídos e o movimento e deslocamento de objetos. Na maioria das vezes eles não têm nenhum sentido direto; seu propósito é chamar nossa atenção para alguma coisa e para nos convencer da presença de uma potência superior ao homem. Para muitas pessoas, esse tipo de manifestações é só um objeto de curiosidade; para o observador, é no mínimo a revelação de uma força desconhecida, em todo caso, digna de um estudo sério.

Os efeitos mais simples desse gênero são as batidas sem uma causa evidente conhecida e o movimento circular de uma mesa, ou de um objeto qualquer, com ou sem a imposição das mãos; mas eles podem tomar proporções bem mais estranhas: as pancadas algumas vezes são ouvidas por todo lado e com uma intensidade que acabam em um verdadeiro alvoroço; móveis são deslocados, revirados e levantados; objetos são transportados de um lugar para outro à vista de todo mundo, cortinas são puxadas, cobertas arrancadas das camas, campainhas são tocadas... Compreendemos que quando

tais fenômenos se produzem, certas pessoas tenham lhes atribuído uma origem diabólica; porém, um estudo atento fez justiça a essa crença supersticiosa. Voltaremos a este tema logo mais.

Manifestações inteligentes

Se os fenômenos de que acabamos de falar tivessem se limitado aos efeitos materiais, não há dúvida de que eles poderiam ter sido atribuídos a uma causa puramente física, à ação de algum fluido cujas propriedades ainda não são conhecidas para nós. Já não seria o mesmo quando eles dessem sinais incontestáveis de inteligência; ora, se todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente. Num objeto que se mexe, é fácil reconhecer entre um movimento meramente mecânico e um movimento intencional. Se — por ruído ou por movimento — esse objeto faz um sinal, é evidente que há intervenção de uma inteligência. Já que a razão nos diz que não é o objeto material em si que é inteligente, então concluímos que ele é *movido* por uma causa inteligente estranha; é o caso dos fenômenos que estudamos.

Se as manifestações puramente físicas de que acabamos de falar são capazes de cativar o nosso interesse, são muito mais ainda quando elas nos revelam a presença de uma inteligência oculta, pois então não é mais simplesmente um corpo inerte que temos diante de nós, mas um ser capaz de nos entender e com o qual podemos fazer uma troca de ideias. Desde então se concebe que o modo de experimentação deve ser totalmente diferente daquele que se tratasse de um fenômeno puramente material, e que os procedimentos comuns de laboratório são incapazes de dar conta dos fatos que pertencem a uma ordem intelectual. Aqui não se trata mais de uma questão de análises nem de cálculos matemáticos de forças; ora, é exatamente nesse erro que a maior parte dos estudiosos cai; eles acreditavam estar na presença de um desses fenômenos que a ciência reproduz a qualquer momento e sob o qual poderiam agir como se fosse um sal ou um gás; isso não diminui em nada o saber deles; nós apenas dizemos que eles se equivocaram ao crer que podiam meter os

Espíritos num tubo de laboratório, o espírito do vinho, e que os fenômenos espíritas não são da alçada da ciência mais do que as questões de teologia ou da metafísica.

Manifestações aparentes

As manifestações aparentes mais comuns ocorrem durante o sono, através dos sonhos: são as visões. Os sonhos jamais foram explicados pela ciência; ela acreditava ter dito tudo ao atribuí-los a um efeito da imaginação, mas não nos diz o que é a imaginação, nem como ela produz essas imagens tão claras e tão nítidas que às vezes nos aparecem; isso é explicar uma coisa que não é conhecida por outra que também é desconhecida; portanto, a questão permanece insolúvel. Dizem que é uma lembrança das preocupações da véspera; mas, mesmo admitindo essa solução — que não é uma solução —, restaria ainda saber qual é esse espelho mágico que desse modo conserva a impressão das coisas; como explicar sobretudo essas visões das coisas reais que jamais vimos em estado desperto e nas quais nós nunca sequer pensamos? Somente o espiritismo poderia nos dar a chave desse fenômeno bizarro que passa despercebido por causa de sua própria simplicidade, como todas as maravilhas da natureza que temos sob nossos pés.²³ Não está no escopo dessa obra examinar todas as particularidades que os sonhos podem apresentar; resumiremos tudo dizendo que eles podem ser: uma visão atual das coisas presentes ou ausentes; uma visão retrospectiva do passado, e, em alguns casos excepcionais, um pressentimento do futuro. Muitas vezes também são quadros simbólicos que os Espíritos fazem passar sob nossos olhos para nos dar avisos úteis e conselhos salutares — caso sejam Espíritos bons; ou para nos induzir ao erro e incitar nossas paixões — se forem Espíritos imperfeitos.

As pessoas que nós vemos nos sonhos são, portanto, verdadeiras visões; se sonhamos mais frequentemente com aqueles com quem nos preocupamos,

²³ Ver a palavra *sonho* no vocabulário.

é porque o pensamento é um modo de evocação, e porque através dele chamamos até nós o Espírito dessas pessoas — estejam elas mortas ou vivas.

Acreditamos que seria um insulto ao bom senso dos nossos leitores refutar tudo aquilo que há de absurdo e de ridículo no que vulgarmente se chama de interpretação dos sonhos.

As aparições propriamente ditas se dão em estado de vigília e quando se goza da plenitude e inteira liberdade das suas faculdades. É sem dúvidas o gênero de manifestação mais apropriada a despertar a curiosidade, mas é também a menos fácil de ser obtida. Os Espíritos podem se manifestar ostensivamente de várias maneiras; às vezes é sob a forma de chamadas sutis ou de luzes mais ou menos brilhantes que não têm nenhuma semelhança — nem pelo seu aspecto nem pelas circunstâncias nas quais elas se produzem — com os fogos-fátuos²⁴ ou com outros fenômenos físicos cuja causa já está perfeitamente explicada. Outras vezes, eles assumem as feições de uma pessoa conhecida ou desconhecida, sobre cuja individualidade podemos nos confundir conforme as ideias de que estamos imbuídos. É então uma imagem vaporosa, etérea, que não encontra nenhum obstáculo nos corpos sólidos. Os fatos desse tipo são numerosos; mas antes de atribuí-los à imaginação ou à fraude, é preciso levar em conta as circunstâncias nas quais eles são produzidos, da posição e principalmente do caráter do narrador.

Em determinados casos, a aparição se torna tangível, isto é, ela adquire momentaneamente, e sob a força de certas circunstâncias, as propriedades da matéria sólida. Não é mais pelos olhos que se entra em contato com a realidade, mas pelo toque. Se era possível atribuir a aparição puramente visual à ilusão ou a um tipo de fascinação, a dúvida já não é mais permitida desde quando você pode tocá-la, pegá-la, apalpá-la; quando ela mesma te agarra e te abraça.²⁵

²⁴ Fogo-fátuo: fenômeno natural que produz uma luminosidade, geralmente emanada de superfícies aquosas ou de sepulturas, cuja causa é atribuída à combustão de gases provenientes da decomposição de matérias orgânicas. — N. T.

²⁵ Veja na *Revista Espírita* do mês de março, abril e maio de 1858, a narração e as explicações das manifestações desse gênero.

Manifestações espontâneas

A maioria dos fenômenos de que acabamos de falar — principalmente as que pertencem ao gênero das manifestações físicas e aparentes — podem se reproduzir espontaneamente, quer dizer, sem que a vontade tenha participação neles. Em outras circunstâncias, eles podem ser provocados pela vontade de indivíduos ditos médiuns, dotados de um poder especial para isso.

As manifestações desse gênero não são nem raras nem novas; poucas crônicas locais não contêm alguma história desse gênero. O medo indubitavelmente tem exagerado muitas vezes os fatos que, passando de boca em boca, tomaram proporções gigantescamente ridículas; com a ajuda da superstição, as casas onde esses fatos têm ocorrido foram reputadas como assombradas pelo diabo, e daí todos vem os contos maravilhosos ou assustadores de fantasmas. Por sua vez, a astúcia não deixou escapar tão bela ocasião de explorar a credulidade, e isso frequentemente em proveito de interesses pessoais. De resto, concebemos a impressão que os fatos desse tipo podem produzir, mesmo reduzidos à realidade, em pessoas de caráter fraco e predispostas pela instrução às ideias supersticiosas. O meio mais seguro de prevenir os inconvenientes que esses fatos possam ter — já que não se pode impedi-los — consiste em ensinar a verdade. As mais simples se tornam assustadoras quando a causa é desconhecida. Quando todos estiverem familiarizados com os Espíritos, e quando as pessoas a quem eles se manifestam já não mais acreditem que ter uma legião de demônios nos seus calcanhares, então ninguém mais terá medo dos Espíritos.

As manifestações espontâneas raramente se produzem em lugares isolados, pois é quase sempre nas casas habitadas onde elas ocorrem, e pelo fato da presença de certos indivíduos que exercem uma influência involuntária; esses indivíduos são verdadeiros médiuns, sem saberem disso, e que por essa razão nós os chamamos de *médiuns naturels*. Com relação aos outros médiuns, eles são o que os sonâmbulos naturais são para os sonâmbulos magnéticos, e igualmente tão curiosos de se observar: é por isso que incentivamos as pessoas que lidam com os fenômenos espíritas a recolherem

todos os fatos desse gênero que venham ao seu conhecimento, mas sobretudo a constatarem com cuidado a realidade deles, para evitar de serem vítimas da ilusão ou da fraude — o que evitarão por uma observação cuidadosa.

Devemos ficar atentos, não somente contra relatos que possam estar minimamente contaminadas pelo exagero, mas também contra as próprias impressões, para não atribuímos uma origem oculta a tudo o que não compreendemos. Uma infinidade de causas muito simples e muito naturais pode produzir efeitos estranhos à primeira vista, e seria uma verdadeira superstição ver por toda parte Espíritos ocupados em revirar móveis, quebrar louças e, enfim, suscitar as mil e uma importunações domésticas que é mais racional atribuímos à falta de jeito. O que é preciso fazer em tal caso é investigar a causa, e pode apostar cem contra um que descobriríamos uma causa bem simples onde se pensaria ter relação com algum Espírito perturbador. Quando ocorre um fenômeno inexplicável, a primeira ideia que devemos ter é que ele se deve a uma causa material, porque é a mais provável, e só admitir a intervenção dos Espíritos com sensatez. Aquele que, por exemplo, sem estar próximo de ninguém, recebesse uma bofetada ou uma bengalada nas costas, como tem acontecido, não poderia duvidar da presença de um ser invisível.

De todas as manifestações espíritas, as mais simples e as mais frequentes são os ruídos e as pancadas; é aqui principalmente que se deve temer a ilusão, pois uma série de causas naturais pode produzi-los: o vento que sibila ou agita um objeto, algo que nós mesmos movemos sem percebermos, um efeito acústico, um animal escondido, um inseto etc., ou mesmo as travessuras dos brincalhões de mau gosto. Aliás, os ruídos espíritas têm uma característica especial: tudo neles revela uma intensidade e um timbre muito variado que os tornam facilmente reconhecíveis e não permitem que sejam confundidos com os estalos da madeira, com as crepitações do fogo ou com o tique-taque monótono do pêndulo de um relógio; algumas vezes são batidas secas, surdas, fracas e leves, e noutras vezes claras, distintas e às vezes retumbantes, que mudam de lugar e se repetem sem nenhuma regularidade mecânica. De todos os meios de verificação, o mais eficaz — aquele que não pode deixar dúvida

quanto à origem do fenômeno — é a obediência à vontade. Se as pancadas são ouvidas num lugar designado, se elas respondem ao pensamento pela quantidade ou pela intensidade, então não se pode deixar de reconhecer nelas uma causa inteligente; todavia, a falta de obediência nem sempre significa uma prova contrária.

Agora, vamos admitir que, por uma constatação minuciosa, se adquira a certeza de que os ruídos e todos os outros efeitos sejam manifestações reais: seria racional ter medo delas? Não, certamente, porque não há em nenhum caso o menor perigo; somente aqueles que estão convencidos de que é o diabo podem ser afetados de uma maneira tão lamentável — como as crianças a quem se mete medo do lobisomem ou do bicho-papão. É preciso convir que essas manifestações às vezes tomam proporções e uma persistência desagradáveis, das quais temos o desejo muito natural de nos livrarmos. Uma explicação se faz necessária sobre esta questão.

Temos dito que as manifestações físicas têm por objetivo chamar nossa atenção para alguma coisa e nos convencer da presença de uma força superior ao homem. Também dissemos que os Espíritos elevados não se ocupam com manifestações desse tipo; eles se servem dos Espíritos inferiores para produzi-las, como nos servimos dos empregados para os trabalhos pesados, e isso com o propósito que acabamos de indicar. Depois de atingir esse propósito, a manifestação material cessa, porque ela deixa de ser necessária. Um ou dois exemplos farão melhor compreender a coisa. No início dos meus estudos sobre o espiritismo, estando certa noite ocupado com um trabalho referente a esta matéria, pancadas se fizeram ouvir em torno de mim durante quatro horas consecutivas; era a primeira vez que tal coisa me acontecia; certifiquei-me de elas não tinham nenhuma causa accidental, mas naquele momento, não pude saber mais a respeito. Nessa época, eu tinha a oportunidade de ver frequentemente um excelente médium escrevente. Logo no dia seguinte, eu interroguei o Espírito que comunicava pelo seu intermédio sobre a causa daquelas batidas. Foi-me respondido: ***Era o teu Espírito familiar que desejava falar contigo.*** — E o que ele queria me dizer? Resposta: Pode perguntar a ele mesmo, pois ele está aqui. — Tendo então interrogado esse Espírito, ele se

apresentou sob um nome alegórico (eu soube depois, por outros Espíritos, que era aquele de um ilustre filósofo da Antiguidade); ele me apontou erros no meu trabalho, indicando-me *as linhas* onde estavam esses erros; deu-me úteis e sábios conselhos e acrescentou que estaria sempre comigo e viria ao meu chamado todas as vezes que eu quisesse interrogá-lo. Desde então, de fato, esse Espírito nunca mais me deixou. Ele me deu muitas provas de uma grande superioridade e sua intervenção *benevolente* e *eficaz* ficou evidente para mim, tanto nos assuntos da vida material quanto no que toca às questões metafísicas. Mas desde a nossa primeira conversa as pancadas cessaram. O que ele realmente desejava? Entrar em comunicação comigo regularmente; para isso, ele precisava me avisar. Com certeza não foi ele mesmo quem veio produzir as batidas em minha casa; para isso, ele provavelmente enviou um emissário sob suas ordens. Dado o aviso, depois explicado, e estabelecidas as relações regulares, as pancadas se tornaram inúteis; eis por que elas pararam. Não se toca mais o tambor para despertar os soldados uma vez estes já estejam de pé.

Um fato quase semelhante sucedeu com um de nossos amigos. Fazia algum tempo que seu quarto ressoava com ruídos diversos que já estavam ficando fatigantes. Tendo se apresentado a ocasião de interrogar o Espírito de seu pai, através de um médium escrevente, este amigo soube o que queriam dele, fez o que foi lhe recomendado e depois disso nada mais ouviu. Convém ressaltar que as pessoas que têm um meio regular e fácil de comunicação com os Espíritos experimentam muito mais raramente manifestações deste gênero, e isso é compreensível.

Os Espíritos que assim se manifestam podem igualmente agir por conta própria. Muitas vezes são Espíritos sofredores que solicitam uma assistência moral (Veja: *Prece* no Vocabulário). Quando podem expressar seu pensamento de uma maneira mais inteligível, eles pedem essa assistência de acordo com a forma que lhe era familiar quando estavam vivos, ou que esteja nas ideias e hábitos daqueles a quem eles se dirigem, pois pouco importa essa forma, desde que a intenção venha do coração.

Em resumo, o meio de fazer as manifestações importunas cessarem é procurar entrar em comunicação inteligente com o Espírito que vem nos

perturbar, a fim de saber quem é e o que ele quer; satisfeito o seu desejo, ele nos deixa em paz. É como alguém que bate à porta até que ela seja aberta para ele. Mas, alguém dirá: O que fazer quando não temos um médium? — O que um enfermo faz quando não tem um médico? — Segue em frente sem ele. Mas aqui nós temos outro recurso: o enfermo não pode se fazer de médico, porém de cada dez pessoas há nove que podem ser médiuns escreventes; basta então tornar-se um, se não encontrar nenhum entre as pessoas próximas. Na falta de um médium escrevente, é possível ainda interrogar diretamente o Espírito que bate, e que pode responder pelo mesmo modo, ou seja, pelas batidas convencionadas. Retornaremos a esse assunto nos capítulos seguintes.

CAPÍTULO III

COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS

Como temos dito, toda manifestação que revele uma intenção ou uma vontade é, por isso mesmo, inteligente — em qualquer grau que seja. Esta é, portanto, uma qualificação genérica que diferencia esses tipos de manifestações daquelas que são puramente materiais. Quando o desenvolvimento dessa inteligência permite uma troca mútua e contínua de pensamentos, então se obtém **comunicações** regulares cujo caráter permite julgar o Espírito que se manifesta; conforme sua natureza e seu objetivo, elas podem ser: **frívolas, grosseiras, sérias ou instrutivas** (Veja o item **Comunicações** no Vocabulário). Esta distinção é aqui de grande importância, pois é por ela que os Espíritos nos revelam sua superioridade ou sua inferioridade. Conhecemos os homens pela sua linguagem; é a mesma coisa com os Espíritos. Ora, quem estiver bem convencido das qualidades distintivas de cada uma das classes da escala espírita poderá sem dificuldade assinalar a qualquer Espírito que se apresente a categoria à qual pertence, assim como o grau de estima e de confiança que ele merece; se a experiência não viesse apoiar esse princípio, o simples bom senso seria suficiente para demonstrá-lo. Coloquemos então como regra invariável e sem exceção que **a linguagem dos Espíritos é sempre proporcional ao nível de sua elevação**. A dos Espíritos realmente superiores é constantemente séria, digna e nobre; ela é sublime quando o assunto assim o exige; não apenas eles nos dizem unicamente coisas boas como também as dizem em termos que excluem da maneira mais absoluta toda trivialidade; por melhores que sejam essas coisas, se elas estiverem manchadas por uma única expressão que denote baixeza, isto é um sinal

inquestionável de inferioridade, ainda mais se o conjunto da mensagem fere a decência por sua grosseria. A linguagem sempre revela a sua origem, seja pelo pensamento que expressa, seja pela forma, e até mesmo quando um Espírito queira nos ludibriar quanto à sua pretensa superioridade, bastará conversar algum tempo com ele para o avaliarmos. O fato seguinte se repetiu muitas vezes no curso dos nossos longos e volumosos estudos: conversamos com um Espírito cujo caráter e linguagem nós conhecemos; um outro Espírito mais ou menos elevado estava presente e, ***sem que lhe pedíssemos***, entrou na conversa. Ora, antes que ele dissesse seu nome, a diferença de estilo ficou tão evidente que imediatamente todo mundo pensou de uma só vez: não é mais fulano quem está falando. Não julgaríamos os homens de outra forma; para isso, bastaria ouvi-los sem os ver. Suponham que numa sala ao lado onde vocês estejam haja vários indivíduos que vocês não conhecem e a quem não podem ver; pela conversa deles vocês poderão julgar prontamente se são pessoas rudes ou de boas, ignorantes ou educados, malfeitores ou honestos.

A bondade e a gentileza também são atributos essenciais dos Espíritos depurados; eles não têm ódio nem dos homens nem dos outros Espíritos; têm pena das fraquezas, criticam os erros, mas sempre com moderação, sem rancor e sem aversão. Isto quanto à moral. Podemos igualmente julgá-los pela natureza de sua inteligência. Um Espírito pode ser bom, gentil, só ensinar o bem e possuir conhecimentos limitados, porque nele o desenvolvimento ainda está incompleto. Não estamos falando dos Espíritos notoriamente inferiores; a estes seria perda de tempo pedir explicações sobre certas coisas, tanto quanto perguntar a um colegial o que ele pensa de Aristóteles ou do sistema do Universo. Mas há alguns que, em alguns aspectos, parecem esclarecidos, ao passo que sobre outras questões eles demonstram uma completa ignorância pelas heresias científicas mais absurdas. Este raciocinará muito sensatamente sobre um ponto, mas será irracional sobre outro. Também é assim entre nós: um astrônomo é instruído naquilo que diz respeito aos astros, mas pode ser muito ignorante em arquitetura, em música, pintura, agricultura etc. Tudo isso denota claramente um desenvolvimento imperfeito, o que não quer dizer que ele seja um mau Espírito.

Para julgar os Espíritos, assim como para julgar os homens, é preciso primeiramente saber julgar-se a si mesmo. Infelizmente, há muita gente que toma sua própria opinião como parâmetro exclusivo do bem e do mal, do verdadeiro e do falso; tudo o que contradiga sua maneira de ver, suas ideias e a teoria que conceberam ou adotaram é mau aos olhos deles. Para essas pessoas falta evidentemente a qualidade primordial para uma correta apreciação: a retidão do julgamento. Mas eles nem suspeitam disso; esse é o defeito com o qual os homens mais se iludem.

Acredita-se geralmente que interrogando o Espírito de um homem que foi sábio numa determinada especialidade na Terra seja possível obter a verdade com mais segurança; isto é lógico, mas nem sempre está correto. A experiência demonstra que os instruídos, assim como os outros homens — sobretudo os que deixaram a Terra há pouco tempo — ainda estão sob o império dos preconceitos da vida corporal; eles não se despojam imediatamente do espírito de sistema. Portanto, pode ser que, sob a influência das ideias que eles acalentaram em vida, e das quais fizeram para si um título de glória, eles então vejam menos claramente do que imaginamos. Não damos este princípio como uma regra, longe disso: dizemos somente que isso ocorre e que, por consequência, a sua ciência humana nem sempre é uma prova da sua infalibilidade como Espíritos. Aqueles que — como muitas vezes acontece — condenam na condição de Espírito as doutrinas que tinham sustentados como homens, sempre dão com isso uma prova de elevação. Regra geral: ***o Espírito é tanto menos perfeito quanto menos ele for desapegado da matéria.*** Todas as vezes que nele encontramos a persistência das ideias falsas que o preocupavam durante sua vida — que elas sejam de ordem física ou de ordem moral — então isso é um sinal infalível de que ele não está completamente desmaterializado.

O apega às ideias terrestres é tanto maior quanto mais recente for a morte. No instante da morte a alma está sempre num estado de perturbação durante o qual ela mal se reconhece; ***é um despertar que não está completo; Eu não sei onde estou; tudo está confuso para mim,*** essa é a resposta constante deles; alguns se queixam de serem incomodados tão cedo; outros dizem sem rodeios

para deixá-los tranquilos, e, segundo seu caráter, expressam essa ideia em termos mais ou menos urbanos. Muitos não acreditam que estejam mortos, principalmente os torturados, os suicidas e em geral aqueles que sofreram uma morte violenta. Eles veem o corpo deles, sabem que esse corpo lhes pertence e não compreendem que estejam separados dele; isso os surpreende; precisam de algum tempo para se darem conta da sua nova situação. Dessa forma, a evocação não pode ser feita nesse momento a não ser como objeto de estudos psicológicos, porém não é o caso de lhes pedir informações.

Semelhante estado de confusão — que podemos comparar ao estado de transição do sono para a vigília — continua por um tempo mais ou menos longo. Vimos alguns que ficaram completamente desprendidos ao fim de três ou quatro dias, outros que demoraram vários meses para se desprenderem. Acompanhamos com interesse a marcha progressiva deles e, de alguma forma, assistimos ao despertar de sua alma; as questões que lhes endereçamos — se forem feitas com moderação, prudência, ponderação e gentileza — até os ajudam a se libertarem. Se eles estiverem sofrendo e alguém tem compaixão de sua dor, isso os reconforta. Quando a morte é natural — isto é, quando ela chega pela extinção gradual das forças vitais — a alma já está parcialmente livre antes da ruptura completa da vida orgânica, e ela se reconhece mais prontamente. É o mesmo que acontece com os homens que, durante a sua vida, se elevaram através do pensamento acima das coisas materiais; desde esse mundo, de alguma forma eles pertencem ao mundo dos Espíritos; a passagem de um para o outro mundo se faz rapidamente e a perturbação é de curta duração.

Uma vez liberta ***dos seus despojos corporais***, a alma se encontra no seu estado normal: só então é que podemos julgá-la, porque aí ela mostra verdadeiramente o que ela é; suas qualidades e seus defeitos, suas imperfeições, seus preconceitos, suas prevenções e suas ideias falsas, mesquinhas ou ridículas persistem sem modificação durante todo o período da sua vida errante, mesmo que ela seja de mil anos; falta-lhe atravessar uma nova fase na vida corporal para deixar para trás algumas de suas impurezas e subir alguns degraus a mais. Nós conhecemos alguns Espíritos que, após 200 anos de vida errante, ainda têm as manias e mesquinhas de que se conhecia em vida,

enquanto outros demonstram quase imediatamente uma grande superioridade.

A propósito do estado de transição que acabamos de descrever, falamos de Espíritos sofredores. Vão perguntar, naturalmente, se esse momento é doloroso. Não faz parte do escopo desta obra tratar da questão do sofrimento dos Espíritos, nem tampouco examinar a natureza desse sofrimento; essa questão terá o seu lugar na Revista.²⁶ Então nos limitaremos a dizer que para o homem de bem, para quem adormece na paz de uma consciência pura e não teme nenhum olhar escrutinador, o despertar é sempre calmo, doce e tranquilo; já para aquele cuja consciência está carregada de más ações, para o homem material que depositou todas as suas alegrias na satisfação de seu corpo, para quem abusou dos favores que a Providência lhe concedeu, o despertar é terrível. Sim, esses Espíritos sofrem no instante em que deixam a vida; sofrem muito e esse sofrimento pode durar tanto quanto sua vida errante; embora esse sofrimento seja apenas moral, é ainda mais pungente, porque nem sempre lhes é permitido ver o seu término; eles sofrem até que um raio de esperança venha brilhar aos seus olhos, e nós podemos fazer nascer essa esperança conversando com eles. Boas palavras e demonstração de simpatia são para eles um alívio para o qual podem contribuir os bons Espíritos que chamamos em nosso auxílio para apoiar nossas intenções. Um suicida evocado pouco tempo depois da sua morte nos detalhou suas torturas. Perguntaram-lhe: Quanto tempo isso vai durar? — Eu não sei de nada, e é isso o que me deixa desesperado! Um Espírito superior, que estava presente, disse espontaneamente: “Isso durará até o fim natural da vida que ele interrompeu voluntariamente.” O outro respondeu: — Obrigado, pelo que *este que está aí* acabou de me ensinar!

Finalizaremos este capítulo com uma nota essencial: o quadro que acabamos de traçar não é o resultado de uma teoria, nem de um sistema filosófico mais ou menos engenhoso. Tudo o que dissemos nós o recebemos dos próprios Espíritos; foram eles a quem interrogamos e que muitas vezes nos responderam de uma maneira contrária às nossas convicções iniciais. Fizemos com os Espíritos o que os anatomistas fazem com o corpo humano: pusemos o

²⁶ Referência à *Revista Espírita*, editada também por Allan Kardec. — N. T.

escalpelo da investigação sobre inúmeros assuntos. Não nos contentamos em fazê-los falar; nós sondamos todos os refolhos de sua existência, pelo menos tanto quanto isso nos foi possível; nós os seguimos desde o instante em que eles exalaram o último suspiro da vida corporal, até o momento em que a ela retornaram; estudamos sua linguagem, seus comportamentos, seus hábitos, suas ideias e seus sentimentos, como o médico escuta as pulsações de um paciente, e nessa clinica moral onde todas as fases da vida espírita passaram sob os nossos olhos, observamos e comparamos; de um lado, vimos feridas hediondas, mas do outro, vimos também grandes motivos de consolação. Enfatizamos: não fomos nós que imaginamos todas essas coisas, mas foram os Espíritos que se pintaram por eles mesmos. Ora, para quem deseja entrar em contato com eles, é importante conhecê-los bem, a fim de estar em condições de avaliar a situação deles e de melhor compreender a sua linguagem, que, sem isso, poderia às vezes parecer contraditória; foi por isso que nos demoramos um tanto neste capítulo.

CAPÍTULO IV

DIFERENTES MODOS DE COMUNICAÇÃO

Os Espíritos podem se comunicar conosco por diversos meios. Nós os definimos no Vocabulário; aqui, daremos a cada um desses meios as explicações necessárias para a sua prática:

Sematologia e Tiptologia

Inicialmente, usava-se uma mesa para esse meio de correspondência, apenas porque esse é um objeto conveniente pela facilidade que se tem de sentar-se ao seu redor e porque foi o primeiro sobre o qual foram produzidos os movimentos que deram origem à expressão comum de dança das mesas; mas é importante saber que, para tal finalidade, uma mesa não tem mais influência do que qualquer outro objeto móvel. Vamos considerar o fenômeno em seu aspecto mais simples.

Se uma pessoa coloca a ponta dos seus dedos sobre a borda de um objeto circular, móvel, tal como uma xícara, um prato, um chapéu ou um copo, e que nessa situação ela concentra sua vontade sobre esse objeto para fazê-lo se mover, pode ocorrer que esse objeto se mexa em um movimento rotatório, a princípio lento, depois cada vez mais rápido, ao ponto de ser difícil segui-lo. O objeto virará para a direita ou para a esquerda, conforme a direção indicada pela pessoa, verbalmente ou mentalmente. Uma vez estabelecida a ligação

fluídica entre a pessoa e o objeto, este pode produzir o movimento sem contato, agindo somente pelo pensamento. Dissemos que isso pode ocorrer porque, de fato, não há uma certeza absoluta desse resultado. Certas pessoas são dotadas de uma tal força nesse sentido que o movimento se produz logo após alguns segundos; outras não o obtêm senão depois de cinco ou dez minutos; e, enfim, há aquelas que nunca obtêm absolutamente nada. Fora a experiência, não há nenhum diagnóstico que possa revelar a aptidão para a produção desse fenômeno; a força física nada tem a ver com isso: as pessoas frágeis e sensíveis muitas vezes o obtêm mais dos que os homens vigorosos. É um teste que cada um pode fazer sem qualquer perigo, embora às vezes resulte numa fadiga muscular muito grande e um tipo de agitação febril.

Se a pessoa for dotada de uma potência suficiente, ela poderá virar sozinha uma mesa leve; algumas vezes agir até sobre uma mesa pesada e maciça; mas isso requer um poder excepcional.

Para operar mais seguramente sobre uma mesa de um peso considerável, coloca-se várias pessoas ao seu redor; o número é indiferente; não é necessário alternar os sexos, nem estabelecer um contato entre os dedos dos participantes; basta pôr a ponta dos dedos estirados na borda da mesa, como nas teclas de um piano; tudo isso não leva a nenhuma consequência. Por outro lado, há outras condições essenciais mais difíceis a cumprir: a concentração do pensamento de **todo mundo** em vista de se obter um movimento numa direção ou em outra, um recolhimento e um silêncio absoluto, além de, sobretudo, uma enorme paciência. O movimento às vezes ocorre em cinco ou dez minutos, mas com frequência é preciso se resignar a esperar uma meia-hora ou mais. Se depois de uma hora não for obtido nada, será inútil continuar.

Devemos acrescentar que algumas pessoas são antipáticas ao fenômeno, e que sua influência negativa pode ser exercida somente pelo fato da sua presença; outras são completamente neutras. Em geral, quanto menos espectadores, melhor será — seja porque há menos chances de aí se encontrar antipatias, seja porque será mais fácil haver silêncio e concentração.

O fenômeno sempre é provocado pelo efeito da aptidão especial de algumas pessoas atuantes cuja força é multiplicada pelo número dessas

peessoas. Quando a força é suficientemente grande, a mesa não se limita a girar; ela se move, se levanta, fica num pé só, se balança como um navio, e chega até a se erguer do chão sem nenhum ponto de apoio. Uma coisa admirável é que, seja qual for a inclinação da mesa, os objetos que estão sobre ela permanecem ali, e que nem mesmo uma luminária corre algum risco. Um fato não menos singular é que, estando inclinada e então apoiada num único pé, a mesa pode oferecer uma resistência tal que o peso de uma pessoa não é suficiente para baixá-la.

Quando se chega a produzir um movimento enérgico, o contato das mãos deixa de ser necessário; todos podem se afastar da mesa e ela se dirige à direita, à esquerda, para frente, para trás, em direção a uma determinada pessoa, levantando-se com um pé ou outro, de acordo com o comando que lhe for dado.

Até então esses fenômenos não têm nenhum caráter essencialmente inteligente; mas nem por isso eles deixam de ser curiosos de se observar, como um produto de uma força desconhecida. Aliás, eles são capazes de convencer certas pessoas que não seriam convencidas por provas filosóficas. É o primeiro passo na ciência espírita que nos conduz muito naturalmente aos meios de comunicação.

O mais simples de todos esses meios é — como no homem privado da fala ou da escrita — a linguagem dos sinais. Um Espírito pode comunicar seu pensamento através do movimento de um objeto qualquer. Nós conhecemos alguém que dialoga com seu Espírito familiar (o Espírito de uma pessoa de quem ele gostava bastante) por meio do primeiro objeto que aparece: uma régua, um estilete colocado sobre uma mesa... Ele põe os dedos em cima, e depois de ter evocado esse Espírito, a régua se move à direita ou à esquerda para dizer sim ou não, mediante a convenção; indica os números etc. O mesmo resultado é obtido com uma mesa ou um *gueridom*;²⁷ estando os dedos colocados na borda, que seja um só ou vários, e um tendo sido chamado um Espírito, se este estiver presente e se estiver disposto a se revelar, a mesa sobe, desce, se agita e, por seus movimentos à direita ou à esquerda, ou de básculo,

²⁷ *Gueridom* (*guéridon*, em francês): espécie de mesa pequena, com tampo arredondado (geralmente de mármore) e sustentada por um único pé central, tipicamente usado para exposição de objetos (um vaso de flores, por exemplo) ou para serviço de buffet (iguarias e bebidas). — N. T.

ela responderá afirmativa ou negativamente. Pela sua trepidação, ela expressa alegria, impaciência e até raiva; algumas vezes ela se vira violentamente ou se joga sobre um dos assistentes, como se tivesse sido empurrada por uma mão invisível, e nesses movimentos pode-se reconhecer a expressão de um sentimento de afeto ou de antipatia. Um de nossos amigos estava certa noite num salão que promovia manifestações desse gênero; ele recebeu uma carta e enquanto a lia, o guerdom avançou na direção dele e se aproximou da carta espontaneamente, sem a influência de ninguém. Terminada a leitura, ele foi colocar a carta sobre uma mesa no outro lado do salão; o guerdom o seguiu e foi se jogar sobre a carta. Ele concluiu daí tratar-se da presença de um Espírito recém-chegado, simpático ao autor da carta e que queria se comunicar com ele. Interrogando-o por meio do seu guerdom, ele confirmou suas previsões. Isso é o que chamamos de **sematologia**, ou linguagem dos sinais.

A **tiptologia**, ou linguagem das batidas, oferece mais precisão. Ela é obtida por dois modos diferentes. O primeiro, que chamamos **tiptologia por movimento**, consiste em golpes desferidos pela própria mesa com um dos seus pés. As batidas podem responder sim ou não, de acordo com o número de golpes combinados para exprimir um ou o outro. Como podemos imaginar, as respostas são muito incompletas, sujeitas a equívocos e pouco convincentes para os novatos, porque sempre podem ser atribuídas ao acaso.

A **tiptologia interna** é produzida de uma forma totalmente diferente. Já não é mais a mesa que bate; ele permanece completamente imóvel, mas as batidas ressoam na própria substância da madeira, da pedra ou de qualquer outro objeto, e muitas vezes com bastante força para serem ouvidos de um cômodo vizinho. Se encostarmos o ouvido ou a mão numa parte qualquer da mesa, poderemos senti-la vibrar desde os pés até a superfície. Esse fenômeno é obtido agindo da mesma maneira que para fazê-la mover, com a diferença que o movimento puro e simples pode ocorrer sem evocação, ao passo que, para as batidas, quase sempre é necessário chamar um Espírito.

Reconhece-se nessas pancadas a intervenção de uma inteligência porque elas obedecem ao pensamento. Assim, segundo o desejo exprimido verbal ou mentalmente, elas mudam de lugar, se fazem ouvir na direção dessa ou daquela

peessoa indicada, fazem uma volta na mesa, batem forte ou fracamente, imitam o eco, o som da serra, do martelo, do tambor, dos tiros do pelotão, marcando o ritmo de uma música designada, indicam a hora, o número de pessoas presentes etc., ou ainda, deixam a mesa e vão se fazer ouvir contra a parede ou contra a porta, no local determinado; enfim, respondem com sim ou não às perguntas que lhe são feitas. Essas experiências são mais objeto de curiosidade, que não trazem comunicações sérias. Os Espíritos que se assim se manifestam são geralmente de uma ordem inferior. Os Espíritos sérios não se prestam a façanhas, assim como entre nós os homens graves não se prestam às brincadeiras dos palhaços. Quando nós os interrogamos a esse respeito, eles respondem com essa questão: Será que, entre vocês, são os homens superiores quem fazem os ursos dançarem? ²⁸

A *tiptologia alfabética* nos oferecer um meio de correspondência mais fácil e mais completo. Ela consiste na designação das letras do alfabeto por um número de batidas correspondente à classificação de cada letra, e dessa maneira se formam as palavras e as frases. Entretanto, por sua lentidão, esse meio tem o grande inconveniente de não servir para longas produções. Mas é possível abreviar um monte de casos: basta muitas vezes conhecer as primeiras letras para adivinhar o restante da palavra, e então não se deixa terminá-la; na dúvida, pergunta-se se é a palavra é a que se supõe, e o Espírito responde sim ou não pelo sinal combinado.

A tiptologia alfabética pode ser obtida pelos dois meios que acabamos de indicar: os golpes batidos na mesa e aqueles que são ouvidos na substância do corpo duro. Para as comunicações pouco sérias, preferimos o primeiro, por duas razões: uma, é que de alguma forma esse meio é mais manejável e está ao alcance de um número maior de pessoas; a outra razão tem a ver com a natureza dos Espíritos. Na tiptologia interna, os Espíritos que se manifestam

²⁸ Pelo contexto, podemos entender que a expressão “fazer ursos dançarem” equivale a algo semelhante a “divertir os brutos e os ignorantes”, provavelmente inspirada numa famosa citação contida no romance *Madame Bovary* (1856), de Gustave Flaubert: “A palavra humana é como um caldeirão rachado no qual tocamos melodias próprias para fazer os ursos dançarem, quando desejaríamos enternecer as estrelas.” (“*La parole humaine est comme un chaudron fêlé où nous battons des mélodies à faire danser les ours, quand on voudrait attendrir les étoiles.*”). — N. T.

geralmente são aqueles que denominamos batedores: Espíritos levianos, por vezes bastante divertidos, porém sempre muito ignorantes. Eles podem ser os agentes de Espíritos sérios conforme as circunstâncias, mas na maioria das vezes eles agem espontaneamente e por conta própria; enquanto isso, a experiência prova que os Espíritos das outras ordens se comunicam mais voluntariamente pelo movimento.

Em todo o caso, a tiptologia alfabética é um modo de comunicação pelo qual os Espíritos superiores se servem a contragosto e unicamente por falta de um recurso melhor; eles gostam do que se prestam à rapidez do pensamento e, por causa dessa lentidão, que os impacienta, abreviam suas respostas. Eles já acham nossa linguagem demasiadamente lenta, ainda mais quando o meio contribui para essa lentidão.

Psicografia

A ciência espírita progrediu como todas as outras, e mais rapidamente do que as outras, pois apenas alguns anos nos separam desses meios primitivos e incompletos que trivialmente chamávamos de mesas falantes, e agora nós já estamos podendo nos comunicar com os Espíritos tão fácil e rapidamente como os homens o fazem entre si, e isso pelos mesmos meios: a escrita e a fala. A escrita sobretudo tem a vantagem de mostrar mais materialmente a intervenção de uma força oculta e de deixar os traços que podem ser conservados, como nós o fazemos através da nossa própria correspondência. O primeiro modo empregado foi o das pranchetas e das cestas munidas de um lápis; foram os próprios Espíritos que o indicaram. Aqui está o procedimento.

Nós dissemos, no começo deste capítulo, que uma pessoa dotada de uma aptidão especial pode provocar um movimento de rotação a um objeto qualquer; tomemos, por exemplo, uma pequena cesta de 15 a 20 centímetros de diâmetro (seja ela de madeira ou de vime, pouco importa, o material é indiferente). Agora, se pelo fundo dessa cesta fizermos passar um lápis bem preso, com a ponta de fora e para baixo, e se mantivermos tudo em equilíbrio

sobre a ponta do lápis, ele próprio colocado sobre uma folha de papel, então, apoiando os dedos na cesta, ela fará seu movimento; mas em vez de girar como um pião, ela conduzirá o lápis em diversos sentidos sobre o papel de maneira a formar desde riscos insignificantes a caracteres de um texto. Se um Espírito for evocado e se ele quiser se comunicar, ele responderá, não mais com sim e não, mas por palavras e frases completas. Nesse sistema, o lápis, ao chegar à extremidade da linha, não volta sobre si mesmo para começar outra linha; ele continua circularmente, de tal sorte que a linha escrita forma uma espiral, e é necessário virar o papel várias vezes para se ler o que está escrito. O texto obtido assim nem sempre é muito legível, pois as palavras não ficam bem separadas; entretanto, por uma espécie de intuição, o médium facilmente decifra a escrita. Por uma questão de economia, pode-se substituir o papel e o lápis comum por uma lousa e um lápis respectivo. Designaremos essa cesta pelo nome de **cesta-pião**.

Diversos outros dispositivos foram imaginados para atender ao mesmo objetivo. O mais conveniente é aquele que chamaremos de **cesta de bico** e que consiste em adaptar à cesta uma haste de madeira inclinada, ultrapassando de 10 a 15 centímetros de um lado, na posição do mastro de gurupés de um navio. Por um buraco aberto na extremidade dessa haste, ou bico, passa-se um lápis bastante comprido para que a ponta se apoie sobre o papel. Estando o médium com os dedos nas bordas da cesta, o aparelho todo se agita e o lápis escreve como no caso anterior, mas com a diferença de que geralmente a escrita é mais legível, com as palavras separadas e as linhas não mais em espiral, agora seguindo como na escrita comum, já que o médium pode facilmente conduzir o lápis de uma linha a outra. Obtêm-se assim dissertações de várias páginas tão rapidamente como se fossem escritas à mão.

A inteligência que age muitas vezes se manifesta por outros sinais inequívocos. Chegando ao fim da página, o lápis faz espontaneamente um movimento para revirar a folha; quando quer se reportar a um trecho anterior na mesma página ou noutra, ele o procura com a ponta do lápis — como nós assim faríamos com o dedo — e depois a sublinha. Se, enfim, o Espírito quer se dirigir a um dos assistentes, a extremidade da haste de madeira vira-se para

esse alguém. Por abreviar, frequentemente ele exprime as palavras *sim* e *não* pelos sinais de afirmação e de negação que fazemos com a cabeça. De todos os procedimentos empregados, este é o que dá à escrita a maior variação, de acordo com o Espírito que se manifesta, e frequentemente com a caligrafia igual a que ele tinha quando era vivo, caso tenha deixado a Terra há pouco tempo.

No lugar de cesta, algumas pessoas usam um tipo de mesa pequenina, feita por encomenda, de 12 a 15 centímetros de comprimento por 5 a 6 de altura, com três pés, e um dos quais carrega o lápis. Outras pessoas se servem simplesmente de uma prancheta sem pés; numa das bordas fica um orifício para se colocar o lápis; postada para escrever, ela fica inclinada e se apoia por um dos seus lados sobre o papel; Em suma, concebe-se que todos esses dispositivos não têm nada de absoluto; o mais prático é o melhor.

Com todos esses aparatos, quase sempre é preciso estar em dupla; mas não é necessário que a segunda pessoa seja dotada da faculdade mediatriz: ela serve unicamente para manter o equilíbrio e diminuir a fadiga do médium.

Chamamos psicografia indireta a escrita assim obtida em oposição à psicografia direta ou manual, obtida pelo próprio médium. Para entender este último processo, é preciso se dar conta do que se passa nessa operação. O Espírito exterior que se comunica age sobre o médium; este, sob aquela influência, conduz *maquinalmente* o braço e a mão para escrever, sem ter (pelo menos é o caso mais comum) a menor consciência do que escreve; a mão atua sobre a cesta e a cesta sobre o lápis. Assim, *não é a cesta que se torna inteligente*, pois ela é um instrumento guiado por uma inteligência; na realidade, ela não passa de um porta-lápis, um apêndice da mão, um intermediário entre a mão e o lápis. Suprimam esse intermediário e coloquem o lápis na mão, e vocês terão o mesmo resultado, com um mecanismo muito mais simples, já que o médium escreve como o faz nas condições normais; então, toda pessoa que escreve com o auxílio de uma cesta, prancheta ou qualquer outro objeto, pode escrever diretamente. De todos os meios de comunicação, a escrita à mão, designada por algumas pessoas pelo nome escrita involuntária, é, sem contradição, a mais simples, a mais fácil e a mais cômoda, porque não exige nenhuma preparação e que, como a escrita corrente,

serve para os trabalhos mais extensos. Voltaremos a ela quando falarmos dos médiuns.

A pneumatografia é a escrita direta dos Espíritos. Quando esse fenômeno apareceu pela primeira vez (pelo menos na nossa época, pois nada prova que ele não fosse conhecido na Antiguidade e na Idade Média, como todos os outros gêneros de manifestações) ele suscitou dúvidas muito naturais; mas hoje ele é um fato patente. Uma pessoa muito confiável nos afirmou que um cônego de seus pais, de acordo com o abade Faria,²⁹ obtinha esse tipo de escrita em Paris, desde o ano de 1804. O Sr. barão de Guldenstube³⁰ acaba de publicar sobre esse tema uma obra muito interessante, acompanhada de numerosos autógrafos dessa escrita.³¹ De certa forma, foi ele quem a pôs em evidência, e muitas outras pessoas depois dele conseguirem os mesmos resultados. No início, colocava-se uma folha de papel e um lápis sobre um túmulo, sob a estátua ou retrato de um personagem qualquer e, no dia seguinte — muitas vezes, algumas horas depois — sobre o papel achava-se inscrito um nome, uma frase, por vezes traços ininteligíveis. Obviamente que nem o túmulo, nem a estátua nem o retrato tiveram qualquer influência por eles mesmos; era simplesmente um meio de evocação pelo pensamento. Agora, basta colocar o papel, com ou sem o lápis, em uma gaveta ou numa caixa que possa ser fechada à chave, tomando todas as precauções necessárias para evitar qualquer fraude, e assim se obtém o mesmo resultado evocando o Espírito.

Esse fenômeno é indubitavelmente um dos mais extraordinários que as manifestações espíritas apresentam e é um dos que atestam de uma maneira peremptória a intervenção de uma inteligência oculta; mas ele não poderia substituir a psicografia (pelo menos até agora) para trabalhos que envolvem certos assuntos. Obtém-se assim a expressão de um pensamento espontâneo,

²⁹ José Custódio de Faria (1756-1819), conhecido na França como abade Faria, foi um monge de origem indo-portuguesa que participou de importantes eventos da Revolução Francesa e que mais tarde se notabilizou como magnetizador. — N. T.

³⁰ Ludwig von Guldenstube. (1820-1873) foi um proeminente pesquisador do Magnetismo Animal (Mesmerismo) e dos fenômenos espirituais. — N. T.

³¹ *La réalité des Esprits et de leurs manifestations, démontrée par le phénomène de l'écriture directe [A realidade dos Espíritos e de suas manifestações, demonstrada pelo fenômeno da escrita direta]*. — N. T.

mas nos parece que ele dificilmente vá servir para conversações e troca rápida de ideias que o outro meio proporciona. Esse modo, aliás, é mais raro ser obtido, ao passo que os médiuns escreventes são mais numerosos.

À primeira vista, parece difícil perceber um fato tão anormal. Não cabe em nosso plano desenvolvê-lo aqui, porque para isso seria preciso remontar à fonte de outros fenômenos dos quais ele é uma consequência. Sua explicação completa encontra-se na *Revista espírita*, e veremos que, por uma dedução lógica, chegamos a ela como um resultado totalmente natural.

Finalmente, os Espíritos nos transmitem seu pensamento pela voz de certos médiuns dotados para isso de uma faculdade especial; é o que nós chamamos de *psicofonia*. Esse meio tem todas as vantagens da psicografia pela rapidez e extensão dos desenvolvimentos. Ele agrada bastante aos Espíritos superiores; porém, para as pessoas que duvidam, tem a desvantagem de não demonstrar de uma maneira bastante evidente a intervenção de uma inteligência exterior. Ele é conveniente sobretudo para os que, já suficientemente instruídas sobre a realidade dos fatos, o utilizam para o complemento de seus estudos e não precisam reforçar sua convicção.

Acabamos de esboçar os diversos meios de comunicação direta com os Espíritos; nós os designamos pelos nomes característicos que abrangem todas as variedades e até mesmos todas as nuances, e que assim permitem nos entendermos, melhor do que com perífrases, que nada tem de exato nem de metódico. No começo das manifestações, quando tínhamos ideias menos precisas sobre esse assunto, vários textos foram publicados com essa designação:

Comunicações de uma cesta, por uma prancheta, pelas mesas falantes etc. Hoje se compreende o quanto essas expressões têm de insuficiência ou de errôneo, exceção feita do seu caráter pouco sério. De fato, como acabamos de ver, as mesas, pranchetas e cestas não são mais do que instrumentos inertes que não podem comunicar nada por si só — o que seria tomar o efeito pela causa, ou tomar o instrumento pelo princípio, pois tanto faz um autor dizer no título da sua obra que ele a escreveu com uma pena metálica ou com uma pena de ganso. Esses instrumentos, aliás, não são absolutos; conhecemos alguém que

em vez da *cesta-piã*, que já descrevemos, se servia de um funil por cujo gargalo ele passava o lápis. Poderíamos então ter tido comunicações de um funil, do assim como de uma caçarola ou de uma saladeira. Se elas ocorrem por meio de batidas, e essas batidas são desferidas por uma cadeira ou uma bengala, então já não é mais uma mesa falante, mas uma cadeira ou uma bengala falante. O que importa saber não é a natureza do instrumento, e sim o modo de obtenção. Se a comunicação for por escrita, não importa o que seja o porta-lápis, para nós isso é psicografia; se for por batidas, é tiptologia. Tomando as proporções de uma ciência, o espiritismo precisa de uma linguagem científica.

CAPÍTULO V

OS MÉDIUNS

Toda pessoa que sente num grau qualquer a influência dos Espíritos é — por isso mesmo — um médium. Esta faculdade é inerente ao homem e, por conseguinte, não é um privilégio exclusivo; logo, são poucas as pessoas entre as quais não encontramos rudimentos dessa faculdade. Pode-se então dizer que quase todo mundo é médium; todavia, na prática, esta qualificação não se aplica a não ser àqueles em quem a faculdade mediatrix é nitidamente caracterizada e se traduz por efeitos evidentes de certa intensidade, o que depende então de um organismo mais ou menos sensitivo. É notável também que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira; os médiuns geralmente têm uma aptidão especial para esta ou aquela ordem de fenômenos — o que estabelece tantas variedades de médiuns quanto existe de espécies de manifestações (Veja: *Médiuns*, no vocabulário). Entraremos em alguns detalhes sobre aqueles que podem dar ensejo a observações essenciais.

Médiuns de influência física.

Médiuns naturais e Médiuns facultativos

Os médiuns de influência física são aqueles que têm uma aptidão mais especial para a produção dos fenômenos materiais. É nessa classe que se encontram principalmente os *Médiuns naturais*, aqueles cuja influência é exercida sem que eles saibam. Eles não têm nenhuma consciência do próprio poder e muitas vezes o que se passe de anormal ao redor deles não lhes parece

nada extraordinário; faz parte deles mesmos, absolutamente como as pessoas dotadas da segunda vista e que não se dão conta disso. São sujeitos muito dignos de observação e não podemos deixar de coletar e estudar os fatos desse gênero que possam vir ao nosso conhecimento; eles se manifestam em todas as idades e frequentemente em crianças muito pequenas.

Esta faculdade não é em si mesma o indício de um estado patológico, pois não é incompatível com uma saúde perfeita. Se aquele que a possui está sofrendo, isso é devido a uma causa estranha; sendo assim, os meios terapêuticos são impotentes para fazê-la parar. Em alguns casos, ela pode ser consequência de uma debilidade orgânica, porém nunca é uma causa efetiva. Não seria razoável, pois, conceber qualquer preocupação com ela do ponto de vista da saúde; esta faculdade só poderia ser inconveniente se o sujeito, tornando-se médium facultativo, fizesse dela um uso abusivo, porque então haveria nele uma emissão excessivamente abundante de fluido vital e, conseqüentemente, o enfraquecimento dos órgãos.

É preciso se precaver sobretudo contra ***qualquer experimentação física***, sempre prejudicial aos organismos sensitivos, pois é aí que está o perigo: isso poderia resultar em graves desordens na saúde. A razão se revolta à ideia das torturas morais e corporais às quais algumas vezes eram submetidos os seres fracos e delicados para se certificar de que não havia fraude da parte deles; fazer semelhantes experiências é brincar com a vida. O observador de boa-fé não tem necessidade de empregar esses meios; aquele que está familiarizado com esses tipos de fenômenos sabe além disso que eles pertencem mais à ordem moral do que à ordem física, e que seria inútil procurar uma solução para eles nas nossas ciências exatas.

Já que esses fenômenos têm relação com a ordem moral, deve-se evitar com um cuidado não menos escrupuloso tudo o que possa superexcitar a imaginação. Conhecemos os acidentes que o medo pode causar e seria menos imprudente se conhecêssemos todos os casos de loucura e de epilepsia que se originam dos contos de lobisomem e do bicho-papão; como seria então se estivéssemos convencidos de que é o diabo? Os que apoiam tais ideias não sabem a responsabilidade que assumem: eles podem matar. Ora, o perigo não

é só para o sujeito, mas também para os que o cercam e que podem ficar aterrorizados com a ideia de que sua casa seja um covil de demônios. Foi esta crença funesta que causou tantos atos de atrocidade nos tempos de ignorância. Com um pouco mais de discernimento, pois, teria sido possível imaginar que ao queimar corpos supostamente possuídos pelo diabo não estariam queimando o próprio diabo. Se queriam se livrar do diabo, era ele quem deveria ser morto. Esclarecendo-nos sobre a verdadeira causa de todos esses fenômenos, a doutrina espírita lhe dá o golpe final. Portanto, longe de promover essa ideia, devemos então — e este é um dever de moralidade e de humanidade — combatê-lo onde quer que exista.

O que é preciso fazer quando uma faculdade semelhante se desenvolve espontaneamente num indivíduo é deixar o fenômeno seguir seu curso natural: a natureza é mais prudente do que os homens; além disso, a Providência tem seus desígnios, e o pequenino pode ser o instrumento dos maiores propósitos. Porém, é preciso convir, esse fenômeno algumas vezes assume proporções fatigantes e importunas para todo mundo; então, aqui está o que deve ser feito em todos os casos.³² Partindo desse princípio de que as manifestações físicas espontâneas tiveram como objetivo chamar nossa atenção para alguma coisa, devemos procurar conhecer esse objetivo, e para isso é preciso interrogar o Ser invisível que quer se comunicar. Nós já demos uma explicação sobre esse assunto no capítulo das manifestações. Ele pode querer alguma coisa para si mesmo ou para a pessoal à qual ele se manifesta; em ambos os casos, é provável que, como já dissemos, se ele estiver satisfeito, cessará suas visitas. Eis, enfim,

³² Um dos acontecimentos mais extraordinários dessa natureza, pela variedade e estranheza dos fenômenos, é incontestavelmente o que ocorreu em 1852 no Palatinado (Baviera renana), em Bergzabern, perto de Wissembourg. É tanto mais notável porque reúne num mesmo sujeito quase todos os gêneros de manifestações espontâneas: ruídos a sacudir a casa, reviravoltas nos móveis, objetos atirados ao longe por uma mão invisível, visões e aparições, sonambulismo, êxtase, catalepsia, atração elétrica, gritos e sons aéreos, instrumentos tocando sem contato, comunicações inteligentes etc., e, o que não é de pouca importância, a constatação desses fatos, durante quase dois anos, por inúmeras testemunhas oculares dignas de crédito pelo seu conhecimento e pela sua posição social. O relato autêntico foi publicado naquela época em vários jornais alemães e, em particular, numa brochura hoje esgotada e muito rara. A tradução completa desta brochura encontra-se na *Revista espírita* de 1858, com os comentários e explicações necessárias. Pelo que sabemos, esta é a única publicação francesa que foi feita sobre o caso. Além do notável interesse ligado a estes fenômenos, eles são eminentemente instrutivos do ponto de vista do estudo prático do espiritismo.

outro meio — igual ao precedente — fundamentado nas observações dos fatos.

Os Seres invisíveis que revelam sua presença por efeitos sensíveis são geralmente Espíritos de uma ordem inferior e que podem ser dominados pelo ascendente moral; é essa ascendência que devemos buscar adquirir. Longe de nos mostrarmos submissos aos caprichos deles, devemos nos opor às suas vontades e lhes obrigar a obedecer — o que não nos impede de sermos condescendentes com todos os pedidos justos e legítimos que eles possam fazer. Tudo depende então da natureza do Espírito que se comunica; ele pode ser inferior e ao mesmo tempo gentil e vir com uma boa intenção; é disso que precisamos nos assegurar, e o que facilmente reconheceremos através das comunicações dele; mas não lhe perguntem se ele é um bom Espírito; seja como for, a resposta é certa; teria o mesmo valor que perguntar a um patife se ele é um homem honesto.

Para obter essa superioridade, é preciso que o sujeito passe do estado de *médium natural* ao de *médium facultativo*. Produz-se então o efeito igual ao que acontece no sonambulismo. Sabe-se que o sonambulismo natural cessa geralmente quando é substituído pelo sonambulismo magnético. Não se bloqueia a faculdade emancipadora da alma; dá-se outro curso a ela. É a mesma coisa da faculdade mediatriz. Para tanto, ao invés de entravar os fenômenos — coisa que raramente se consegue e que nem sempre deixa de ser um perigo — é preciso encorajar o médium a produzi-los à vontade, impondo-se ao Espírito; dessa forma, ele consegue controlá-lo e, de um dominador às vezes tirânico, faz dele um ser subordinado e por vezes muito dócil. Um fato digno de nota e confirmado pela experiência é que num caso assim uma criança tem igual e às vezes até mais autoridade do que um adulto: mais uma prova em apoio a este ponto capital da doutrina, que o Espírito só é infantil pelo corpo, e que ele tem por si mesmo um desenvolvimento necessariamente anterior à sua encarnação atual, desenvolvimento que pode lhe dar ascendência sobre os Espíritos que lhe são inferiores.

Médiuns facultativos

Os médiuns facultativos são aqueles que têm a consciência de seu poder e que produzem fenômenos espíritas pela ação de sua vontade. Essa faculdade — embora seja inerente à espécie humana, como já dissemos — está longe de existir em todos no mesmo grau; mas se há poucas pessoas em quem ela seja absolutamente nula, ainda mais raras são aquelas que estão aptas a produzir grandes efeitos, tais como a suspensão de corpos pesados no espaço, a translação aérea e sobretudo as aparições. Os efeitos mais simples são a rotação de um objeto, batidas pelo levantamento desse objeto ou na sua própria substância. Mesmo sem darmos uma importância capital a esses fenômenos, recomendamos não os desprezar, pois eles podem proporcionar a observações interessantes e ajudar à convicção.³³ Porém é de se notar que a capacidade de produzir efeitos materiais raramente existe nos que dispõem de meios de comunicação mais perfeitos, tais como a escrita e a palavra; geralmente ela diminui num sentido à medida que se desenvolve em outro.

Médiuns escreventes ou psicógrafos

De todas as formas de comunicação, a escrita é a mais simples, a mais cômoda e sobretudo a mais completa. É para ela que devemos dedicar todos os esforços, pois ela permite estabelecer com os Espíritos relações tão consecutivas e tão regulares quanto as que existem entre nós. Devemos nos apegar a ela ainda mais porque é dessa forma que os Espíritos revelam melhor sua natureza e seu grau de perfeição ou inferioridade. Pela facilidade que eles têm de se exprimir, eles nos revelam seus pensamentos mais íntimos e assim nos permitem julgar e apreciar o seu valor.

A faculdade de escrever, para o médium, é também a mais possível de ser desenvolvida pelo exercício. No capítulo sobre os modos de comunicação, nós

³³ A explicação dessa teoria encontra-se na *Revista espírita*, edições de maio e junho de 1868.

explicamos as diversas maneiras de se obter a escrita; nós vimos que a cesta e a prancheta apenas representam o papel da extensão da mão: é um porta-lápis mais alongado, eis tudo; conseguiríamos tudo isso simplesmente colocando o lápis na ponta de um bastão. Aqueles aparelhos têm a vantagem de dar uma escrita mais características do que a que fosse obtida com a mão, mas eles têm a desvantagem de quase sempre exigir a cooperação de uma pessoa — o que pode ser um incômodo. É por isso que encorajamos todos a se dedicarem preferencialmente à escrita imediata. O procedimento é mais simples: consiste unicamente em pegar lápis e papel, e se colocar na posição de uma pessoa que escreve, sem outra preocupação; mas, para ter sucesso, várias recomendações são indispensáveis:

Como definitivamente é pela influência de um Espírito que se escreve, esse Espírito não virá tão logo for chamado. Portanto, é necessário evocá-lo pelo pensamento, em nome de Deus, e lhe pedir que tenha a bondade de vir se comunicar. Não há aqui nenhuma fórmula sacramental; qualquer um que pretendesse receitar uma alguma seguramente pode ser tachado de mistificador: o pensamento é tudo; a forma não vale nada. Não menos necessário é chamar um Espírito que seja simpático, e isso por duas razões: uma é que ele virá com mais boa vontade se tiver afeição por nós; a outra é que, em razão dessa afeição, ele estará mais disposto a ajudar nossos esforços para se comunicar conosco; então, preferencialmente será um parente ou um amigo; mas pode acontecer que esse parente ou amigo não esteja numa posição de poder atender ao nosso apelo, ou que não tenha força o bastante para nos fazer escrever; eis por que é sempre útil evocar juntamente o Espírito familiar, seja quem for, sem a necessidade de saber seu nome, porque este sempre está ao nosso lado. Logo, de duas, uma: ou é ele quem responde ou ele vai buscar o outro, e em todos os casos ele presta seu apoio.

Uma coisa negligenciada por quase todos os iniciantes é fazer uma pergunta; é óbvio que o Espírito evocado não pode responder se nada lhe for perguntado. Sem dúvidas ele poderia dizer qualquer coisa espontaneamente, como acontece a todo instante com os médiuns experientes; mas com aquele que está nos seus primórdios, o Espírito tem primeiro uma dificuldade

mecânica a vencer. Devemos, pois, simplificar tanto quanto possível; esse é o efeito produzido por uma pergunta que leva a uma resposta precisa. Para começar teríamos o cuidado de formular a questão de tal maneira que a resposta seja simplesmente *sim* ou *não*; mais tarde, esta precaução deixa de ser útil. A natureza da questão é indiferente; não é necessário que ela tenha em si mesma uma importância real; ao contrário, quanto mais simples ela for, melhor. A princípio, trata-se tão somente de se estabelecer uma relação; o essencial é que a pergunta não seja fútil, que não trate de coisas de interesse privado e sobretudo que ela seja a expressão de um sentimento benevolente e simpático com o Espírito ao que é endereçada.

Uma coisa não menos necessária é a calma e a concentração unidas a um desejo ardente e a uma firme vontade de alcançar o objetivo; e por vontade, não entendemos aqui uma vontade passageira que age esporadicamente e que a cada minuto é interrompida por outras preocupações; mas sim uma vontade paciente, perseverante, sustentada pela prece que dirigimos ao Espírito evocado. A concentração é favorecida pelo recolhimento, pelo silêncio e o afastamento de tudo o que possa causar distrações. Logo, só resta uma coisa a fazer: esperar sem desanimar e renovar todos os dias as suas tentativas, durante dez ou quinze minutos no máximo a cada vez, e isso durante quinze dias, um mês, dois meses ou mais, se for preciso; por isso dissemos que era preciso uma vontade firme e perseverante; eis por que também os Espíritos consultados sobre a aptidão dessa ou daquela pessoa quase sempre dizem: com vontade vocês conseguirão. É possível, pois, que se consiga na primeira vez, como é possível também que demore mais ou menos um longo tempo; porém, em todos os casos, se ao fim de três meses não for obtido absolutamente nada, será praticamente inútil insistir.

É notável que, quando se interroga os Espíritos sobre a questão de saber se alguém é médium ou não, eles respondem quase sempre afirmativamente — o que não impede que os ensaios muitas vezes sejam infrutíferos. Isso se explica naturalmente: ao fazermos uma pergunta genérica a um Espírito, ele responde de uma maneira genérica; ora, como nós sabemos, nada é mais flexível do que a faculdade mediatrix, pois ela pode se apresentar sob as mais variadas formas

e em graus muito diferentes. Portanto, uma pessoa pode ser médium sem se aperceber disso e num sentido que não é aquele que imaginamos. A esta pergunta vaga: “Será que eu sou médium?”, o Espírito pode responder que sim; a esta outra mais precisa: “Eu sou um médium escrevente?”, ele pode responder que não. É preciso ter em conta também a natureza do Espírito a quem interrogamos; há os que são tão levianos e ignorantes que respondem a torto e a direito, como verdadeiros atordoados.

Um método que geralmente dá muito certo — seja para acelerar o resultado, seja mesmo para fazer uma pessoa escrever, sendo que sem isso ela não conseguiria — consiste em empregar como um auxiliar temporário um bom médium escrevente ou um outro, já experiente. Quando ele põe a mão ou os dedos sobre a mão de quem deseja escrever, é raro que este último não escreva imediatamente. Compreende-se o que acontece em tal circunstância: a mão que segura o lápis de alguma forma se torna uma extensão da mão do médium, como se fosse uma cesta ou uma prancheta; mas isso não impede que esse exercício seja muito útil, quando se pode empregá-lo, no sentido de que, repetido sequencial e regularmente, ele ajuda a superar o obstáculo físico e provoca o desenvolvimento da faculdade. Algumas vezes, basta apenas que ele magnetize fortemente com essa intenção o braço e a mão daquele que quer escrever; não raro o magnetizador se limita mesmo a colocar sua mão no ombro dele, e então temos visto o principiante escrever prontamente sob essa influência. O mesmo efeito pode se produzir igualmente sem nenhum contato, só pelo ato da vontade; nesse caso, é preciso estimular os esforços do Espírito, encorajando-o pela palavra. Concebe-se sem dificuldade que a confiança do magnetizador na sua própria força para produzir tal resultado deva aqui desempenhar um papel importante, e que um magnetizador incrédulo teria pouca, senão nenhuma ação.

A força que permite desenvolver nos outros a faculdade de escrever constitui uma variedade de médiuns que denominamos *médiuns formadores*; e o que talvez vá parecer estranho é que ela existe nas pessoas que não escrevem por si mesmas. Seu auxílio muitas vezes é útil aos iniciantes, mesmo com relação àqueles que têm uma aptidão natural; há uma porção de pequenas

precauções que ele frequentemente negligencia em detrimento da rapidez do seu progresso, e que um guia experimentado aponta — seja pela disposição física, seja **sobretudo** pela natureza das primeiras questões e a maneira de as formular. Seu papel é o de um professor que o aprendiz dispensa quando já está hábil o bastante.³⁴

A fé do médium aprendiz não é uma condição rigorosa; ela sem dúvida auxilia os esforços, mas não é indispensável: o desejo e a boa vontade bastam. Têm-se visto pessoas inteiramente incrédulas ficarem espantadas de escrever a contragosto, enquanto crentes sinceros não conseguem o mesmo — o que prova que esta capacidade depende de uma predisposição orgânica.

Como disposição material, nós recomendamos evitar tudo o que possa dificultar a livre movimentação da mão; é até preferível que ela não fique totalmente apoiada sobre o papel. A ponta do lápis deve encostar o suficiente para rabiscar, mas não o bastante para oferecer resistência. Todas essas precauções se tornam inúteis uma vez que se tenha chegado a escrever fluentemente, pois então nenhum obstáculo pode mais detê-lo; são só preliminares para o aprendiz.

O primeiro indício de uma disposição para escrever é uma espécie de estremeção no braço e na mão; pouco a pouco, a mão é tomada por uma impulsão que ela não pode conter. Muitas vezes ela inicialmente não rabisca senão traços insignificantes; depois, os caracteres se desenham cada vez mais nitidamente e a escrita acaba adquirindo a rapidez da escrita comum. Em todos os casos, deve-se entregar a mão ao seu movimento natural e não fornecer nem resistência nem propulsão.

A escrita algumas vezes é bem legível, as palavras e as letras perfeitamente destacadas; mas com determinados médiuns ela é difícil de ser decifrada por outro que não seja aquele que escreve: é preciso se acostumar com ela. Muito frequentemente ela é formada de grandes traços; os Espíritos são pouco econômicos com papel. Quando uma palavra ou uma frase é quase toda ilegível,

³⁴ Teremos o prazer em dar pessoalmente, e sem interesse, todas as vezes que nos for possível, os conselhos de nossa experiência às pessoas que desejarem se formar como médiuns escreventes, quando eles já tiverem adquirido previamente o conhecimento teórico da ciência espírita, e isso a fim de não ter que lhes ensinar os fundamentos desta ciência.

pede-se ao Espírito a bondade de recomeçar, o que geralmente ele faz com boa vontade. Quando a escrita é habitualmente ilegível mesmo para o médium, este quase sempre consegue obter uma mais nítida através de exercícios frequentes e sucessivos, ***colocando nisso uma forte vontade*** e rogando com fervor ao Espírito que ele escreva mais legível. Se quiser guardar as respostas, é bom transcrevê-las imediatamente, assim como as questões, enquanto ainda estiverem na memória, porque mais tarde provavelmente isso se torne impossível. Certos Espíritos, antes de começar uma resposta, executam à mão diversos desenvolvimentos e traçam um monte de riscos insignificantes; eles dizem que é para treinar, para desatar a mão ou para estabelecer a conexão; às vezes são emblemas, alegorias das quais em seguida eles dão a explicação. Com frequência eles adotam sinais convencionais para expressar certas ideias, que passam a ser usados nas reuniões habituais. Para indicar que uma questão lhes desagrada e que não a querem responder, eles fazem, por exemplo, um risco longo ou algo equivalente.

Quando o Espírito termina o que tinha a dizer ou não quer mais responder, a mão fica imóvel e o médium — quaisquer que sejam sua força e sua vontade — não consegue obter nenhuma palavra a mais; é um sinal de que o Espírito se foi. Ao contrário, enquanto o Espírito não terminar, o lápis se move sem que a mão consiga pará-lo. Se o Espírito quer espontaneamente dizer alguma coisa, a mão toma convulsivamente o lápis e se põe a escrever sem poder fazer oposição.

Estas são as explicações mais essenciais que temos a dar no tocante ao desenvolvimento da psicografia; a experiência mostrará na prática alguns detalhes que seria inútil relatar aqui, e para os quais nos guiaremos através dos princípios gerais. Que muitos experimentem, e dificilmente se encontrará uma família que não tenha entre alguns dos seus membros um médium escrevente, mesmo que seja uma criança.

Todo aquele que recebeu o dom de escrever com facilidade sob a influência dos Espíritos possui uma faculdade preciosa, pois se torna o intérprete entre o mundo visível e o mundo invisível; quase sempre é uma missão que ele recebeu em favor do bem, mas da qual ele não deve se orgulhar,

porque essa faculdade lhe pode ser retirada se ele fizer mau uso dela, ou até mesmo voltar-se contra ele, no sentido de que ele escreverá coisas más e então só terá à sua disposição os Espíritos maus. Aquele que, apesar dos seus esforços e de sua perseverança, não consegue obtê-la não deve concluir com isso nada desfavorável contra si mesmo: é porque a seu organismo físico não se presta a isso, mas nem por isso ele fica deserdado das comunicações espíritas; se não as recebe diretamente, ele pode obtê-las — tão belas e tão benéficas — através de um intermediário. Além disso, em compensação, ele pode ter outras faculdades não menos úteis. A privação de um sentido é quase sempre compensada por outro sentido mais desenvolvido.

CAPÍTULO VI

PAPEL E INFLUÊNCIA DO MÉDIUM NAS MANIFESTAÇÕES

Para se compreender o papel dos médiuns nas manifestações, é preciso entender a maneira como se opera a transmissão do pensamento dos Espíritos. Aqui estamos falando dos médiuns escreventes.

Como já dissemos, o Espírito tem um envoltório semimaterial que nós nomeamos perispírito. O fluido condensado — por assim dizer, ao redor do Espírito, para formar esse envoltório — é o intermediário pelo qual ele atua sobre os corpos; ele é o agente da sua força material, e é através dele que o Espírito produz os fenômenos físicos.

Se examinarmos certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta, ou da prancheta que escreve, então não poderemos duvidar de uma ação exercida diretamente pelo Espírito sobre esses objetos. A cesta se agita às vezes com tanta violência que ela escapa das mãos do médium; algumas vezes ela até se dirige a certas pessoas da reunião para bater nelas; em outras ocasiões, seus movimentos demonstram um sentimento afetuoso. A mesma acontece quando o lápis está na mão do médium; com frequência é atirado longe com força, ou então a própria mão, assim como a cesta, agita-se convulsivamente e bate na mesa com raiva, mesmo quando o médium está na maior calma, e fica admirado de não ser senhor de si. Digamos, de passagem, que esses efeitos denotam sempre a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos realmente superiores são constantemente calmos, dignos e benévolos; se não são escutados convenientemente, eles se retiram, e outros

tomam o lugar deles. Portanto, o Espírito pode expor suas ideias diretamente pelo movimento de um objeto para o que a mão do médium não passa de apoio; ele também pode fazer isso sem que esse objeto esteja em contato com o médium.

A transmissão do pensamento também se efetua através do Espírito do médium, ou melhor, da sua alma, porque designamos por esse nome o Espírito encarnado. Neste caso, o outro Espírito não atua sobre a mão para fazê-la escrever, como não atua sobre a cesta; ele não a toma e nem a guia, mas atua sobre a alma com a qual ele se identifica. A alma, sob essa impulsão, dirige a mão por meio do fluido que compõe seu próprio perispírito, a mão dirige a cesta e a cesta dirige o lápis. Notemos aqui uma coisa importante a saber: é que o outro Espírito não substitui a alma, pois ele não pode deslocá-la; ele a domina, à revelia dela, e lhe imprime a sua vontade. Quando dizemos à revelia dela, nós estamos querendo dizer da alma agindo externamente pelos órgãos do corpo; mas a alma, como Espírito, ainda que encarnada, pode perfeitamente ter consciência da ação exercida sobre ela por um Espírito exterior. Nessa circunstância, o papel da alma por vezes é inteiramente passivo, e então o médium não tem nenhuma consciência do que escreve ou do que diz, se for um médium falante; porém, ocasionalmente a passividade não é absoluta, pois ele tem uma consciência mais ou menos vaga dessa ação, embora sua mão esteja sendo levada por um movimento maquinal e sua vontade permaneça alheia.

Mas, se assim for, irão dizer que nada prova que seja mesmo um Espírito exterior quem escreve e não o Espírito do médium. Aqui é o caso de revelar um erro compartilhado por algumas pessoas. Nós então diremos que pode ocorrer da alma do médium se comunicar da mesma forma que um Espíritos exterior; e isso é facilmente concebível. Pois já que podemos evocar o Espírito de pessoas vivas, ausentes ou presentes, e que esse Espírito se comunica pela escrita ou pela palavra do médium, então por que o Espírito encarnado no médium não poderia igualmente se comunicar? Os fatos provam que em determinadas circunstancias isso acontece — como no sonambulismo, por exemplo. Daí segue que a comunicação feita pela alma do médium tem menos valor? Absolutamente não. O Espírito encarnado no médium pode ser mais elevado do

que alguns Espíritos estranhos e então pode dar comunicações melhores: cabe a nós julgarmos; nesse caso, ele fala como Espírito desprendido da matéria, e não como homem. A questão a saber é se não é sempre o Espírito do médium quem está emitindo seus próprios pensamentos assim como alguns afirmam. Essa opinião **absoluta** é um sistema que só pode vir de uma observação incompleta; por isso é sempre perigoso levantar teorias sobre coisas que não conhecemos profundamente ou das quais só pudemos ver um lado. Há casos, sem dúvidas, em que a intervenção de um Espírito exterior não é incontestável, mas basta que, em alguns, ela seja evidente para concluirmos que outro Espírito — que não seja o do médium — pode se comunicar. Ora, essa intervenção externa não poderia ser duvidosa quando, por exemplo, uma pessoa que não sabe ler nem escrever, de repente, escreva como médium; quando um médium escreve ou fala uma língua que ele não conhece; quando, enfim, o que é o caso mais comum, ele não tem nenhuma consciência do que escreve, que as ideias ele que expressa são contrárias à sua maneira de ver, esteja fora dos seus conhecimentos ou acima do alcance de sua inteligência. Sobre este último caso, a experiência dá provas tão numerosas e tão palpáveis que a dúvida deixa de ser permitida a quem tenha observado bastante, e sobretudo observado **bem**.

Seja qual for, portanto, o modo de ação do Espírito exterior para a produção da escrita, ou pela expressão do pensamento pela palavra, o médium nunca passa de um instrumento, mas um instrumento mais ou menos cômodo. Isso nos dá o ensejo de fazer uma observação importante que responderá àquela questão natural: por que todos os médiuns não escrevem em todas as línguas que eles desconhecem?

Sem dúvida, o Espírito comunicante compreende todas as línguas, pois as línguas são a expressão do pensamento, e que o Espírito compreende pelo pensamento; mas, para exprimir esse pensamento, falta-lhe um instrumento: esse instrumento é o médium. A alma do médium que recebe a comunicação exterior não pode transmiti-la senão pelos órgãos do corpo; ora, esses órgãos não podem ter para uma língua desconhecida a flexibilidade que eles têm para uma língua que lhes é familiar. Um médium que só saiba francês poderia ocasionalmente dar uma resposta em inglês, por exemplo, se o Espírito assim

quiser fazer; mas os Espíritos — que já acham a linguagem humana muito lenta, em comparação à rapidez do pensamento, tanto que eles a abreviam o quanto podem — ficam impacientes com a resistência mecânica que eles enfrentam; daí por que nem sempre o fazem. Essa também é a razão pela qual um médium noviço — que escreve mal e lentamente, mesmo na sua língua nativa — geralmente não obtém mais do que respostas breves e sem desenvolvimento; por isso os Espíritos recomendam que só façam perguntas simples por seu intermédio. Para aquelas de um grande alcance, é preciso um médium experiente que não ofereça nenhuma dificuldade mecânica ao Espírito. Nós não tomaríamos para ser nosso leitor um estudante que mal sabe soletrar. Um bom operário não gosta de se servir de maus instrumentos. Acrescentemos outra consideração de uma gravidade muito grande no que se refere às línguas estrangeiras: os ensaios deste gênero são sempre feitos com um objetivo de curiosidade e de experimentação; ora, nada mais antipático aos Espíritos do que as provas às quais tentem submetê-los. Os Espíritos superiores jamais se sujeitam a isso, e se afastam logo que se pretenda entrar por esse caminho. Tanto eles se comprazem com as coisas úteis e sérias quanto eles repugnam ter que se ocuparem com coisas fúteis e sem finalidade. Os incrédulos dirão que é para se convencerem, e que esse propósito é útil, já que isso pode ganhar adeptos para a causa dos Espíritos. A isto os Espíritos respondem: “A nossa causa não precisa dos que têm orgulho o bastante para se suporem indispensáveis; nós chamamos para nós **aqueles que nós queremos**, e estes são quase sempre os mais pequeninos e os mais humildes. Jesus fez os milagres que os escribas lhe pediam? E de que homens ele se serviu para revolucionar o mundo? Se quiserem se convencer, vocês têm outros meios que não o de façanhas; comecem primeiramente por se submeterem: não é correto que o discípulo imponha sua vontade ao mestre.”

Daí decorre que, salvo algumas exceções, o médium repassa o pensamento dos Espíritos pelos meios mecânicos que estão a sua disposição, e que a expressão desse pensamento pode — e deve, na maioria das vezes — ser afetada pela imperfeição desses meios; sendo assim, o homem inculto, o

camponês,³⁵ poderia dizer as mais belas coisas, expressar as mais elevadas e as mais filosóficas ideias, falando como camponês; para os Espíritos o pensamento é tudo e a forma não vale nada. Isso responde às objeções de alguns críticos a respeito das incorreções de estilo e de ortografia que podem ser atribuídas aos Espíritos, mas que podem vir tanto do médium como do Espírito. Só há futilidade em se apegar a essas coisas.

Se, do ponto de vista da execução, o médium é não é mais do que um instrumento, noutra aspecto ele exerce uma influência muito grande. Já que, para se comunicar, o Espírito externo se identifica com o do médium, essa identificação só pode ocorrer enquanto houver entre eles alguma simpatia e, por assim dizer, afinidade. A alma exerce sobre o outro Espírito uma espécie de atração ou repulsão conforme o grau de sua semelhança ou dissimilaridade; ora, os bons têm afinidade com os bons, e os maus com os maus; daí segue que as qualidades morais do médium têm uma influência capital sobre a natureza dos Espíritos que se comunicam por seu intermédio. Se ele for vicioso, os Espíritos inferiores virão se agrupar em torno dele e estarão sempre prontos para ocupar o lugar dos Espíritos bons que foram chamados. As qualidades que atraem os bons Espíritos são: bondade, gentileza, simplicidade de coração, amor ao próximo e desapego das coisas materiais; os defeitos que os repulsam são: o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a ganância, a sensualidade e todas as paixões pelas quais o homem se prende à matéria. Um meio por excelência seria, portanto, aquele que, pela facilidade da execução, juntasse as qualidades morais no mais alto grau.

A influência do Espírito do médium também pode ser exercida de outra maneira: se ele for hostil ao Espírito estranho que se comunica, poderá ser-lhe um intérprete infiel, alterar ou transviar o seu pensamento, ou ainda traduzi-lo em termos impróprios. O mesmo acontece entre nós quando confiamos a um homem de má-fé uma missão de confiança.

A faculdade mediatriz, qualquer que seja o seu grau, não é então suficiente

³⁵ O autor aqui toma a figura do *camponês* como exemplo de alguém *iletrado*, obviamente que não por preconceito, mas porque era o exemplo clássico naquela época (século XIX), em razão das mínimas condições que o homem do campo tinha de acesso à escola, especialmente em comparação com quem vivia na zona urbana. — N. T.

para garantir boas comunicações; é preciso — acima de tudo, e em condições expressas — um médium simpático aos bons Espíritos. A repulsa destes para com os médiuns inferiores do ponto de vista moral é facilmente compreendida. Por acaso nós tomamos como confidentes dos nossos pensamentos as pessoas que não estimamos?

Algumas pessoas realmente estão mal-informadas com relação às comunicações; há quem normalmente só receba ou transmita coisas triviais ou grosseiras — para não dizer mais nada. Elas devem deplorar isso, por ser um indício certo da natureza dos Espíritos que se agrupam em torno delas, porque certamente não são Espíritos superiores que usam tal linguagem; portanto, nunca seria demais elas fazerem todos os esforços para se livrarem de acólitos tão pouco recomendáveis, a menos que encontrem prazer neste tipo de conversações; em todos os casos, nós as encorajamos a evitarem fazer alarde disso, pois poderia dar uma ideia nada lisonjeira das simpatias que elas encontram no mundo dos Espíritos. Completaremos o que temos a dizer sobre os médiuns à medida que a sequência de nossas instruções o exigir.

Agora, será que é absolutamente impossível ter boas comunicações através de médiuns imperfeitos? É o que veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO VII

INFLUÊNCIA DO AMBIENTE SOBRE AS MANIFESTAÇÕES

Seria um grave erro acreditar que é preciso ser médium para atrair a si os seres do mundo invisível. O espaço é repleto deles; nós os temos constantemente em torno de nós, ao nosso lado, vendo-nos, observando-nos, participando das nossas reuniões, seguindo-nos ou nos evitando conforme os atraímos ou os repelimos. A faculdade mediatriz nada tem a ver com isto: ela não é mais do que um meio de comunicação. De acordo com o que vimos a respeito das causas de simpatia ou antipatia dos Espíritos, facilmente compreenderemos que devemos estar cercados daqueles que têm afinidade com o nosso próprio Espírito conforme este seja elevado ou degradado. Agora, vamos considerar o estado moral do nosso planeta e entenderemos qual é o gênero de Espíritos que deve predominar entre os Espíritos errantes. Se tomarmos cada povo em particular, poderemos julgar — pelo caráter predominante dos habitantes, pelas suas preocupações e seus sentimentos mais ou menos morais e *humanitários* — os tipos de Espíritos que ali preferencialmente se encontram.

Os Espíritos não são outra coisa senão nossas almas libertas dos corpos, e que carregam consigo o reflexo das nossas qualidades e das nossas imperfeições; eles são bons ou maus dependendo do que fomos, com exceção daqueles que, tendo deixado suas impurezas no fundo do alambique terreno, se elevaram acima da turba dos Espíritos imperfeitos. Na realidade, o mundo espírita é, portanto, apenas um extrato quintessenciado do mundo corpóreo e

que dele tira os bons e os maus odores.

Partindo deste princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que os cercarão de preferência? Com certeza não serão Espíritos superiores, muito menos os sábios e filósofos do nosso mundo iriam gastar o seu tempo aí. Desta forma, todas as vezes que os homens se reúnem, eles têm com eles uma assembleia oculta que simpatiza com suas qualidades ou com seus defeitos, e isto ***independentemente de toda e qualquer ideia de evocação***. Admitamos agora que estes homens tenham a possibilidade de conversar com os seres do mundo invisível por meio de um intérprete, ou seja, por um médium; quais são os que vão responder ao chamado deles? Evidentemente, aqueles que estão lá, bem próximos, e que não perdem uma ocasião para se comunicar. Se um Espírito superior for chamado numa assembleia fútil, ele poderá vir e até mesmo proferir algumas palavras razoáveis, como um bom pastor que vem para o meio de suas ovelhas desgarradas; mas desde que ele não se veja nem compreendido nem ouvido, ele vai embora dali, como vocês o fariam no lugar deles, e os outros ficam com o campo livre.

Nem sempre basta que uma assembleia seja séria para receber comunicações de uma ordem elevada; há pessoas que não riem jamais e cujo coração nem por isso é mais puro. Ora, é o coração principalmente que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; mas se estivermos em más condições, estaremos em contato com os nossos semelhantes, que não deixam de nos enganar, e muitas vezes lisonjeando nossos preconceitos.

Por não ser de ordem superior, nem sempre por isso o Espírito é mau: muitas vezes é apenas desajuizado. Se você se divertir com seus gracejos, ele se entregará a elas com o maior prazer e lhe dará pontos pelo sal de epigramas que raramente levam à falsidade e que, de forma jovial, muitas vezes dão lições picantes. São os brincalhões³⁶ do mundo espírita, assim como os Espíritos

³⁶ No texto original, Kardec grafou *vaudevillistes*, uma menção àqueles que ganhavam a vida praticando *vaudevilles* (vaudeviles, aporuguesado), que eram típicos espetáculos de rua, geralmente cômicos e satíricos, muito comuns na cultura francesa dos séculos XVIII e XIX, misturando encenações teatrais populares com dança, música, truques, mágicas etc. — N. T.

superiores dele são os sábios e os filósofos.

Por aí se vê a enorme influência do ambiente sobre a natureza das manifestações inteligentes; entretanto, essa influência não se exerce como algumas pessoas afirmaram, quando ainda não se conhecia o mundo dos Espíritos igual conhecemos hoje, e antes que experiências mais conclusivas viessem esclarecer as dúvidas. Quando as comunicações concordam com a opinião dos assistentes, não é que essa opinião se reflita no Espírito do médium como num espelho, mas porque vocês têm convosco Espíritos que são simpáticos a vocês — tanto para o bem quanto para o mal — e que se sintonizam com o vosso sentido; e a prova disso é que se vocês tiverem a força para atrair outros Espíritos além daqueles que vos cercam, esse mesmo médium vai usar uma linguagem totalmente diferente e vos dirá as coisas mais distantes dos vossos pensamentos e convicções. Em resumo, as condições do meio serão tanto melhores quanto mais houver homogeneidade para o bem, mais sentimentos puros e elevados, e mais desejo sincero de se instruir sem ideias preconcebidas.

Nesse meio, três elementos podem influenciar de forma alternada ou simultânea: a assembleia participante, pelos Espíritos que eles atraem; o médium, pela natureza de seu próprio Espírito que serve de intérprete; e aquele que interroga. Este último, por si só, pode dominar todas as outras influências e, não obstante as condições desfavoráveis do entorno, pode algumas vezes obter grandes coisas através de sua ascendência — se o objetivo ao qual ele se propõe for útil, pois os Espíritos superiores vêm ao seu chamado, e por ele; os outros se calam, como aprendizes diante dos seus mestres.

A influência do ambiente faz compreender que quanto menos numerosas forem as reuniões, melhor, porque assim é mais fácil se obter a homogeneidade. Os grupos pequenos e íntimos são sempre mais favoráveis às belas comunicações; porém, é compreensível que se cem pessoas reunidas estiverem suficientemente concentradas e atentas, elas obterão mais do que dez que estivessem distraídas e fazendo barulho. O que principalmente é necessário entre os presentes é **uma comunhão de pensamentos**; se essa comunhão visar o bem, então os bons Espíritos virão facilmente e com boa vontade. Nunca seria

demais tomar todo o cuidado com os novos membros introduzidos nas reuniões; tem gente que leva perturbação consigo para onde quer que vá. Os mais prejudiciais, nesse caso, não são os que ignoram o assunto, nem mesmo aqueles que não acreditam: a convicção só é adquirida pela experiência, e há pessoas que querem se esclarecer de boa-fé. Aqueles de quem devemos nos proteger são principalmente as pessoas de ideias preconcebidas, os incrédulos que duvidam de tudo, até mesmo da evidência; os orgulhosos que pretendem ter exclusivamente a luz interior, querendo em tudo impor a sua opinião e olhando com desdém os que não pensam como eles. Não se deixem enganar pelo suposto desejo deles de se instruírem; há muitos deles que ficariam muito aborrecidos se fossem forçados a admitir que estavam errados. Tenham cuidado sobretudo com esses oradores insípidos que querem sempre dizer a última palavra: os Espíritos não gostam de palavras inúteis.

CAPÍTULO VIII

RELAÇÕES COM OS ESPÍRITOS

A maneira de se relacionar com os Espíritos não é um dos pontos menos úteis. Se considerarmos a distância que separa as duas extremidades da escala, veremos sem dificuldade a necessidade de certas precauções, conforme a categoria dos Espíritos e seus hábitos. Não basta, pois, que estejamos propriamente em boas condições; é preciso conhecer o caminho mais favorável para atingir o objetivo com mais segurança. Com isso, teremos que examinar o procedimento que convém adotarmos para as reuniões, os evocadores, a linguagem a ser usada com os Espíritos, o tipo de questões que podemos lhes dirigir.

As reuniões

É evidente que nós nos referimos às reuniões que têm um propósito sério. Quanto àquelas que são realizadas com o objeto de divertimento e curiosidade, vamos deixá-los a si mesmas; ali, os participantes estão livres para pedir fortuna e falar sobre seus segredinhos, com a garantia prévia do investimento do seu dinheiro. No entanto, nós advertimos que essas reuniões frívolas têm uma grave inconveniência: é que algumas pessoas podem levar a sério o que quase sempre é uma lorota da parte dos Espíritos levianos, que se divertem às custas daqueles que os escutam. Quanto às pessoas que nunca viram nada, não é lá que elas devem ir para tirar suas primeiras lições e nem para formar convicções, pois elas poderiam se enganar redondamente quanto à natureza

dos seres que compõem o mundo espírita, assim como alguém que julgaria todo o povo de uma grande cidade pelos habitantes dos seus subúrbios.

De tudo o que temos dito, concebe-se que o silêncio e o recolhimento são as condições de primeira ordem; mas o que não é menos necessário é a regularidade das reuniões. Em todas elas sempre há aqueles Espíritos que poderíamos chamar de *frequentadores assíduos*, e não estamos nos referindo aos Espíritos que se encontram em toda a parte e que se metem em tudo; estamos falando tanto de Espíritos familiares quanto daqueles que são interrogados mais assiduamente. Não devemos supor que esses Espíritos não tenham outra coisa a fazer senão nos ouvir; eles têm suas ocupações e, além disso, podem estar em condições desfavoráveis para serem evocados. Quando as reuniões são realizadas em dias e horários fixos eles se organizam de acordo e é raro que faltem a elas. Há até alguns que levam a pontualidade ao excesso; eles ficam ofendidos com um atraso de quinze minutos, e se eles mesmos marcarem o horário do encontro, seria em vão chamá-los alguns minutos antes. Sem dúvidas, eles podem vir fora das horas determinadas, e vêm com muita boa vontade — se o objetivo for útil. Porém, nada é mais prejudicial às boas comunicações do que chamá-los a torto e a direito, quando a fantasia nos domina, e sobretudo sem motivo sério; como eles não são forçados a se submeterem aos nossos caprichos, eles podem muito bem não nos atender, e é principalmente nessa hora que outros podem o lugar e o nome deles.

Não há hora cabalística para as evocações; portanto, a escolha do horário é completamente indiferente. Aquelas em que as ocupações cotidianas permitem mais calma e relaxamento são as melhores ocasiões. Os Espíritos que, para uma coisa qualquer, prescrevessem horas prediletas consagradas aos seres infernais, nos contos fantásticos, seriam indubitavelmente Espíritos mistificadores. O mesmo acontece com relação para os dias aos quais a superstição atribuiu uma influência imaginária.

Nada impediria também que as reuniões fossem realizadas diariamente, mas haveria uma inconveniência em sua frequência muito grande. Se os Espíritos culpam o apego exagerado às coisas desse mundo, eles igualmente recomendam não descuidar dos deveres que a nossa posição social nos impõe;

faz parte das nossas provações. Aliás, para a saúde do corpo, nosso próprio Espírito precisa não estar constantemente voltado para um mesmo objetivo, e sobretudo para as coisas abstratas; para tanto, ele presta mais atenção nelas quando não está cansado. As reuniões semanais ou quinzenais são suficientes; elas se realizam com mais solenidade e concentração quando elas não são tão próximas. Estamos falando das sessões em que realiza um trabalho regular, e não daquelas em que um médium iniciante se dedica aos exercícios necessários para se desenvolver; estas, propriamente falando, não são sessões; são antes lições que darão resultados tanto mais rapidamente quanto mais forem multiplicadas. Porém, uma vez desenvolvida a faculdade, é essencial não abusar dela, pelos motivos que acabamos de dar. A satisfação que a posse dessa faculdade proporciona a certos novatos suscita em alguns deles um entusiasmo que é muito importante moderar. Eles devem ponderar que ela lhes foi dada para **o bem**, e não para satisfazer uma vã curiosidade. Quando dizemos o bem, queremos dizer o dos seus semelhantes, e não apenas **o seu próprio bem**. Para tanto, um médium que queira ter um relacionamento sério com os Espíritos deve evitar ceder à curiosidade dos amigos ou conhecidos que venham assediá-lo com questões ociosas; então, ele deve prestar um auxílio prestimoso e desinteressado quando se trata de coisas uteis; agir de outra forma seria egoísmo, e o egoísmo é uma chaga.

O local

Também não existe nenhum lugar específico para as comunicações espíritas; deve-se inclusive evitar aqueles que, por sua natureza, costumam impressionar a imaginação. Os bons Espíritos vêm a qualquer local onde um coração puro os convida para o bem, e os maus Espíritos não têm predileção senão pelos locais onde eles encontram simpatias. Os cemitérios exercem mais influência sobre o nosso pensamento do que sobre os Espíritos, e a experiência demonstra que os Espíritos vêm com a mesma facilidade tanto ao quarto mais simples sem aparência diabólica quanto aos túmulos ou capelas em ruínas, tanto em plena luz do dia quanto no clarão da lua.

Já que a escolha do local é indiferente, é útil não o alterar sem necessidade. O fluido vital — de que cada Espírito errante ou encarnado é, de alguma forma, um foco — irradia em torno dele pelo pensamento. Com isso, entendemos que num local habitual deva haver um eflúvio desse fluido que, por assim dizer, forma nesse lugar uma atmosfera moral com a qual os Espíritos se identificam. Seria até mesmo preferível um lugar que fosse reservado exclusivamente a esse tipo de encontros e que não fosse — se assim podemos nos expressar — profanado por preocupações vulgares, porque esse local seria um verdadeiro santuário de onde os maus Espíritos estariam excluídos, em razão de ali os elementos da atmosfera moral estarem menos misturados do que num lugar comum.

A melhor acomodação física é aquela que é mais confortável e que pode proporcionar o mínimo de perturbação e distração. Nos objetos que servem de decoração, tudo o que pode elevar o pensamento e lembrar o assunto tratado é útil, mas que fique bem claro que qualquer acomodação ou ornamentação que remeta ao grimório³⁷ é absurda — dizemos até que é perigosa, por causa das ideias supersticiosas que isso necessariamente deve fomentar. Nós repetimos aqui o que dissemos lá atrás a respeito das horas: os Espíritos que recomendassem coisas desse tipo, ou quaisquer práticas místicas, são Espíritos inferiores que se diverte com a credulidade, ou que, talvez, eles mesmos estejam dominados pelas ideias que tiveram durante sua vida. Dissemos e não nos cansamos de repetir: para os Espíritos superiores o pensamento é tudo e a forma não é nada; é pelos bons pensamentos que os atraímos, e não pelas fórmulas vãs; aqueles que dão importância às coisas materiais provam com isso que ainda estão sob a influência da matéria. Se, em algum momento, a evocação esteve envolvida de mistérios e de símbolos, foi porque pretendiam se esconder das pessoas comuns e queriam dar a si mesmos um prestígio diante dos ignorantes. Hoje, a luz brilha para todo o mundo, e é em vão querer colocá-la debaixo de um alqueire.

Tudo o que dissemos das reuniões em que todos se ocupam com

³⁷ Grimório: coleção medieval de feitiços, rituais e encantamentos mágicos atribuídas a fontes clássicas hebraicas ou egípcias. — N. T.

comunicações espíritas se aplica naturalmente às comunicações individuais; é por isso que não faremos nenhuma menção especial a respeito. O mesmo ocorre com tudo o que nos resta examinar. Tomamos as reuniões como modelo porque elas contêm as condições mais complexas de que cada um poderá aplicar aos casos particulares. Acrescentaremos também que, quando realizadas em boas condições, as reuniões têm uma vantagem no fato de que várias pessoas unidas por uma ideia comum possuem mais força para atrair os bons Espíritos, que gostam de se encontrar num ambiente simpático onde possam derramar luz através de seu ensinamento. No entanto, há situações em que eles preferem — e até recomendam — as comunicações isoladas. O que há de melhor a fazer nesses casos é se conformar com a decisão deles.

Evocações

Algumas pessoas pensam que, quando se trata principalmente de ensinamentos gerais, devemos nos abster de evocar esse ou aquele Espírito, e que é preferível esperar aquele que bem queira se comunicar. Elas se baseiam naquela opinião que, chamando um determinado Espírito, não se pode ter certeza de que seja ele quem se apresente, ao passo que aquele que vem espontaneamente e por sua própria ação prova melhor a sua identidade, pois assim ele mostra o desejo que tem de estar em contato conosco. Na nossa opinião, isso é um erro: primeiramente porque sempre há em torno de nós Espíritos — na maioria das vezes de baixo nível — que não querem outra coisa senão se comunicar; em segundo lugar e até por esta última razão, não chamar nenhum em particular é abrir a porta para todos os que queiram entrar. Numa reunião, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a todo mundo, e nós sabemos o que isso resulta. O chamado direto feito a um determinado Espírito representa um laço entre ele e nós: nós o chamamos pelo nosso desejo e assim impomos uma espécie de barreira aos intrusos, que facilmente podem nos induzir ao erro sobre sua identidade. Sem um chamado direto, um Espírito normalmente não teria nenhum motivo para vir até nós, se não for um Espírito familiar nosso. A propósito, a experiência prova que em qualquer situação a

evocação é preferível. Quanto à questão de identidade, falaremos a respeito dela adiante.

Portanto, essa regra não é absoluta. Nas reuniões regulares, sobretudo naquelas onde se realiza um trabalho contínuo, sempre há Espíritos — como dissemos — frequentadores assíduos, que comparecem sem serem chamados, e que, exatamente por causa da regularidade das sessões, já ficam preparados: muitas vezes eles tomam a palavra espontaneamente para dizer o que se deve fazer ou para desenvolver um tema de debate, e então eles são facilmente reconhecidos, seja pela forma da linguagem que é sempre idêntica, seja pela escrita, seja por certos hábitos que lhes são familiares, ou, finalmente, seja pelos nomes que eles indicam, ora no começo e ora no encerramento.

Quanto aos Espíritos estranhos, a maneira de lhes evocar é mais simples: não existe fórmula sacramental ou mística, bastando fazê-la em nome de Deus, nos seguintes termos ou equivalentes: ***Rogo a Deus todo-poderoso que permita ao Espírito...*** (designe-o com certa precisão) ***se comunicar conosco;*** ou então: ***Em nome de Deus todo-poderoso, rogo ao Espírito de... que tenha a bondade de comunicar conosco.*** Se ele puder vir, a resposta obtida geralmente é: ***Sim,*** ou: ***Já estou aqui;*** ou ainda: ***O querem de mim?***

Muitas vezes ficamos surpresos com a prontidão com que um Espírito evocado se apresenta — mesmo na primeira vez: é como se ele já estivesse preparado; de fato, é o que acontece quando preparamos de antemão a sua evocação. Essa preparação é uma espécie de evocação antecipada, e como nós sempre temos conosco os nossos Espíritos familiares que se identificam com o nosso pensamento, eles preparam os caminhos de tal sorte que, se não se opuser, o Espírito que desejamos chamar já se acha presente. Em caso contrário, é o Espírito familiar do médium, do interrogador ou ainda o de um dos frequentadores que vai buscá-lo — o que não leva muito tempo. Quando o Espírito evocado não pode vir imediatamente, o mensageiro (***Mercúrio***,³⁸ se preferirem) marca um prazo, às vezes de cinco minutos, quinze minutos, uma hora e meia ou até vários dias; quando ele chega, o mensageiro diz: ***Ele está***

³⁸ Mercúrio: menção ao personagem da mitologia latina designado como o mensageiro dos deuses, equivalente a Hermes, na mitologia grega. — N. T.

aqui; e então podemos começar as perguntas que queremos lhe fazer.

Quando dizemos para que se faça a evocação em nome de Deus, esperamos que a nossa recomendação seja levada a sério e não levianamente; aqueles que não vissem nisso nada mais do que uma fórmula sem consequências fariam melhor abstendo-se.

Espíritos que podemos evocados

Podemos evocar todos os Espíritos, qualquer que seja o grau da escala a que eles pertençam: tanto os bons quanto os maus, desde os que deixaram a vida a pouco tempo como aqueles que viveram nas épocas mais antigas, dos homens ilustres até os anônimos, os nossos parentes e amigos, assim como os que não conhecemos; mas isto não quer dizer que sempre eles queiram ou possam atender ao nosso chamado. Independente da própria vontade deles ou da permissão — que lhes pode ser recusada por uma força superior — eles podem ser impedidos de atender à evocação, por motivos que nem sempre nos é permitido saber.

Entre as causas que podem se opor à manifestação de um Espírito, algumas têm a ver com dele e outras são questões externas. Entre as primeiras, devemos colocar suas ocupações ou as missões que ele esteja cumprindo e das quais ele não pode se afastar para ceder aos nossos desejos; neste caso, sua visita é apenas adiada.

Há também a sua própria situação. Se bem que o estado de encarnação não seja um obstáculo absoluto, pode ser um impedimento em certos momentos, sobretudo quando essa encarnação ocorre nos mundos inferiores e quando o próprio Espírito está pouco desmaterializado. Nos mundos superiores, naqueles em que os laços entre o Espírito e a matéria são muito fracos, a manifestação é quase tão fácil quanto no estado errante, e em todos os casos mais fácil do que nos mundos onde a matéria corporal é mais compacta.

As causas externas têm a ver principalmente com a natureza do médium, com a da pessoa que evoca, com o meio no qual se faz a evocação e, enfim, com a finalidade a que se propõem. Alguns médiuns recebem mais particularmente

comunicações de seus Espíritos familiares, que podem ser mais ou menos elevados; outros são aptos a servir de intermediários a todos os Espíritos; isso depende da simpatia ou da antipatia, da atração ou da repulsão que o Espírito pessoal do médium exerce sobre o outro Espírito, que pode tomá-lo por intérprete com prazer ou com repugnância. Isso também depende — apesar das qualidades íntimas do médium — do desenvolvimento da faculdade mediatriz. Os Espíritos vêm mais voluntariamente e sobretudo são mais explícitos com um médium que não lhes ofereça nenhum obstáculo físico. Aliás, havendo total igualdade de condições morais, quanto mais facilidade tenha o médium para escrever ou para se expressar mais suas relações com o mundo espírita se generalizam.

É preciso ainda levar em conta a facilidade que deve proporcionar o hábito de ser comunicar com esse ou aquele Espírito; com o tempo, o Espírito estranho se identifica com o do médium e ainda com aquele que o chama. Fora a questão da simpatia, estabelecem-se entre eles relações fluídicas que tornam as comunicações mais rápidas; é por isso que um primeiro encontro nem sempre é tão satisfatório quanto poderíamos desejar, e é por isso também que os próprios Espíritos pedem frequentemente para serem chamados de novo. O Espírito que vem habitualmente se sente em casa: familiariza-se com seus ouvintes e intérpretes; ele fala e age mais livremente.

Resumindo, do que acabamos de dizer, resulta: que a faculdade de evocar todo e qualquer Espírito não implica que o Espírito seja obrigado a ficar às nossas ordens; que ele pode vir num momento e não vir em outro, com um médium ou um evocador que lhe agrade e não com outro; que ele pode dizer o que quiser sem ser constrangido a dizer o que ele não queira; que ele pode ir embora quando lhe agrada; que, finalmente, por causas dependentes ou não da sua vontade, depois de se mostrar assíduo durante algum tempo, ele de repente pode deixar de vir.

Da possibilidade de evocar os Espíritos encarnados resulta na de evocar o Espírito de uma pessoa viva. Ele então responde como Espírito, e não como homem; muitas vezes suas ideias não são mais as mesmas. Esse tipo de evocação requer prudência, pois há circunstâncias em que elas podem ter

inconveniências. A emancipação da alma, como se sabe, quase sempre ocorre durante o sono; ora, a evocação a provoca se a pessoa não estiver dormindo, ou pelo menos produz um entorpecimento e uma suspensão momentânea das faculdades sensitivas. Então, seria perigoso se nesse instante a pessoa estivesse numa situação em que precisasse de toda a sua consciência. Também seria perigoso se ela estivesse muito adoentada, pois a enfermidade poderia ser agravada. De resto, o perigo é atenuado no sentido de que o Espírito conhece as carências do seu corpo e se conforma, não ficando ausente além do tempo necessário; assim sendo, por exemplo, quando ele percebe que seu corpo vai despertar, ele o diz e informa que ele vai ser forçado a se retirar. Já que os Espíritos podem reencarnar na Terra, acontece muitas vezes que evocamos pessoas sem que saibamos que elas estejam vivas; nós mesmos o podemos ser evocados sem suspeitarmos disso, mas então as circunstâncias não são mais idênticas, e isso não teria nada de prejudicial.

As pessoas ficam admiradas em ver o Espíritos dos homens mais ilustres — aos quais dificilmente elas ousariam falar quando eles estavam vivos — atender ao chamado dos homens mais comuns; isso só pode surpreender aqueles que não conhecem a natureza do mundo espírita; qualquer um que tenha estudado esse mundo sabe que a posição ocupada na Terra não lhe dá nenhuma supremacia lá, e que lá talvez o poderoso possa estar abaixo daquele que foi seu empregado; esse é o sentido daquela máxima de Jesus: “Os grandes serão rebaixados e os pequenos serão elevados”, ou dessa outra: “Quem se humilha será exaltado, e quem se exaltar será humilhado.” Em suma, um Espírito pode não ocupar entre seus semelhantes a categoria que lhe supomos; mas se ele for verdadeiramente superior, ele deve ter depurado todo o orgulho e toda a vaidade, e desde então ele olha o coração, e não a aparência.

Linguagem a ser usada com os Espíritos

O grau de superioridade ou inferioridade dos Espíritos naturalmente indica o tom que devemos usar com eles. É evidente que quanto mais eles sejam elevados mais eles têm direito ao nosso respeito, às nossas considerações e à

nossa submissão. Então não devemos lhes demonstrar menos respeito do que demonstraríamos se estivessem vivos, mas por outros motivos: na Terra, nós levaríamos em consideração a categoria e a posição social deles; no mundo dos Espíritos, a nossa deferência visa só a superioridade moral. A própria elevação deles os põe acima das infantilidades das nossas formas de adulação. Não é com palavras que podemos cativar a benevolência deles, mas pela sinceridade dos sentimentos. Portanto, seria ridículo lhes dar os títulos que os nossos padrões consagram à distinção das classes, e que, se vivos, pudessem inflamar a vaidade deles; como eles são realmente superiores, não somente eles não dão importância a isso como também deploram tal coisa. Um bom pensamento é mais agradável para eles do que os epítetos mais elogiosos; se fosse de outro modo, eles não estariam acima da humanidade. O Espírito de um venerável eclesiástico que foi na Terra um príncipe da Igreja, homem de bem e um praticante da lei de Jesus, certa vez respondeu a alguém que o tinha evocado dando-lhe o título de Monsenhor: “Você deveria dizer ao menos ex-monsenhor, porque aqui só tem Deus como Senhor. Saiba bem que eu vejo muitos que se ajoelhavam diante de mim na Terra, diante dos quais hoje eu mesmo me inclino.”

Quanto à questão de saber se devemos ou não tratar os Espíritos por tu³⁹, isso tem pouquíssima importância. O respeito está no pensamento, e não nas palavras; tudo depende da intenção dispensada, já que os costumes quanto a esse quesito não são os mesmos em todos os idiomas. Então, podemos ou não tratar os Espíritos com tu, conforme sua categoria ou grau de familiaridade que existe entre eles e nós, como faríamos perante os nossos semelhantes.

Se os Espíritos não se importam com as palavras, por outro lado eles gostam de que saibamos agradecer a boa vontade deles — seja por se

³⁹ Assim como no nosso português, a língua francesa tem uma forma mais respeitosa de tratar determinadas pessoas (desconhecidos, autoridades, alguém mais idoso e, em geral, qualquer um em ocasiões de certa formalidade) usando o pronome da segunda pessoa do plural (*vous* = “vós”) em vez da segunda pessoa no singular (*tu* = “tu”, ou “você”, no caso da língua falada no Brasil), usada entre familiares, amigos e em ocasiões menos formais. Por exemplo; *Vous êtes très gentil* = “Vós sois muito gentil”, em vez de *Tu es très gentil* = “tu és muito gentil” ou “Você é muito gentil”. No português brasileiro, também costumamos simplificar o pronome “vós” como o termo informal “vocês”: “Vós deveis vos amar uns aos outros” = “Vocês devem se amar uns aos outros”. — N. T.

apresentarem, seja por nos responderem. Conseqüentemente, devemos lhes agradecer, como também devemos agradecer àqueles que se apegam a nós e nos protegem; isso é uma forma de lhes incentivar a continuarem. Seria um grave erro crer que a forma imperativa possa ter alguma influência sobre eles: esse seria um modo infalível de afastar os bons Espíritos. Podemos lhes pedir, mas não mandar neles, pois eles são estão às nossas ordens, e tudo o que denota orgulho os repulsa. Os próprios Espíritos familiares abandonam aqueles que lhes desprezam e que se mostram ingratos a eles.

Ainda que não sejam de primeira categoria, nem por isso os Espíritos merecem menos consideração de nossa parte, especialmente quando eles nos revelam uma relativa superioridade. Quanto aos Espíritos inferiores, o caráter deles nos indica a linguagem que devemos ter com eles. Há alguns dentre os quais que, conquanto sejam inofensivos e até sejam gentis, são levianos, ignorantes, estouvados; tratá-los igual aos Espíritos sérios, assim como certas pessoas fazem, seria o mesmo que ajoelhar-se diante de um colegial ou de um asno trajado de doutor. O tom de familiaridade não seria descabido para com eles, e eles não se aborrecem com isso; eles, ao contrário, aceitam esse tratamento de boa vontade.

Entre os Espíritos inferiores existem muitos que são infelizes. Quaisquer que sejam as faltas que eles estejam expiando, seus sofrimentos são razões ainda maiores para nossa comiseração tanto quanto é certo que ninguém pode se orgulhar de escapar destas palavras do Cristo: “Que atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado”. A bondade que lhes devotamos significa um alívio para eles; na falta de simpatia, eles devem encontrar a indulgência que nós gostaríamos que todos tivessem para conosco.

Os Espíritos que revelam sua inferioridade pelo cinismo da sua linguagem, suas mentiras, a baixeza dos seus sentimentos e a perfídia dos seus conselhos são seguramente menos dignos do nosso interesse do que aqueles cujas palavras demonstram arrependimento; nós lhes devemos pelo menos a piedade que devotamos aos maiores criminosos, e o meio de os reduzir ao silêncio consiste em mostrar-se superiores a eles: eles só se familiarizam com as pessoas de quem eles acreditam não ter nada a temer. Aqui é o caso de falar

com autoridade para afastá-los — o que sempre podemos conseguir através de uma vontade firme, intimando-os em nome Deus e com o apoio dos bons Espíritos. Eles se inclinam diante da superioridade moral, assim como o culpado diante do juiz.

Em resumo, seria tão desrespeitoso tratar de igual para igual os Espíritos superiores quanto seria ridículo ter a mesma veneração por todos sem exceção. Tenhamos veneração para com aqueles que a merecem, reconhecimento pelos que nos protegem e nos auxiliam, e para todos os demais uma benevolência de que talvez um dia nós mesmos tenhamos necessidade. Ao penetrar no mundo incorpóreo nós aprendemos a conhecê-lo e esse conhecimento deve nos guiar nas nossas relações com os que lá habitam. Os Antigos, na sua ignorância, levantaram altares para eles; para nós eles são apenas criaturas mais ou menos perfeitas, e nós só levantamos altares a Deus (Veja: *Politeísmo* no Vocabulário).

Questões a serem endereçadas aos Espíritos

Quem estiver bem compenetrado dos princípios que desenvolvemos até agora compreenderá sem dificuldades a importância, do ponto de vista prático, do assunto que vamos abordar; ele é a sua consequência e aplicação, e de certa maneira nós poderíamos até prever a sua conclusão pelo conhecimento que a escala espírita nos dá do caráter dos Espíritos, conforme a categoria que eles ocupam. Essa escala nos fornece a medida do que podemos lhes perguntar e do que não devemos esperar deles. Um estrangeiro que viesse ao nosso país com a crença de que todos os homens aqui sejam iguais em ciência e em moralidade então encontraria aqui muitas anomalias; mas tudo ficará bem explicado a partir do momento em que ele tivesse compreendido que cada um fala e escreve de acordo com suas aptidões; é a mesma coisa com o mundo espírita. Desde que vemos os Espíritos tão distantes uns dos outros, sob todos os aspectos, então compreendemos facilmente que nem todos estão aptos a resolver todas as dificuldades e que uma questão mal endereçada pode nos expor a vários equívocos.

Estabelecido este princípio, será que é conveniente fazer perguntas aos

Espíritos? Algumas pessoas pensam que deveríamos nos abster disso e que é preciso deixá-los tomar a iniciativa daquilo que eles queiram dizer. Essas pessoas se baseiam no fato de que falando espontaneamente, o Espírito fala mais livremente, que ele só diz o que quer e que assim podemos ter mais certeza de ter a expressão dos próprios pensamentos deles. Elas acham até que é mais respeitoso esperar pelo ensinamento que ele julgue apropriado nos dar. A experiência contradiz esta teoria, como tantas outras nascidas no início das manifestações. O conhecimento das diversas categorias de Espíritos traça o limite do respeito que lhes é devido e prova que, a menos que se tenha certeza de que se trata apenas de seres superiores, o ensinamento espontâneo deles nem sempre será muito edificante. Mas, deixando de lado essa consideração, e assumindo que o Espírito seja bastante elevado para dizer somente coisas boas, o seu ensinamento geralmente seria muito limitado se não fosse instigado por questionamentos. Assistimos muitas vezes a sessões lânguidas ou nulas, por falta de um tema específico para discussão. Ora, como os Espíritos só respondem definitivamente quando lhes convém, ao agirmos adequadamente, nós não cometemos nenhuma violência contra o livre-arbítrio deles. Muitas vezes eles mesmos provocam indagações dizendo: O que você quer? Pergunte e eu te responderei. Normalmente também eles próprios nos interrogam, não para se instruírem, mas para nos colocarem à prova ou para nos fazerem expressar nossos pensamentos mais claramente. Reduzir-se diante deles a um papel puramente passivo seria um excesso de submissão que eles não pedem; o que eles querem é atenção e recolhimento. Quando eles espontaneamente tomam a palavra sem esperar perguntas — como dissemos lá atrás ao falar das evocações —, é o caso então de não os interromper e de seguir a linha que eles traçam. Mas como isso nem sempre acontece, é bom ter em mãos um assunto já preparado na falta da iniciativa dos Espíritos. Regra geral: quando um Espírito fala, não se deve interrompê-lo; e quando, por um sinal qualquer, ele demonstrar a intenção de falar, deve-se esperar e só falar quando tiver certeza de que ele não tem mais nada a dizer.

Se, em princípio, as perguntas não desagradam aos Espíritos, há algumas delas que lhes são soberanamente antipáticas e das quais é preciso abster-se

completamente, sob pena de não ter resposta, ou de ter uma má resposta. Quando dizemos que as perguntas são desagradáveis, queremos nos referir aos Espíritos elevados; já os Espíritos inferiores, estes não são tão escrupulosos; podemos lhes perguntar o que quisermos sem os ofender, até as coisas mais absurdas, e eles respondem tudo, mas como eles mesmos dizem: “Para uma pergunta estúpida, uma resposta estúpida”, e seria bem louco quem os levasse a sério.

Os Espíritos podem deixar de responder por vários motivos: 1º a pergunta pode lhes desagradar; 2º nem sempre eles possuem os conhecimentos necessários; 3º há coisas que eles estão proibidos de revelar. Logo, se eles não respondem a uma indagação é porque não querem, não podem ou não devem. Seja qual for o motivo, uma regra invariável é que ***todas as vezes que um Espírito se recusa categoricamente a responder, nunca se deve insistir***, caso contrário a resposta será dada por um desses Espíritos levianos, sempre prontos a se intrometer em tudo e que pouco se incomodam com a verdade. Se a recusa não for absoluta, podemos pedir ao Espírito para que atenda ao nosso desejo; ele o faz às vezes, mas nunca cede à exigência. Esta regra não se aplica aos desenvolvimentos que podemos e que até devemos solicitar sobre um ponto que não esteja suficientemente explícito. Quando um Espírito quer encerrar uma conversa, geralmente o indica com uma palavra, tal como: adeus, chega por hoje, já é tarde, até outra hora etc. Esta palavra quase sempre é sem apelação; a imobilidade do lápis é uma prova de que o Espírito se foi, e então não devemos insistir.

Dois pontos essenciais devem ser considerados nas questões: o conteúdo e a forma. Pela forma elas devem — embora sem fraseologia ridícula — demonstrar o respeito e a consideração que se deve ao Espírito que se comunica, se ele for superior, e nossa benevolência, se ele for igual a nós ou inferior. De outro ponto de vista, as questões devem ser claras, precisas e sem ambiguidade; é preciso evitar aquelas que têm um significado complexo: é melhor fazer duas, se for necessário. Quando um assunto requer uma série de perguntas, é importante que elas sejam classificadas em ordem, que se encadeiem e se sucedam metodicamente; por isso é sempre útil prepará-las

previamente, o que, aliás, como dissemos, é uma espécie de evocação antecipada que prepara os caminhos; meditando sobre elas com a cabeça descansada, nós as formulamos e as classificamos melhor, e então obtemos respostas mais satisfatórias. Isso não impede de acrescentarmos, durante o diálogo, questões complementares nas quais não tínhamos pensado, ou que possam ser sugeridas pelas respostas; mas o quadro está sempre traçado, e isso é o essencial. O que devemos evitar é passar abruptamente de um assunto para outro com perguntas sem sequência e lançadas atravessadas no assunto principal. Acontece também muitas vezes que algumas das questões preparadas de antemão, na expectativa de certas respostas, tornam-se inúteis e, neste caso, nós as passamos adiante. Um fato que também ocorre muito frequentemente é que a resposta por vezes se antecipa à pergunta e que, mal sejam pronunciadas as suas primeiras palavras, o Espírito responde sem a deixar ser completada. Às vezes ele até responde a um pensamento expresso em voz baixa por um dos participantes, sem que a pergunta tenha sido feita, e sem que o médium saiba. Se não tivéssemos a cada momento provas patentes da absoluta neutralidade do médium, fatos deste tipo não poderiam deixar dúvidas a esse respeito.

Com relação ao conteúdo, as questões merecem uma especial atenção de acordo com o tema. Perguntas frívolas, de pura curiosidade e de comprovação são as que desagradam aos espíritos sérios; eles as repelem ou não respondem a elas; os espíritos levianos se divertem com elas.

As perguntas de comprovação normalmente são feitas por quem ainda não adquiriram uma convicção e que procura assim se certificar da existência dos Espíritos, da sua perspicácia e da sua identidade; sem dúvidas isso é muito natural da parte deles, mas erram completamente o alvo, e sua insistência neste sentido deve-se à sua própria ignorância das bases sobre as quais a ciência espírita se apoia — bases totalmente diferentes daquelas das ciências experimentais. Portanto, quem quiser aprender sobre essas bases deve resignar-se a seguir um caminho completamente diferente e deixar de lado os procedimentos das nossas escolas. Se eles pensam que só podem fazer isso experimentando à sua maneira, seria melhor se absterem. O que diria um

professor a quem um aluno tentasse impor o seu método, que quisesse lhe ditar para agir dessa ou daquela forma e fizesse as experiências a seu modo? Mais uma vez: a ciência espírita tem os seus princípios, e aqueles que querem conhecê-la devem se conformar com isso, senão eles não poderão dizer que são aptos a julgá-la. Esses princípios são os seguintes no que concerne às questões de comprovação:

- 1º) Os Espíritos não são máquinas que possam ser movidas à vontade; são seres inteligentes que só fazem e dizem o que querem, e que não podemos submeter aos nossos caprichos;
- 2º) As provas que desejamos ter da existência deles, da sua perspicácia e da sua identidade eles próprios nos dão espontaneamente e por sua própria vontade em várias ocasiões; mas eles as dão quando querem e da maneira que querem; cabe a nós esperar, ver e observar, e essas provas não nos faltarão: ***devemos pegá-las de passagem***; se as quisermos provocar, então elas nos escaparão, e com isso os Espíritos nos provam sua independência e seu livre-arbítrio.

Esse princípio é, inclusive, aquele que rege todas as ciências de observação. O que faz o naturalista que estuda os hábitos de um inseto, por exemplo? Ele o segue em todas as manifestações de sua inteligência ou de seu instinto; observa o que se passa, mas espera que os fenômenos se apresentem; ele não pensa em provocá-los nem em desviar seu curso; ele sabe, além disso, que se o fizesse, não os teria mais em sua simplicidade natural. O mesmo acontece com relação às observações espíritas.

Pelo que hoje sabemos, entendemos que não basta que um Espírito seja sério para resolver qualquer questão séria *ex professo*⁴⁰; nem basta, como vimos, que tenha sido instruído na Terra para resolver uma questão de ciência, pois ele ainda pode estar imbuído de preconceitos terrenos; é preciso que ele seja suficientemente elevado ou que seu desenvolvimento como Espírito tenha se realizado dentro do círculo de ideias que queremos lhe submeter, desenvolvimento esse às vezes bem diferente daquele que pudemos observar

⁴⁰ *Ex professo*: expressão em latim que significa “com conhecimento de causa”, “magistralmente”. — N. T.

nele durante sua vida; mas também acontece muitas vezes que outros Espíritos mais elevados venham em auxílio do interrogado e supram a sua insuficiência; isso acontece sobretudo quando a intenção do interrogador é boa, pura e sem segundas intenções. Em suma, quando nos dirigimos pela primeira vez a um Espírito, a primeira coisa a fazer é aprender a conhecê-lo, a fim de julgar a natureza das questões que podemos lhe dirigir com mais certeza.

Os Espíritos geralmente dão pouca importância às questões de interesses puramente materiais, àquelas que concernem a coisas da vida privada. Estaríamos enganados se pensássemos então que encontraríamos neles guias infalíveis que podemos consultar a qualquer momento sobre o progresso ou os resultados dos nossos negócios. Repetimos ainda: os Espíritos levianos respondem a tudo; se você quiser, eles vão prever até a alta ou a queda da bolsa, dizer se o marido que você espera será moreno ou loiro etc., e ainda mais se o acaso os fizer acertar.

Não incluímos entre as questões frívolas todas aquelas que têm um caráter pessoal: devemos apreciá-las com bom senso. Mas os Espíritos que melhor podem nos orientar neste sentido são os nossos familiares, aqueles que estão encarregados de zelar por nós e que, pelo hábito que eles têm de nos seguir, identificam-se com nossas necessidades; estes, sem dúvida, conhecem nossos afazeres melhor do que nós mesmos; logo, é a eles que devemos dirigir este tipo de coisas, e devemos também fazê-lo com calma, serenidade, com um apelo sério à sua benevolência, e não levianamente; todavia, pedir isso à queima-roupa e ao primeiro Espírito que aparecer valeria tanto quanto se dirigir à primeira pessoa que encontrar no caminho.

Por conseguinte, nossos Espíritos familiares podem nos esclarecer e, em muitas circunstâncias, eles o fazem de uma maneira eficiente; mas a ajuda deles nem sempre é patente e física; na maioria das vezes é oculta; ajudam-nos com uma série de advertências indiretas que eles provocam, mas que infelizmente nem sempre nós levamos em conta, do que resulta que muitas vezes só podemos culpar a nós mesmos pelas nossas tribulações. Quando os interrogamos, em certos casos, eles podem nos dar conselhos objetivos, mas, em geral, limitam-se a nos mostrar o caminho, recomendando-nos para não nos

perturbarmos, e para isso eles têm um duplo motivo. Em primeiro lugar, as tribulações da vida — se não forem fruto das nossas próprias faltas — fazem parte das provações que devemos suportar; eles podem então nos ajudar a suportá-las com coragem e resignação, porém não lhes cabe desviá-las. Em segundo lugar, se eles nos guiassem pela mão para evitar todos os contratemplos, o que faríamos com o nosso livre-arbítrio? Nós seríamos como crianças mantidas na andadeira até a idade adulta. Eles nos dizem: Eis o caminho, siga o caminho certo; vou te inspirar a fazer o que é melhor para você, mas use sua consciência, como uma criança usa as pernas para andar.”

Os Espíritos podem prever o futuro? Essa é a pergunta que todo novato não deixa de fazer; quanto a isso, diremos apenas uma palavra. A Providência foi sábia em nos esconder o futuro; quantos tormentos essa ignorância nos poupa! Sem falar que se nós o conhecêssemos, então nos entregaríamos cegamente ao nosso destino, abdicando de toda iniciativa. Os próprios Espíritos só sabem do futuro em razão de sua elevação, e por isso os Espíritos inferiores que estão sofrendo acreditam que sofrem para sempre. Quando eles sabem do futuro, não devem revelá-lo; entretanto, às vezes eles podem levantar uma ponta do véu que o encobre, mas então fazem isso espontaneamente, porque julgam que seja útil — nunca é a nosso pedido. É a mesma coisa com o nosso passado. Insistir neste ponto, como nos outros, quando eles se recusam a responder, é tornar-se joguete dos espíritos mistificadores.

Não poderíamos fazer uma revisão de todas as variedades de perguntas que é possível fazer sem reproduzir aqui o que está contido no Livro dos Espíritos. Então, a ele nos remetemos para o desenvolvimento de todas as questões que dizem respeito ao futuro, às existências anteriores, às descobertas, aos tesouros escondidos, às ciências, à medicina etc.

Médiuns remunerados

Ainda não conhecemos médiuns escreventes dando consultas a tanto por sessão; talvez isso venha a acontecer, por isso algumas palavras sobre este assunto nos parecem úteis. Diremos primeiro que nada se prestaria mais ao

charlatanismo e à fraude do que tal profissão. Nós diremos primeiramente que nada se prestaria melhor ao charlatanismo e ao embuste do que uma profissão como essa. Se temos visto falsos sonâmbulos, veremos ainda muito mais falsos médiuns, e só isso já seria motivo real de desconfiança. O desinteresse, ao contrário, é a resposta mais peremptória que podemos oferecer aos que não enxergam nos fatos nada mais do que um truque hábil. Não há charlatanismo desinteressado; qual seria então a intenção das pessoas que usassem da mistificação sem proveito e ainda mais quando sua reconhecida honestidade os coloca acima de qualquer suspeita? Se o lucro que um médium retirasse da sua faculdade pode ser um motivo de suspeita, isso jamais seria uma prova de que tal suspeita fosse fundamentada; logo, ele poderia ter uma verdadeira aptidão e agir de muito boa-fé ao mesmo tempo em que se beneficiasse; neste caso, vejamos se é razoavelmente possível esperar algum resultado satisfatório.

Quem compreendeu bem o que dissemos das condições necessárias para servir de intérprete dos bons Espíritos, das numerosas causas que podem afastá-los, das circunstâncias independentes da vontade deles e que muitas vezes são um obstáculo à sua vinda, enfim, de todas as condições *morais* que podem exercer uma influência sobre a natureza das comunicações, como poderíamos supor que um Espírito — por menos elevado que fosse — estivesse a qualquer hora do dia às ordens de um empresário de sessões e submisso às suas exigências para satisfazer à curiosidade do primeiro que aparecesse? Sabemos da aversão dos Espíritos por tudo o que cheira a cobiça e egoísmo, do pouco caso que eles fazem das coisas materiais; e ainda querem que eles ajudem a traficar a presença deles! Isso é repugnante ao pensamento, e seria preciso conhecer muito pouco a natureza do mundo espírita para acreditar que pudesse ser assim. Mas como os Espíritos levianos são menos escrupulosos e só procuram ocasião para se divertirem às nossas custas, ocorre que, o resultado é que se não for mistificado por um falso médium, tem-se toda a chance de ser mistificado por alguns de tais Espíritos. Só estas reflexões dão a medida do grau de confiança que devemos depositar nas comunicações desse gênero. De resto, para que serviriam hoje médiuns remunerados, já que, se a própria pessoa não possui essa faculdade, ela pode encontrá-la na sua família,

entre seus amigos ou entre conhecidos?

A inconveniência que acabamos de apontar já não é a mesma quando se trata de manifestações puramente físicas. A natureza dos Espíritos que se comunicam nessas circunstâncias o torna facilmente compreendido; porém, como a faculdade dos médiuns de influência física nem sempre está à sua disposição, ela muitas vezes faria falta àquele que a deveria ter no momento marcado para satisfazer as exigências do público. A faculdade mediatrix, mesmo dentro deste limite, não foi dada para desfilas nos palcos, e quem pretendesse ter os Espíritos às suas ordens para os exhibir em público, com razão, pode estar sob suspeita de charlatanismo ou de prestidigitação mais ou menos hábil. Que estejamos avisados todas as vezes que virmos anúncios de supostas sessões de espiritismo ou de espiritualismo a um preço para cada lugar.

CAPÍTULO IX

TEMAS DE ESTUDO

Quando evocamos parentes, amigos e alguns personagens famosos, para comparar suas opiniões de além-túmulo com as que eles tinham quando vivos, às vezes ficamos embaraçados em manter as conversas sem cair nas banalidades e futilidades. Por isso, ser útil indicarmos a fonte de onde podemos tirar temas de observação, por assim dizer, ilimitados.

Como vimos, o mundo espírita apresenta variedades do ponto de vista intelectual e moral, tanto quanto a humanidade; devemos mesmo dizer muito mais, pois, seja qual for a distância que separa os homens na Terra, desde o primeiro degrau até o último, há Espíritos abaixo e acima desses limites. Para conhecermos um povo, precisamos vê-lo da base ao topo, estudá-lo em todas as fases da vida, sondar seus pensamentos, nos aprofundar sobre os seus hábitos íntimos, numa palavra, fazermos — por assim dizer — uma dissecação moral. Somente multiplicando as observações é que podemos compreender as analogias e anomalias e estabelecer um julgamento através da comparação. Quem poderia contar os volumes escritos sobre etnografia, antropologia e o estudo do coração humano? E, no entanto, ainda estamos longe de ter dito tudo. O que se faz pelos homens também pode ser feito pelos Espíritos, e esse é único meio de aprendermos a conhecer esse mundo que nos interessa tanto mais quanto a morte — a qual somos todos submissos — nos conduz a ela mesma, pela própria força das coisas. Ora, esse mundo nos é revelado através das manifestações inteligentes dos Espíritos; podemos, pois, entrevistar os habitantes de todas as classes, não apenas sobre generalidades, mas sobre as particularidades da sua existência além-túmulo, e assim julgar o que lá nos

espera de acordo com a nossa conduta aqui embaixo. Até agora, o destino que estava reservado para nós não passava de objeto de um ensinamento teórico: as manifestações espíritas nos mostram esse destino abertamente, fazem-nos tocá-lo com o dedo e com a vista através dos exemplos mais impressionantes e cuja realidade não poderia ser posta em dúvida por quem lhe dirija um olhar perscrutador. É para esta realidade que queremos fornecer os meios de constatação através do direcionamento de estudos.

Se a evocação de homens ilustres e dos Espíritos superiores é eminentemente útil pelos ensinamentos que eles nos dão, a evocação dos Espíritos comuns não é menos — se bem que eles sejam incapazes de resolver as questões de alto porte. Pela sua inferioridade eles mesmos se revelam, e quanto menor for a distância que os separa de nós, mais reconhecemos neles semelhanças com a nossa própria situação. Portanto, é do mais alto interesse, pelo duplo ponto de vista psicológico e moral, estudar a posição daqueles que foram nossos contemporâneos, que seguiram a rota da vida lado a lado conosco, de quem conhecemos o caráter, os hábitos, as virtudes e os vícios, ainda que eles fossem os homens mais obscuros: nós os compreendemos melhor porque eles estão no nosso nível; com frequência eles nos oferecem traços característicos da mais alta importância, e acrescentamos que é nesse círculo — de certo modo íntimo — que a identidade dos Espíritos se revela, sobretudo da maneira menos contestável. É, como vemos, uma mina inesgotável de observações, mesmo pegando só os homens cuja vida apresente alguma particularidade com relação ao gênero da morte, da idade, das boas e más qualidades, da posição feliz ou infeliz na Terra, dos costumes, do estado mental etc.

Com os Espíritos elevados o quadro de estudos se alarga; além das questões psicológicas, que têm um limite, podemos lhes propor uma imensidade de problemas morais que se estendem ao infinito sobre todas as posições da vida, sobre a melhor conduta a seguir nessa ou naquela determinada circunstância, sobre os nossos deveres recíprocos etc. O valor da instrução que podemos receber sobre um assunto qualquer (moral, histórico, filosófico ou científico) depende inteiramente do estado do Espírito que

interrogamos; cabe a nós julgar.

Fora as perguntas propriamente ditas, podemos solicitar aos Espíritos superiores dissertações sobre assuntos oferecidos ou escolhidos por eles em uma série que lhes apresentamos. Podemos deste modo tomar como texto as qualidades, os vícios e os desvios da sociedade, tais como a avareza, o orgulho, a preguiça, o ciúme, o ódio, a raiva, a caridade, a modéstia etc. Espíritos um pouco menos elevados, porém inteligentes, podem tratar de uma maneira feliz assuntos menos graves, mas não menos interessantes; outros, enfim, dependendo da sua aptidão e da facilidade de execução que o médium lhes apresenta, podem ditar obras volumosas.

A forma de fazer perguntas e de coordená-las é, como acabamos de ver, uma coisa essencial. Encontraremos numerosas aplicações disso nos artigos publicados na *Revista espírita*, sob o título de *Conversas Familiares de Além-Túmulo*. Podemos pegá-los como modelos de procedimento a seguir nas relações que nós mesmos queremos estabelecer com os Espíritos.

CAPÍTULO X

CONSELHOS AOS NOVATOS

O conhecimento da ciência espírita baseia-se numa convicção moral e numa convicção material; a primeira é adquirida pelo raciocínio e a segunda através da observação dos fatos. Para o novato, seria lógico ver primeiro e raciocinar depois; infelizmente nem sempre pode ser assim. Seria impossível fazer um curso prático de espiritismo como se faz um curso de física ou de química; os fenômenos que são da competência dessas duas ciências podem ser reproduzidos à vontade: podem então reproduzi-los gradativamente diante dos olhos do estudante, procedendo do simples ao composto. O mesmo não ocorre com os fenômenos espíritos: nós não os manuseamos como uma máquina elétrica; devemos aceitá-los tal como se apresentam, pois não cabe a nós lhes apontar uma ordem metódica. O resultado é que muitas vezes eles são ininteligíveis ou pouco conclusivos para o iniciante; os fenômenos podem causar admiração sem convencer.

Podemos evitar essa inconveniência seguindo um caminho contrário, ou seja, começando pela teoria, e é isso que nós recomendamos a todo mundo que queira seriamente se esclarecer. Pelo estudo dos princípios da ciência — princípios perfeitamente compreensíveis sem experimentação prática — nós adquirimos uma primeira convicção moral que só precisa ser corroborada pelos fatos; agora, como neste estudo preliminar todos os fatos já foram revistos e comentados, disso resulta que quando os vemos logo os compreendemos, seja qual for a ordem em que as circunstâncias permitam que eles sejam observados.

Procurámos reunir nas nossas três publicações todos os elementos

necessários para esta finalidade, considerando a ciência em todos os seus aspectos, e dando sobre os diversos pontos as explicações permitidas pelo estado atual das coisas. Uma leitura atenta destas obras será então uma primeira iniciação que permitirá esperar pelos fatos, ou que dará os meios para os provocar com conhecimento de causa, se nada se opuser, e isto sem nos perdermos em tentativas que podem ser infrutíferas por não terem sido dirigidos dentro dos limites da possibilidade. Nesta ***Instrução prática*** encontram-se todos os princípios fundamentais necessários para os iniciantes; na ***Revista espírita***, além de extensos desenvolvimentos, temos uma considerável variedade de fatos e de aplicações; finalmente, no ***Livro dos Espíritos*** tem o próprio ensinamento dos Espíritos sobre todas as questões de metafísica e de moralidade que estão ligadas à doutrina espírita.

CAPÍTULO XI

INFLUÊNCIA DO ESPIRITISMO

Os adversários do espiritismo inicialmente usaram contra ele a arma do ridículo e, sem cerimônia, tacharam todos os seus adeptos de loucura: essa arma não somente se enfraquece, mas também começa a tornar-se ridícula em si mesma à medida que cresce o número desses supostos loucos em todos os países, e porque seria necessário enviar para os hospícios os homens mais eminentes, pelos seus conhecimentos e pela sua posição social. Então eles mudaram de tática e, assumindo um tom mais sério, lamentaram o destino reservado à humanidade por essa doutrina da qual eles exaltaram os perigos sem refletir que proclamar o perigo de uma coisa significa constatar a realidade dela. Se o espiritismo é uma quimera, por que se preocupar tanto com ele? É como combater moinhos de vento; deixem-no em paz e ele terá uma bela morte. Mas eis que em vez de morrer, ele se propaga com uma rapidez incrível, e os seus seguidores se multiplicam por todos os pontos do planeta, a tal ponto que se isso continuar, em breve, haverá mais loucos do que pessoas sensatas. Agora, quem contribuiu para esse resultado? Foram os próprios adversários que sem querer fizeram a propaganda dele; suas críticas produziram o efeito do fruto proibido. Cada um disse a si mesmo: já que implicam tanto com esse monstro, significa então que existe um monstro — um raciocínio muito lógico. E com a curiosidade ajudando, todos querem ver, nem que seja através dos dedos, cobrindo os olhos; foi assim que muitas pessoas foram levadas a pensar sobre isso, sem que de outra forma talvez elas não teriam ouvido falar dele, ou pelo menos não teriam se ocupado com ele. Se o espiritismo é uma realidade, é porque faz parte da natureza, pois não é uma teoria, uma opinião, um sistema:

ele é um fruto dos fatos. Se for perigoso, é preciso lhe dar um direcionamento. Não se suprime um rio, mas sim orienta-se o seu curso. Vamos ver então em poucas palavras quais são esses supostos perigos.

Dizem que ele pode produzir uma impressão nociva sobre as faculdades mentais. Já nos explicamos suficientemente no decorrer desta obra sobre a verdadeira fonte desse perigo, que vem precisamente daqueles que acreditam combatê-lo inoculando nos cérebros fracos a ideia do diabo ou do demônio. A exaltação, é verdade, também pode vir num sentido oposto; mas deixando de lado todas as ideias do espiritismo, não vemos algum cérebro perturbado por uma falsa apreciação das coisas mais sagradas? Os jornais noticiaram recentemente o fato de uma jovem camponesa que cortou o próprio pulso com um machado ao tomar literalmente estas palavras do Evangelho: ***Se a tua mão é motivo de escândalo, corta a tua mão.*** Por causa disso deveríamos concluir que o Evangelho é perigoso? E será que aquela mãe que matasse os filhos para enviá-los mais rapidamente ao paraíso provaria que a ideia do paraíso é perigosa?

Em apoio a esta alegação contra o espiritismo são citados números, e dizem, por exemplo, que nos Estados Unidos — num único país — conta-se quatro mil casos de loucura causados por essas ideias. Perguntaremos primeiro àqueles que apresentam fatos deste tipo de que fonte eles extraíram esses dados e se as estatísticas que estabelecem são realmente autênticas. Acreditamos que seja retirado de alguns jornais do país que, como todos os adversários, acreditando ter o monopólio do bom senso, considerando todos aqueles que acreditam nas manifestações dos Espíritos como cérebros rachados; não é de surpreender que com tal sistema eles tenham encontrado quatro mil desses casos; este número até nos parece muito modesto, porque hoje eles são contados em centenas de milhares. Pois então, construam hospícios para todos eles! Mas já basta deste assunto, que não merece um exame sério. Vejamos uma acusação muito mais grave.

O espiritismo — dizem algumas pessoas — está arruinando a religião. Temos muita razão em dizer que nada é mais perigoso do que um amigo desastrado. Essas pessoas não imaginam que dizendo isso elas mesmas estejam

atacando a religião na sua base fundamental: a sua eternidade. Como uma religião estabelecida pelo próprio Deus poderia estar ameaçada por algumas batidas?! Então vocês acreditam no poder desses Espíritos que, outras vezes, segundo vocês, não passam de ilusão! Por isso, pelo menos estejam de acordo com vocês mesmos. Se esses Espíritos são mitos, o que vocês têm a temer? Se existirem, duas coisas uma: ou vocês acreditam que eles sejam muito poderosos ou vocês acreditam que a religião seja muito fraca; escolham! Mas — vão dizer —, nós não tememos os Espíritos, pois não acreditamos neles; nós só tememos as falsas doutrinas daqueles que as defendem: que seja! Mas, segundo vocês, aqueles que acreditam nos Espíritos são loucos; então vocês têm medo de que os loucos abalem a Igreja?! Escolha novamente! Quanto a nós, diremos que quem usa essa linguagem não tem fé, porque é não ter fé no poder de Deus acreditar que, por causas tão fracas, seja vulnerável uma religião da qual Jesus disse: As portas do inferno não prevalecerão contra ela.

Vejamos, porém, em que a doutrina espírita é contrária aos princípios religiosos. O que ensinam esses Espíritos tão perigosos? Eles dizem o seguinte: Amem a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmos. Amem-se uns aos outros como irmãos. Perdoem seus inimigos; esqueçam as injúrias; façam aos outros o que vocês gostariam que eles fizessem a vocês. Não se contentem apenas em não fazer o mal, mas façam o bem; suportem com paciência e resignação as tristezas da vida; eliminem do coração o egoísmo, o orgulho, a inveja, o ódio e o ciúme. Eles dizem também: Deus vos dá os bens da terra para fazerem bom uso deles e não para os usufruírem como os avaros; a sensualidade rebaixam vocês ao nível do bruto. Mas Jesus também disse tudo isso; sua moral é, portanto, a do Evangelho. Eles ensinam o dogma da fatalidade? Não; eles proclamam que o homem é livre em todas as suas ações e responsável pelas próprias obras. Será que eles dizem que pouco importa a conduta de alguém aqui neste mundo, e que o destino é o mesmo após a morte? De forma alguma! Eles reconhecem as punições e as recompensas futuras; eles fazem mais: eles evidenciam tudo isso, porque são os próprios seres que estão felizes ou infelizes que vêm nos retratar os seus sofrimentos e as suas alegrias. É verdade que eles não explicam tudo exatamente como fazemos entre nós; que

eles não admitem um fogo físico que queime eternamente almas imateriais. Mas o que importa a forma, se a substância existe?! A menos que se afirme que a forma deva prevalecer sobre a substância, o sentido figurado sobre o significado literal. As próprias crenças religiosas não se modificaram em muitas passagens das Escrituras, especialmente sobre os seis dias da criação, que nós sabemos muito bem não serem mais seis vezes vinte e quatro horas, mas talvez seis vezes cem mil anos? E sobre a idade do globo terrestre, sobre o movimento da Terra em torno do Sol? Não é verdade que o que antes era considerado uma heresia digna do fogo terrestre e celeste, e como a derrubada da religião, não foi admitido pela Igreja, depois que a ciência positiva passou a demonstrar não o erro do texto, mas a falsa interpretação que lhe havia sido dada? O mesmo acontece com o inferno, que a igreja já não situa nos lugares mais baixos da terra desde que ali se pôs um olhar investigativo; a alta teologia admite perfeitamente a existência de um fogo moral; ela não atribui mais um lugar específico ao purgatório desde que sondamos as profundezas do espaço, e pensa que ele poderia estar em toda parte, até mesmo ao nosso lado; e a religião não sofreu com isso; ao contrário, ela se beneficiou por não se endurecer diante das evidências dos fatos. Não se deve julgar a religião pelo que ainda é ensinado nas escolas das aldeias, onde as doutrinas superiores não seriam compreendidas. O alto clero é mais esclarecido do que o mundo geralmente acredita, e ele provou em muitas ocasiões que, se necessário, ele sabe sair das velhas rotinas da tradição e dos preconceitos; mas há pessoas que querem ser mais religiosas do que a religião e que a rebaixam pela mesquinhez das suas opiniões; para eles a forma é tudo, e até sobrepõe a moral do Evangelho, que eles praticam muito pouco: são estes que mais lhe fazem mal. Em que então a doutrina espírita seria perniciosa? Ela explica o que estava inexplicado; demonstra a possibilidade daquilo que se pensava ser impossível; prova a utilidade da oração; ela apenas diz que só a prece de coração é eficaz e que a dos lábios é uma vã simulação; quem se atreveria a argumentar o contrário? A não eternidade das tristezas, reencarnação: eis aqui então a grande pedra no caminho! Mas se estes fatos nunca se tornarem tão óbvios e tão comuns como o movimento da Terra em torno do Sol, será preciso se render à evidência, tal

como foi feito com o resto, e, procurando fazer isso desde já, talvez fosse menos difícil concordar que não se acredita. Não nos apressemos, pois, em pronunciar um julgamento que poderia ser demasiado precipitado, e aproveitemos as lições da história.

O maior inimigo da religião é o materialismo, e este não tem adversário mais duro do que a doutrina espírita. O **ESPIRITISMO** já trouxe de volta ao **ESPIRITUALISMO** inúmeros materialistas obstinados que até então tinham resistido a todos os argumentos teológicos; isso porque o espiritismo faz mais do que argumentar, ele torna as coisas patentes. Ele é, portanto, o mais poderoso auxiliar das ideias religiosas, porque dá ao homem a convicção do seu destino futuro e como tal ele deve ser acolhido como um benefício para a humanidade. Ele reavivou em mais de um coração a fé na Providência, fez nascer a esperança no lugar da dúvida; fez mais: resgatou mais de uma vítima do suicídio, restaurou a paz e a concórdia nas famílias, acalmou ódios, amorteceu paixões brutais, desarmou a vingança e levou resignação à alma do sofredor. Será que ele é subversivo da ordem social e da moralidade pública? Essa doutrina — que condena o ódio e o egoísmo, que prega o desinteresse, o amor ao próximo, sem exceção de seitas ou castas — não pode excitar paixões hostis, e seria desejável para a paz do mundo e para a felicidade da raça humana que todos os homens compreendessem e praticassem tais princípios; eles não teriam nada a temer uns dos outros.

Eis para onde a loucura do espiritismo conduz entre aqueles que, aprofundando-se nesses mistérios, veem nas manifestações algo diferente de mesas que giram ou demônios que dão provocam batidas.

Participe do curso online
KLM – Estudo de *O Livro dos Médiuns*
promovido pela
PEADE – Plataforma de Estudos Avançados da Doutrina Espírita



www.luzespirita.org.br/peade

